



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

O PAPEL DA ENTREVISTA COMO FERRAMENTA JORNALÍSTICA NA  
COMPREENSÃO DOS FATOS

GABRIELA ALBUQUERQUE MESTRE

Brasília  
2023

O PAPEL DA ENTREVISTA COMO FERRAMENTA JORNALÍSTICA NA  
COMPREENSÃO DOS FATOS

GABRIELA ALBUQUERQUE MESTRE

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito à obtenção do grau de Bacharel em Comunicação, com habilitação em Jornalismo.  
Orientador: Prof. Dr. Fernando Oliveira Paulino Co-orientadora: Prof. Dra. Luma Poletti Dutra

Brasília  
2023

GABRIELA ALBUQUERQUE MESTRE

## **O PAPEL DA ENTREVISTA COMO FERRAMENTA JORNALÍSTICA NA COMPREENSÃO DOS ACONTECIMENTOS**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito à obtenção do grau de Bacharel em Comunicação, com habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Oliveira Paulino Co-orientadora: Prof. Dra. Luma Poletti Dutra

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Fernando Oliveira Paulino  
Universidade de Brasília - UnB  
(Orientador)

---

Prof. Dr. Fabio Henrique Pereira  
Universidade de Brasília - UnB  
(Membro)

---

Prof. Dra. Thaís de Mendonça Jorge  
Universidade de Brasília - UnB  
(Membro)

---

Prof. Dra. Ana Carolina Kalume Maranhão  
Universidade de Brasília - UnB  
(Suplente)

## AGRADECIMENTOS

Diferentes circunstâncias do cotidiano podem passar por nós, muitas vezes, despercebidas. A minha gratidão, neste momento, se estende a cada um desses detalhes. Meu intuito neste texto de agradecimento é demonstrar o valor que atribuo a todos os minutos que outras pessoas dedicaram a mim, a este trabalho e à minha carreira, conscientes ou não da dimensão dessa influência.

Agradeço aos meus pais, Elza e Flávio, que me incentivam a percorrer meus sonhos e não medem esforços para colaborar com essa busca. Mais que encorajadores, acompanhados pelo meu irmão, Lucas, são minhas grandes inspirações.

Agradeço pelo acolhimento de todos os meus familiares e amigos, partes importantes do primeiro passo que me trouxe à conclusão deste curso, quando me mudei para Brasília e, conseqüentemente, transformei o rumo da minha vida, sem antes saber o que esperar. Hoje, me sinto segura ao dizer que tenho como companhia minhas maiores forças.

Agradeço, com especial cuidado, ao meu falecido avô Alípio, de quem sinto saudade e que, um dia, idealizou a minha figura ao cumprimentar com “boa noite” o jornalista pela televisão.

Com igual destaque, agradeço aos docentes da Faculdade de Comunicação. Pensar nos professores que fizeram parte da minha trajetória acadêmica é lembrar, automaticamente, da presteza e cuidado que recebi e do sentimento de admiração que foi construído em mim. Reconheço em detalhes todas as contribuições destes docentes à minha carreira, que doaram tempo e disposição à minha formação.

Ao meu orientador, professor Fernando Oliveira Paulino, agradeço especialmente por ter abraçado o meu projeto que já caminhava, assim como à minha co-orientadora, Luma Poletti Dutra, que mesmo à distância, tornou presente o seu cuidado e as suas contribuições primorosas. Faço questão de agradecer, também, ao professor Fabio Henrique Pereira, responsável pela condução inicial deste projeto.

Agradeço, ainda, às docentes da Universidade de Brasília que aceitaram contribuir com a minha pesquisa como entrevistadas: Anabelle Carrilho Da Costa e Hayeska Costa Barroso, do Departamento de Serviço Social; Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas e Tatiana Yokoy de Souza, da Faculdade de Educação; e Silviane Bonaccorsi Barbato, do Instituto de Psicologia.

## RESUMO

A presente pesquisa visa analisar o reconhecimento da entrevista como um recurso valioso para o desenvolvimento da apuração jornalística. Pela perspectiva de Cremilda Medina (2000), o estudo parte da hipótese de que, muito além de um gênero textual com função informativa, a entrevista é uma ferramenta que não se limita às técnicas registradas em manuais, mas é enriquecida à medida em que se busca, na interação entre o entrevistador e a fonte jornalística, um diálogo. Essa relação precisa, sem dúvidas, se fundamentar em um fio condutor, contudo, não deve estar circunscrita em uma única esfera. Assim, a partir da perspectiva de relações sociais de Erving Goffman (1975), foram feitas análises de três diferentes modelos de entrevista, com a intenção de verificar a mais proveitosa para o processo de produção jornalística. Foi possível perceber que uma entrevista análoga ao questionário pode limitar a capacidade do jornalista de obter informações. Por outro lado, ainda que haja o esforço de comparar a entrevista a um tipo de conversação inteiramente aberta, não se trata de um diálogo perfeito, uma vez que há objetivos próprios para a apuração do jornalista.

**Palavras-Chave:** Entrevista; Jornalismo; Apuração jornalística; Análise conversacional.

## ABSTRACT

This research aims to analyze the recognition of the interview as a valuable resource for the development of journalistic investigation. From the perspective of Cremilda Medina (2000), the study starts from the hypothesis that, far beyond a text genre with informative function, the interview is a tool not limited to manual techniques, but is enriched the extent to which is seek, in the interaction between the interviewer and the journalistic source, a dialogue. This relationship undoubtedly needs to be based on a common thread, however, it should not be circumscribed in a single sphere. Therefore, on the basis of Erving Goffman (1975) social relations perspective, three different interview models were analyzed, with the intention of verifying the most profitable one for the journalistic production process. It was possible to perceive that an interview analogous to a questionnaire may limit the journalist's ability to obtain information. On the other hand, even if there is an effort to compare the interview to a type of completely open conversation, it is not a perfect dialogue, since there are specific objectives for the journalist's investigation.

**Keywords:** Interview; Journalism; Journalism investigation; Conversational analysis.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. METODOLOGIA DE PESQUISA.....	14
2.1. Metodologia experimental da análise da conversação.....	17
2.2. Análise conversacional.....	19
2.2.1. Funções na conversação.....	19
2.2.2. Contexto e material produzidos na conversação.....	21
2.2.3. Regras de procedimento da conversação.....	23
2.2.4. Organização das conversações.....	23
2.2.5. O conceito de polidez.....	25
3. REFERENCIAL TEÓRICO.....	28
3.1. Classificações de entrevista.....	28
3.1.1. A entrevista nas Ciências Sociais.....	30
3.1.2 A entrevista no Jornalismo.....	31
3.2. Proposta de categorização da entrevista jornalística.....	39
3.3. A representação do self no cotidiano.....	43
4. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	45
4.1. Entrevista de fórmulas estabelecidas.....	46
4.2 Entrevista ritual informativa.....	49
4.3 Entrevista dialogal.....	53
5. CONCLUSÕES.....	56
6. REFERÊNCIAS.....	58
APÊNDICES.....	60

**LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Tipos de receptores na conversa.....	5
Quadro 2 - Materiais de falhas comunicativas.....	18
Quadro 3 - Unidades da conversação.....	20
Quadro 4 - Categorias de entrevista por Duarte (2010).....	26
Quadro 5 - Categorias de entrevista por Lage (2001).....	28
Quadro 6 - Categorias de entrevista por Erbolato ERBOLATO (1984).....	33
Quadro 7 - Tipos de entrevista por objetivo por Reynaga (1991).....	33
QUADRO 8 - Categorização de entrevistas para análise conversacional.....	38

## 1. INTRODUÇÃO

O objetivo geral deste estudo é promover a discussão sobre o papel da entrevista como uma ferramenta do jornalismo na apreensão da realidade e compreensão dos fatos. Os objetivos específicos são: analisar os diferentes formatos de entrevista e os efeitos que produzem na interação com o entrevistado, e avaliar em que medida uma entrevista que se aproxima do formato de um diálogo pode oferecer resultados mais interessantes do ponto de vista da apuração jornalística.

Ao longo da história da imprensa, foi possível perceber que as formas de produzir notícias estão em um processo constante de adaptação diante das mudanças trazidas por novas tecnologias (Basile, 2009). A partir dessas transformações, o trabalho nas redações dos veículos assumiu um ritmo cada vez mais frenético, e o tempo real começa a ser critério para a divulgação da notícia e “as informações passam a ser publicadas a ‘conta gotas’” (PEREIRA, 2006, p. 104).

Da mesma forma, a entrevista, como parte do processo de apuração, também tem sofrido adequações, assim como a relação com as fontes, tendo as assessorias de imprensa de grande parte das instituições incorporado à dinâmica de produção de notícia em tempo real (PEREIRA, 2006). Quando se refere à apuração de jornalistas para sites noticiosos em tempo real, que praticam o que se conceituou como “jornalismo sentado”, no qual o profissional registra informações para a notícia sem se locomover do espaço físico da redação, o contato com as fontes pode ser mediado por telefone (PEREIRA, 2006), e-mail ou redes sociais. Essas mudanças indicam um maior distanciamento estabelecido na relação entre o entrevistador e o entrevistado no processo de apuração diante das novas dinâmicas das práticas do jornalismo.

Diante destas reflexões, este trabalho busca resgatar o sentido da entrevista como um diálogo possível, bem como Medina (2000) reconhece, partindo da hipótese de que uma entrevista que se aproxima de uma forma dialogal pode ser mais produtiva para o processo de apuração jornalística quando comparada a modelos mais fechados ou aproximados de uma enquête. A enquête é identificada por Medina (2000) como um subgênero de entrevista utilizado para coletar um painel de opiniões e, como explica Jorge (2019), geralmente “é apenas uma pergunta dirigida a muitos interlocutores” (JORGE, 2019).

Instrumento importante para o entendimento do que é noticiado, a entrevista, quando desenvolvida além de um roteiro de perguntas pré-estabelecido, tem a possibilidade de ampliar

os olhares sobre o assunto em questão e trazer novos vieses, que nas mãos do jornalista, podem modificar uma pauta completamente. Muito além de absorver as contribuições do entrevistado de forma passiva, o momento da entrevista pode ser encarado como um espaço de troca de experiências entre os atores envolvidos, sendo eles o entrevistado, o entrevistador e o público do conteúdo produzido. Sobre isso, Medina (2000) explica:

Ocorre, com limpidez, o fenômeno da identificação, ou seja, os três envolvidos (fonte de informação - repórter - receptor) se interligam numa única vivência. A experiência de vida, o conceito, a dúvida ou o juízo de valor do entrevistado transformam-se numa pequena ou grande história que decola do indivíduo que a narra para se consubstanciar em muitas interpretações. A audiência recebe os impulsos do entrevistado, que passam pela motivação desencadeada pelo entrevistador, e vai se humanizar [...] (Medina, 2000, p. 8).

Existem diferentes tipos de classificação de entrevistas, que é um recurso metodológico utilizado em áreas diversas das ciências sociais (Rouchou, 2003). O material colhido pode ser identificado, por exemplo, de acordo com o modelo escolhido pelo entrevistador; com a sua categorização enquanto gênero textual; com o tipo de aproveitamento visado para o conteúdo; com o tipo de narrativa escolhida; e com o tratamento estilístico dado à entrevista. Essas categorizações existentes contribuem com o objetivo da pesquisa, na medida em que auxiliam na definição dos diferentes tipos de entrevista analisados neste estudo e as legitimam enquanto procedimento da apuração jornalística.

Para viabilizar essa análise, foram conduzidos diferentes tipos de entrevista com professoras de áreas das Ciências Humanas e Sociais que utilizam a entrevista em suas práticas acadêmicas, partindo de um modelo mais estruturado até um formato dialógico como o proposto por Medina (2000). Com base nos conceitos de Goffman (1975), foram entrevistadas pessoas que compartilham de uma mesma representação na sociedade, ou seja, que desempenham papéis sociais similares ou que pertencem a um mesmo grupo socioprofissional, a fim de facilitar a análise proposta neste trabalho e permitir um melhor controle das interferências de variáveis.

No presente estudo, a autora propõe um modelo próprio de classificação de entrevista elaborado com base em diversas referências de pesquisas sobre o tema, como as de Cremilda Medina (2000) e Nilson Lage (2001). São três tipos de entrevista — de fórmulas estabelecidas, a ritual informativa e a dialogal — que podem ser comparadas pelo objetivo em comum de buscar um resultado informativo acerca do mesmo tema, mas que têm, essencialmente, abordagens diferentes.

O objetivo da pesquisa é viabilizar uma análise conversacional das entrevistas realizadas neste trabalho, a fim de promover a discussão sobre qual abordagem é a mais proveitosa para o trabalho de apuração jornalística. A entrevista de “fórmulas estabelecidas” parte de um roteiro de perguntas fechado e imutável. As questões de uma entrevista “ritual informativa” são semi-abertas, que também seguem um planejamento prévio, mas que cedem uma margem de improviso ao entrevistador.

A “dialogal”, por sua vez, busca se aproximar de uma conversa entre duas pessoas. A entrevista tem origem em torno de um tema, mas não é guiada por perguntas pré-estabelecidas, e a participação do entrevistador é mais presente, assim como em um diálogo as trocas entre os falantes são combinadas para constituírem as interações, como explica Kerbrat-Orecchioni (2014).

Assim, a proposta deste estudo é realizar entrevistas de cada uma das tipologias propostas com professoras de cursos das Ciências Humanas e Sociais, exceto Comunicação Social, que utilizam a entrevista como ferramenta em seu campo de pesquisa e atuação. A escolha dos meios de atuação das entrevistadas teve o propósito de enriquecer o processo de análise do desenvolvimento das entrevistas. Isso porque, após a realização das entrevistas, foi desenvolvida uma segunda etapa da conversação, em que as entrevistadas tiveram a oportunidade de opinar sobre o processo da entrevista em si, enquanto profissionais que também lidam com essa ferramenta. A exclusão de professoras da Faculdade de Comunicação para a amostra de entrevistadas foi proposital, pois a compreensão jornalística sobre a entrevista poderia, em alguma medida, interferir no processo de desenvolvimento das respostas. Os dois processos foram gravados em conteúdo audiovisual, devidamente autorizado pelas participantes e geraram um vídeo de 12 minutos, apresentado durante a realização da defesa deste trabalho, na Universidade de Brasília, em 16 de fevereiro de 2023.

Foram entrevistadas cinco acadêmicas das seguintes áreas: Psicologia, Educação e Serviço Social. O tipo de entrevista que seria realizada com cada entrevistada foi definido de forma aleatória. Com o propósito de contribuir com as análises, os encontros foram realizados em espaços escolhidos pelas professoras. O motivo da definição do ambiente tem como fundamento a explicação de Goffman (1973) sobre o ambiente da interação, que é observado como um cenário que tem influência na atuação das representações da interação.

Goffman (1975) reflete sobre o comportamento do indivíduo como uma performance teatral. Sendo assim, cada ator ou atriz, como as entrevistadas neste estudo, busca adequar o seu comportamento ao cenário em que se encontra e ao público com o qual interage, formado não apenas pelo entrevistador, mas também pelo receptor do conteúdo gerado pela entrevista.

Com isso, o ator pretende preservar a imagem da sua fachada pessoal - estabelecida pelo cenário, pela aparência e pela maneira de agir - uma vez que essa é vinculada a um tipo idealizado.

Esta monografia está dividida em quatro partes. Após a introdução, o capítulo 1 apresenta a metodologia do estudo, explica a utilização da análise conversacional das entrevistas realizadas, com base em Goffman (1975). No segundo capítulo, são expostos os resultados de pesquisa sobre classificações de tipos de entrevista e conceitos da representação do indivíduo na vida cotidiana.

Em seguida, na seção de análises, são apresentadas observações e reflexões sobre as entrevistas realizadas no desenvolvimento do trabalho e as avaliações da execução desse procedimento e dos retornos e reações obtidos. Nessa etapa, a partir da avaliação dos resultados obtidos, é examinado qual modelo de entrevista é potencialmente mais enriquecedor para o processo de apuração da produção jornalística, seguida pelo capítulo de conclusão. As íntegras das entrevistas estarão disponibilizadas em apêndice deste trabalho.



## 2. METODOLOGIA DE PESQUISA

Para examinar os resultados obtidos e o desenvolvimento das entrevistas realizadas, o método a ser utilizado foi a análise conversacional, fundamentada pelos conceitos de Goffman (1975). A técnica permite a comparação entre as entrevistas, visando ao objetivo do trabalho. Segundo Nunes (2007), a análise conversacional deve levar em consideração os cenários em que a interação ocorre, as culturas diversas, a reserva de conhecimento obtida por meio de experiências anteriores dos participantes do diálogo e o próprio sistema de comunicação mediada.

No último caso, existe interferência na veiculação da mensagem, por exemplo, quando há uma tradução ou o uso de recursos tecnológicos, como telefone ou computador. A fim de evitar essa mediação sociotécnica, as entrevistas desta monografia foram realizadas presencialmente, em Brasília (DF), nos dias 5, 10, 12 e 16 de janeiro de 2023. Como lembra Nunes (2007), além de sinais linguísticos, devem ser percebidos os sinais físicos que fazem parte de uma conversa.

Em uma comunicação mediada, sendo impossível essa identificação, são reconhecidas características que compõem a estrutura da conversa em uma sequência. Essas regras, geralmente, na interação, acontecem de forma inconsciente e não são percebidas pelo falante. Nesse prosseguimento, há etapas de “identificação-reconhecimento”, de “saudação”, de “como vai você?” e de “fechamento”. Há, também, o modelo de tomada da palavra, no qual os indivíduos reconhecem o momento de transição do papel de falante para ouvinte.

Contribuindo para a análise conversacional, Goffman (1974) instituiu o modelo de *frameworks* para enquadrar as atividades sociais, cujo propósito “é isolar algumas estruturas (*frameworks*) básicas disponíveis em nossa sociedade para conferir sentido aos eventos e analisar as vulnerabilidades especiais a que esses quadros de referência estão sujeitos” (GOFFMAN, 1974 *apud* NUNES, 2007).

Na teoria do *framework*, Goffman atribuiu quatro posições possíveis para o falante, percebidas como *self* múltiplo: de responsável pela mensagem; de estrategista, de manipulador do conteúdo; de animador, que promove a fala de outras pessoas; e de figura, que representa a imagem de um terceiro. No cotidiano, é possível incorporar todas essas classificações durante uma conversa. Para Nunes (2007), “a ‘norma’ do ‘enquadramento’ é a mutabilidade, tanto em nível do agente (*self* múltiplo) como em nível de estrutura” (NUNES, 2007, p. 262).

Para cada uma das classificações de entrevista propostas, foram elaborados questionamentos e temas como fios condutores com conteúdos alinhados. O planejamento leva em consideração o objetivo em comum das entrevistas, temático-informativo, que será melhor explicado nos próximos capítulos deste trabalho, a fim de viabilizar a análise dos três processos como meios de apuração jornalística.

Como uma pesquisa experimental nas ciências sociais, houve o esforço de suavizar o efeito de determinadas variáveis no processo da entrevista que trazem impacto para a análise proposta. Dessa forma, todas as entrevistadas compartilham da mesma profissão e não tiveram contato prévio com a entrevistadora, de modo a evitar que o fator de proximidade influenciasse, em algum nível, a característica das respostas.

As posições sociais para o momento da entrevista são, então, observadas desde o momento de abordagem das entrevistadas. O convite para que as professoras participassem do trabalho foi feito por e-mail, reproduzido de forma idêntica, mas individualmente, a cada uma das convidadas. Nesse primeiro contato, a entrevistadora se apresenta como uma estudante da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, que está se graduando em Jornalismo.

O pedido de participação da professora é feito em uma breve explicação sobre o trabalho, que tem como foco a entrevista no campo da Comunicação. A professora é abordada enquanto uma profissional que se utiliza, também, da ferramenta de entrevista em sua profissão. As docentes convidadas foram identificadas por meio de uma plataforma da própria Universidade, que reúne assuntos e temas específicos trabalhados pelos pesquisadores da academia, chamado “UnB Pesquisa<sup>1</sup>”. Assim, foi possível encontrar, entre as professoras das áreas de Psicologia, Educação e Serviço Social, as que têm como objeto de pesquisa o tema “entrevista”.

A partir dessa abordagem, inevitavelmente, as posições da entrevistadora e das entrevistadas no encontro começam a ser estabelecidas. De um lado, a posição social de estudante e, de outro, a de professora, pode evidenciar uma relação de hierarquia própria do relacionamento estabelecidos entre essas funções na sociedade. Essa condição hierárquica foi, inclusive, mencionada por uma das entrevistadas durante a conversa. Esses papéis, de estudante e de professora, serão as posições sociais assumidas como principais por cada um dos lados envolvidos na entrevista.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://pesquisar.unb.br/>>. Acesso em: 4 fev. 2023.

Vale pontuar, ainda, que se trata de uma conversação entre pessoas que têm a entrevista, enquanto ferramenta de ofício, como um meio estudado e conhecido pelas partes, fator passível de ser identificado como um dos pontos em comum entre a entrevistadora e a entrevistada.

Essa escolha teve o propósito principal de questionar às convidadas, ao final da entrevista, a respeito da fórmula trabalhada, proporcionando respostas opinativas sobre o método enquanto instrumento de trabalho a partir de campos de estudos diferentes. Foi realizada, então, uma segunda etapa durante a conversação com objetivo metalinguístico. Nessa etapa, a entrevistadora levantou discussões sobre o modelo de entrevista utilizado, visando a obter contribuições das entrevistadas para a análise da prática a partir de suas percepções da experiência.

A fim de evitar o condicionamento das respostas das entrevistadas, essa explicação foi realizada ao final de cada entrevista, bem como o propósito do estudo de avaliação de modelos de entrevista enquanto instrumentos de coleta de informação para o jornalista. Assim, não foi comunicado, previamente, qual modelo de entrevista seria utilizado nos encontros. Esses esclarecimentos foram feitos no segundo momento da conversa com cada uma das entrevistadas, que também foi registrado nas gravações e transcrições deste trabalho.

O fato de as entrevistadas trabalharem com a entrevista em seus respectivos campos de estudo desempenhou também, como consequência, a função de minimizar as variáveis para a análise proposta, uma vez que todas as envolvidas têm a compreensão de objetivos centrais da entrevista e se apresentaram dispostas a se debruçar em suas respostas, com pouca ou quase nenhuma preocupação de controlar o tempo sobre a fala.

Mesmo a possível influência da forma como o convite de participação foi feito às entrevistadas, em que havia o pedido específico de contribuição para um trabalho de análise de entrevista, deve ser considerado para perceber a predisposição em colaborar com o conteúdo das respostas. O êxito do entrevistador no momento de coleta de informações depende, em certa medida, da disposição do entrevistado de se comunicar e de responder aos questionamentos, ainda que esse interesse seja uma variável e possa estar relacionado à personalidade do entrevistado.

Foi comunicado a todas as professoras que, na entrevista, seriam abordadas quatro perguntas ou quatro temas - no caso da entrevista dialogal - a fim de que as entrevistadas tivessem condições de presumir o tempo que gostariam de levar para cada uma das respostas. Também foi pedido a todas as entrevistadas que o encontro durasse, aproximadamente, de vinte a trinta minutos, para viabilizar o cálculo da duração de suas respostas de forma igual a cada participante.

Outro ponto em comum entre a entrevistadora e as entrevistadas, que foi elucidado por meio do contato prévio, é o fato de todas as envolvidas serem do sexo feminino, com o intuito de promover o reconhecimento desse fator de igualdade entre as participantes no desenvolvimento da interação. A questão foi abordada por uma das entrevistadas, Yokoy (2023), professora da Faculdade de Educação, no segundo momento da conversa. Ela considerou que, se a entrevista fosse realizada por um homem, o momento “poderia ser conduzido de uma forma diferente” (YOKOY, 2023), entre outras observações sobre as particularidades das envolvidas na entrevista.

A mesma professora faz observações sobre o ambiente da entrevista, que é contemplado na análise do cenário da conversa, a partir dos conceitos de Goffman (1975). As entrevistas foram realizadas em lugares escolhidos pelas professoras. A maioria optou por marcar o encontro em suas respectivas salas nas faculdades em que lecionam. Para entender essa escolha, é válido retomar o contexto dos papéis sociais exercidos pelas envolvidas nas entrevistas, que se relacionam, fundamentalmente, ao cenário em que as entrevistas - ou atuação, na linguagem goffmaniana - foram realizadas.

A relação com a Universidade de Brasília, desde o início do contato entre a entrevistadora e as entrevistadas, é um fator de semelhança e proximidade entre as envolvidas. A entrevistada, abordada enquanto professora da UnB, pode ter sido conduzida à compreensão de que o espaço destinado para o exercício da sua atividade na Universidade é o mais adequado para a realização daquela cena: a entrevista.

Para o desenvolvimento da análise da entrevista, vale pontuar que a pesquisa não busca observar a comunicação não verbal estabelecida na interação, ainda que algumas características desse tipo de troca comunicacional tenham sido citadas. Além disso, houve uma etapa de realização de um pré-teste, antes do estabelecimento dos roteiros de perguntas das entrevistas que fizeram parte desta pesquisa experimental, que permitiram, a partir de dois modelos de entrevista, aferir se a hipótese inicial tem fundamentos na realidade e dar sequência ao estudo proposto.

## **2.1. Metodologia experimental da análise da conversação**

A metodologia experimental, considerando sua aplicação em análises empíricas, é facilmente associada a pesquisas quantitativas (Marradi, 2013). O método experimental, chamado de família experimental por Marradi (2013), envolve “um sistema de conceitos, termos, técnicas e *know-how*, pretensões cognitivas que se entrelaçam estreitamente” (Marradi,

2013, p. 20) e tem como pressuposto a proposta de generalizar o resultado de um experimento no sentido de estendê-lo para além de um caso específico.

Porém, o estudo experimental nas ciências sociais não é um fenômeno recente, como aponta Almeida (2016). A autora cita pesquisadores da primeira geração da Universidade de Chicago, até meados de 1930, e experiências durante as Guerras Mundiais como origens da pesquisa experimental. Contudo, o aprimoramento de *softwares* e *surveys* nas décadas de 1980 e 1990 resultou em visibilidade à metodologia nas áreas de comportamento eleitoral e debate sobre neo-institucionalismo. Pesquisas *survey*, questionários e modelos de entrevista são tidos como maneiras de mensuração na metodologia experimental (McDermott, 2002, apud Almeida, 2016). Nesse sentido, é possível visualizar a correlação das dinâmicas de entrevista à metodologia experimental.

Para validar a metodologia de pesquisa como experimental, fazem-se necessárias variáveis suscetíveis de controle e manipulação, o que implica na separação dos participantes em grupos de tratamento e de controle, sendo o primeiro influenciado pela variável em estudo (Almeida, 2016). Além disso, é preciso padronizar o ambiente de controle, no qual as interações do método experimental são realizadas. Esse ambiente não é meramente observacional, sendo “real no sentido que indivíduos reais estão envolvidos” (Morton; Williams, 2009 apud Almeida, 2016).

Aplicando esses conceitos à presente pesquisa, partindo do último citado, concretizamos o ambiente de controle de forma que este espaço seja visto, ainda, como o cenário de atuação das personagens entrevistadas, da forma descrita por Goffman (1975). Tendo em mente os fins deste estudo, quando se idealiza o ambiente de controle e manipulação, apesar do caráter mecânico da definição, propõe-se considerar a experiência vivida pelos participantes durante o experimento relacionada à ambientação.

Considerando que se pretende estudar o conteúdo gerado pelas entrevistas propostas, em termos de apuração jornalística, o formato e estruturação de cada entrevista realizada são variáveis de controle da pesquisadora. Conjuntamente, tendo em vista a discussão que motiva o presente estudo - partindo da hipótese de que a aproximação da entrevista ao que se entende por diálogo desperta vantagens ao entrevistador, as entrevistadas sujeitas ao modelo de entrevista que corresponde a esse propósito compõem o grupo de tratamento.

## 2.2. Análise conversacional

Existem regras implícitas durante a conversação que, geralmente, não são conscientes aos emissores e receptores da conversa, posições essas chamadas de papéis interlocutivos, que podem, ainda, trocar de turno durante a interação (Kerbrat-Orecchioni, 2014). Regem essa interação, por exemplo, algumas características de um conjunto de mecanismos de ajustes chamado de sincronização interacional (Kerbrat-Orecchioni, 2014).

O funcionamento da troca de turnos de fala, comportamentos corporais e as escolhas do conjunto material discursivo, como os temas da conversa, estilo da troca de turno, língua e tipo de vocábulo, integram essa interação. É função da análise conversacional explicitar essas regras, que “sustentam o funcionamento das trocas comunicativas de todos os gêneros” (Kerbrat-Orecchioni, 2014).

Para que seja possível a análise interacional, faz-se necessário em primeiro lugar identificar a tipologia de interação verbal. Dentre elas, a entrevista, ao lado de tipos de interação como debates, transações comerciais e sessões de tribunal, como exemplificativos. Para isso, observam-se os critérios do lugar espaço-temporal da interação; do número de participantes e suas naturezas, bem como seus papéis; o tipo de contrato que estabelece suas relações; o objetivo da interação; e seu grau de formalidade (Kerbrat-Orecchioni, 2014), que são mais bem detalhados ao longo do capítulo.

### **2.2.1. Funções na conversação**

A interação é um trabalho colaborativo em que o exercício da fala é observado por trocas entre seus participantes, os quais dispõem, ainda, de funções particulares (KERBRAT-ORECCHIONI, 2014). Para Kerbrat-Orecchioni (2014), “falar é trocar, e mudar na troca” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2014, p. 8), sendo a comunicação oral face a face a experiência linguística por excelência. Havendo os papéis de emissor e receptor, tratam-se de atribuições do primeiro:

Ele [o emissor] deve indicar que está falando com alguém pela orientação do corpo, pela direção do olhar ou pela produção de formas de tratamento; ele deve também prestar atenção aos tipos de ‘captadores’ (tais como ‘hein’, ‘né’, ‘sabe’, ‘você vê’, ‘digamos’, ‘vou te dizer’, ‘nem te conto’ etc.), e eventualmente ‘corrigir’ falhas da escuta ou problemas de compreensão, por meio de um aumento da intensidade vocal, das retomadas ou das reformulações: qualificamos, geralmente, de fáticos esses diversos procedimentos, dos quais se vale o falante para se assegurar da escuta de seu destinatário (Kerbrat-Orecchioni, 2014, p. 8)

Da mesma forma, cabe ao receptor da conversa:

Ele [o receptor] também deve produzir alguns sinais que visam confirmar ao falante que está, de fato, ‘ligado’ no circuito comunicativo. Esses reguladores (ou sinais de escuta) têm realizações diversas: não verbais (olhar e meneio de cabeça, mas também, dependendo da ocasião, franzimento de sobrancelhas, sorrisinho, ligeira mudança de postura...), vocais (‘hummm’ e outras vocalizações), ou verbais (‘sim’, ‘certo’), ou retomadas na forma de eco. Eles têm também significações variadas (‘estou te acompanhando’, ‘temos um problema de comunicação’ etc.), mas, em todo caso, a produção regular desses sinais de escuta é indispensável para o bom funcionamento da troca: experiências provaram que sua ausência acarreta importantes perturbações no comportamento do falante (Kerbrat-Orecchioni, 2014, p. 9)

Kerbrat-Orecchioni (2014) explica que a ideia do discurso como construção coletiva é um dos postulados fundamentais nas correntes em análise das interações. Entende-se que durante uma conversa, assim como falar e escutar, a troca entre os participantes —de experiências, informações, conhecimentos— permite que a conversa seja visualizada como um exercício construtivo. Dessa forma, o exercício da fala implica na alocação, com a existência de um destinatário da mensagem; a interlocução, com a troca de palavras; e a interação, na qual o falante e o destinatário exercem influências mútuas um sobre o outro (KERBRAT-ORECCHIONI, 2014).

A autora recorre, ainda, a definições de Erving Goffman (1973) para distinguir tipos de receptores na conversa. Assim, eles podem ser compreendidos como participantes reconhecidos, os quais fazem oficialmente parte da interação; e os simples espectadores, que se dividem em receptores ocasionais (sua presença é reconhecida pelo emissor) e espiões (de modo algum a mensagem é destinada a esse indivíduo). Aos participantes reconhecidos, compreendem-se os destinatários diretos ou alocutários, com quem o emissor interage principalmente e é reconhecido por “índices de alocação produzidos pelo falante e que são de natureza verbal ou não verbal” (Kerbrat-Orecchioni, 2014); e os destinatários indiretos ou laterais, que seria uma terceira pessoa presente no contexto da conversa. Dessa forma, temos:

QUADRO 1 - TIPOS DE RECEPTORES NA CONVERSA

<b>Participantes reconhecidos</b>	<b>Simple espectadores (bystanders)</b>
- Destinatários diretos ou alocutários: reconhecidos por índices verbais ou não verbais	- Receptores ocasionais (overhears): o emissor é consciente da presença

<ul style="list-style-type: none"> <li>- Destinatários indiretos ou laterais: existem em poliálogos, ou seja, quando há ao menos uma terceira pessoa integrando a interação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Espiões (eavesdroppers): intrusos, não são destinatários da mensagem em nenhum contexto</li> </ul>
--	---

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Diante dessas definições, Kerbrat-Orecchioni (2014) conclui que:

[...] a configuração do formato de recepção é, ao mesmo tempo, fluida (porque as fronteiras que separam as diferentes categorias de receptores não são nítidas) e flutuante (porque o estatuto interlocutivo dos participantes não para de se modificar ao longo do desenvolvimento da interação) (Kerbrat-Orecchioni, 2014, p. 31)

A autora explica, ainda, que entre o emissor e os receptores são identificados papéis interacionais. Diferentemente dos papéis interlocutivos, os interacionais são de “relativa estabilidade ao longo da troca, porque estão diretamente ligados ao tipo de interação em curso” (Kerbrat-Orecchioni, 2014). Além disso, os papéis interacionais são, também, identificados pela complementaridade dos participantes, o que não se espera em uma conversação, onde a interação é simétrica (KERBRAT-ORECCHIONI, 2014).

A identificação dos papéis de entrevistador e entrevistado, por exemplo, caracteriza os papéis interacionais, que regem a comunicação entre os participantes a partir da identificação mútua desses status. É possível, portanto, comparar essa definição com as de relações sociais estabelecida por Erving Goffman (1975), no sentido de evidenciar a importância de atribuições ao papel reconhecido entre os indivíduos na interação. Papéis esses identificados a partir do contexto no qual a conversa está ambientada, inclusive físico, como evidenciado no primeiro capítulo deste trabalho.

### 2.2.2. Contexto e material produzidos na conversação

O contexto é, em primeiro lugar, o “conjunto de representações que os interlocutores têm do contexto” (Kerbrat-Orecchioni, 2014). Como explica o autor, da mesma forma que o contexto será transformado pelo discurso e pelas interações da conversação, também condicionará escolhas do falante e do receptor. Assim, ainda que o ambiente compartilhado seja o mesmo para os participantes da conversa, suas representações serão individuais, a partir da interpretação do indivíduo.

Nesse processo, para Kerbrat-Orecchioni (2014), o contexto exerce tanto um papel interpretativo quanto sobre a produção da conversação, sendo o último relacionado às escolhas feitas pelo falante determinadas pelo contexto. Como exemplos da função do contexto no

sentido de influenciar a conversação, a autora cita a seleção de temas pelo emissor e definição da forma de tratamento. Mas além do contexto, a conversa é construída a partir de materiais que consistem em signos que não se limitam à linguagem.

Kerbrat-Orecchioni (2014) divide esses signos em materiais verbal, paraverbal e não verbal. Dessa forma, para a análise da conversação, é importante destacar aspectos sonoros e visuais que acompanham as palavras. Mesmo o silêncio em uma conversa pode ser um marcador de troca de turno da fala, por exemplo, bem como gestos podem ser mecanismos para facilitar o entendimento. Assim, a simultaneidade dos materiais verbais e não verbais em uma conversa é considerada pelo autor uma forma de proporcionar coerência ao diálogo.

Além disso, no que se refere à análise desses sinais, há aspectos da conversação que podem ser considerados como falhas comunicativas, como gaguejos, frases inacabadas, repetições e marcadores de hesitação (como “é”, “hein” e “hum”). Contudo, é importante considerar que mesmo esses marcadores devem ser entendidos como aspectos funcionais do ponto de vista da interação face a face, como considera Kerbrat-Orecchioni (2014).

A classificação desses materiais dispostos por Kerbrat-Orecchioni (2014) pode ser visualizada da seguinte maneira:

QUADRO 2 - MATERIAIS DE FALHAS COMUNICATIVAS

verbal	paraverbal	não verbal
<ul style="list-style-type: none"> <li>- deriva da língua</li> <li>- consiste de falhas: gaguejos, frases inacabadas, repetições, marcadores de hesitação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- assim como o verbal, são transmitidos pelo canal auditivo</li> <li>- exemplos: entonação, pausa, intensidade articulatória</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- são transmitidas pelo canal visual</li> <li>- dividem-se em: signos estáticos (aparência física) cinéticos lentos (distâncias, atitudes, posturas) cinéticos rápidos (olhares, mímicas, gestos) - função de facilitação cognitiva</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- indicadores do estado afetivo dos participantes e da relação interpessoal</li> <li>- exercem o papel de tomar, manter ou dar a palavra</li> </ul>	

Fonte: Elaboração própria (2022), com base em Kerbrat-Orecchioni (2014)

### 2.2.3. Regras de procedimento da conversação

A conversação é um procedimento comunicativo ordenado, na medida em que segue um sistema de regras e esquemas preestabelecidos, como explica Kerbrat-Orecchioni (2014). São três categorias citadas pela autora: as regras de alternância dos turnos de fala, as de organização estrutural da interação e as de nível da relação interpessoal entre os participantes. Essas regras são, de forma geral, flexíveis e pouco coercitivas, mas que integram um “sistema de direitos e deveres” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2014) essencial para a conversa.

A regra que trata sobre a alternância de turnos de fala concebe como dever do falante o de ceder sua fala ao seu sucessor potencial, que, por sua vez, deve deixar que o primeiro exerça seu direito de falar e ouvir. Faz-se necessário um equilíbrio entre os tempos de fala de cada participante e, também, na divisão do foco dos falantes. Para Kerbrat-Orecchioni (2014), esse princípio da alternância é fundamento da atividade dialogal.

Para que haja essa alternância, por sua vez, são necessárias negociações entre o emissor e ouvinte, que podem ser explícitas e cortês ou implícitas, com sobreposição de fala e aumento no tom de voz, por exemplo. A negociação se dá em um determinado “ponto de transmissão possível” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2014), identificado por três tipos de sinais: o verbal, com a enunciação de perguntas, morfemas que indicam conclusão ou expressões linguísticas; o prosódico, pela diminuição gradual no ritmo da voz do falante, até sua pausa; ou os sinais mímico-gestuais, quando o falante para de gesticular.

Para a análise conversacional, é válido perceber que a troca de turnos está sujeita, ainda, a falhas de alternância entre os falantes. Kerbrat-Orecchioni (2014) identifica quatro situações que evidenciam esse problema: o silêncio prolongado, a interrupção, voluntária ou não, a superposição da fala e a intervenção de um intruso, ou seja, de um indivíduo que se coloca na posição de falante sem antes integrar a conversação.

#### **2.2.4. Organização das conversações**

A conversação é “uma organização que obedece a regras de encadeamento sintático, semântico e pragmático” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2014). Para a análise dessa organização, a partir de conceitos da Escola de Genebra<sup>2</sup>, a autora considera um modelo hierárquico que compreende questões de níveis global e local. A nível global, se considera o cenário da interação, e a local, ao encadeamento dos constituintes do diálogo (Kerbrat-

---

<sup>2</sup> Escola de Genebra é o nome dado a um grupo de autores que se contrapõe ao conhecimento instituído pela tradição divergindo da abordagem historicamente instituída (SILVA, 2019)

Orecchioni, 2014). A autora admite esses constituintes como unidades dialogais e monologais, que podem ser visualizadas da seguinte forma:

QUADRO 3 - UNIDADES DA CONVERSAÇÃO

Unidades dialogais	Unidades monologais
Interação	Intervenção
Sequência	Ato de fala
Troca	

Fonte: Elaboração própria (2022), com base em Kerbrat-Orecchioni (2014)

Essas cinco unidades seguem um encadeamento lógico na organização da conversação.

Kerbrat-Orecchioni (2014) explica que:

[...] os atos de fala combinam-se para constituir intervenções, sendo que os atos e as intervenções são produzidos por um único e mesmo falante; desde que dois falantes, pelo menos, intervenham, trata-se de uma troca; as trocas combinam-se para constituir as sequências, que, por sua vez, se combinam para constituir as interações, unidades máximas de análise. (Kerbrat-Orecchioni, 2014, p. 55)

Portanto, a autora entende a interação como uma unidade comunicativa que se decompõe em sequências, que por sua vez, podem ser definidas como blocos de trocas coerentes a um tema. Geralmente, os blocos seguem o esquema: a) sequência de abertura; b) corpo da interação; e c) sequência de conclusão. A primeira consiste na instauração do contato entre os participantes e a última, no estabelecimento harmonioso do fim do encontro, caracterizadas por atitudes mais “ritualizadas” do que no corpo da interação (KERBRAT-ORECCHIONI, 2014).

Essas sequências são formadas por trocas, que são as menores unidades dialogais na análise das conversações. As trocas, por sua vez, são formadas por ao menos duas intervenções, que partem individualmente dos participantes da interação. Ou seja, é quando o indivíduo intervém e, assim, contribui com o diálogo. Essas intervenções são compostas por um ou mais atos de fala, definidos como a própria ação do falante.

A partir dos significados dos conceitos de ato de fala e intervenção, é possível compreender, então, a troca no diálogo. A troca é formada por ao menos duas intervenções, exceto quando um dos participantes tem uma reação não verbal ou não reage, sendo, dessa forma, caracterizada uma troca truncada. A título de classificação, a troca composta por duas

intervenções, uma ativa e outra, reativa, é considerada um par adjacente, sendo uma terceira intervenção, feita pelo primeiro falante, chamada de avaliativa (KERBRAT-ORECCHIONI, 2014). Já no caso de quatro intervenções ou mais, estamos diante de trocas chamadas “estendidas”, na qual um ciclo de negociação de ofertas e recusas é aberto pelos integrantes.

Visualizada a estrutura organizacional da interação com base nas unidades dialogais e monologais, parte-se, então, para a análise da conversa a partir das relações interpessoais dos participantes. Para isso, aspectos visuais, linguísticos, paraverbais e hierárquicos, por exemplo, são levados em consideração. Nesse sentido, a interação é constituída, de forma dinâmica, por diversas negociações feitas entre o emissor e o receptor, na forma de tratamento, nas trocas de turno de fala, no tema da conversa, entre outros acordos. É função do analista observar essas “negociações conversacionais” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2014).

A análise dessas negociações consiste em considerar dois movimentos observados na relação dos participantes: o horizontal e o vertical. A relação horizontal é simétrica por natureza e diz respeito à proximidade entre os integrantes da conversa, que podem ser familiarizados um com o outro ou desconhecidos. Já a relação vertical representa a hierarquização existente entre os falantes, configurando uma posição dominante e outra, dominada. Nesse sentido, ponderam-se os papéis sociais do interactante no momento do diálogo.

### **2.2.5. O conceito de polidez**

Uma etapa importante no processo de análise conversacional é compreender o conceito de polidez linguística, trabalhado por Brown e Levinson (1987), como parte da composição do diálogo. Nesse sentido, o termo “polidez”, na análise da conversação, diz respeito aos atos dos falantes que corroboram pela harmonia da relação em si. Para a observação dessa dinâmica, os autores trazem os conceitos de face negativa e positiva.

A primeira diz respeito aos “territórios do eu”, terminologia apontada por Goffman (1973) para explicar o "território corporal, espacial ou temporal, bens materiais ou saberes secretos” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2014, apud GOFFMAN, 1973). A face negativa, por sua vez, inspirada pelo mesmo autor, “corresponde grosso modo ao narcisismo e ao conjunto de imagens valorizantes que os interlocutores constroem de si e que tentam impor na interação”. (KERBRAT-ORECCHIONI, 2014, apud GOFFMAN, 1973).

O objetivo mútuo dos participantes de um diálogo, a partir dos conceitos de Brown e Levinson (1987), seria, por meio de atos verbais e não verbais, promover a manutenção das quatro faces existentes na interação, tendo em vista que cada um dos participantes dispõe das duas faces. Para isso, a leitura da conversação tem como princípio o desejo de cada um dos

participantes de preservar as suas faces e as do outro.

Esse intuito de preservação das faces é denominado por Brown e Levinson (1987) como “*face want*”, ou o desejo de preservação das faces, desenvolvido por meio de um “*face work*”, explicado de maneiras diferentes tanto por Goffman (1973) quanto por Brown e Levinson (1987). O primeiro diz que essa manutenção corresponde a um trabalho de figuração, e que o conceito de “*face work*” significa “tudo o que uma pessoa empreende para que suas ações não impliquem perda diante de ninguém (nem de si mesma)” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2014, apud GOFFMAN, 1973).

Brown e Levinson (1987), por sua vez, entendem o trabalho de conservação das faces por meio do uso de estratégias de polidez, que dependem da gravidade do ato que ameaça a fala, da distância social entre os participantes do diálogo e da relação de poder existente entre eles. Em síntese, em uma análise da conversação, observa-se que os participantes não apenas pretendem preservar as suas faces construídas, tanto a negativa quanto a positiva, quanto às do outro.

Para essa preservação é que se tem o objetivo da polidez linguística. Essa, por sua vez, “[...] é um conjunto de procedimentos que o falante utiliza para poupar ou valorizar seu parceiro de interação” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2014). Os procedimentos, que consistem nas atitudes dos participantes da conversa, visam a manifestar interesse no outro - e, assim, colaborar com a preservação da sua face positiva - conciliando ao cuidado de auto preservação das faces de modo a evitar sua própria vanglorização, na medida que vangloriar-se pode representar uma ameaça às faces do outro.

Alguns símbolos podem ser identificados durante a conversa como ferramentas de polidez. Brown e Levinson (1987) os identificam como suavizadores, que são atos de fala verbais ou paraverbais. Exemplos de suavizadores verbais são a formulação indireta da frase em vez do uso do modo imperativo; o emprego da voz passiva; uso do tempo verbal no passado, como “eu gostaria” ou “eu precisaria”; uso de pronomes pessoais formais; e a troca da segunda pessoa do singular (você) pela primeira pessoa do plural (nós). Por sua vez, os suavizadores paraverbais podem ser exemplificados com o uso da voz mansa, sorrisos e a inclinação lateral da cabeça (KERBRAT-ORECCHIONI, 2014).

### 3. REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1. Classificações de entrevista

São diversas as tipologias de classificações de entrevistas jornalísticas, e não há um consenso (NETO e SANTOS, 2017) sobre o estudo teórico da entrevista enquanto gênero do discurso. Mesmo entre pesquisadores da área, existem variadas denominações, ainda que seja possível perceber que esses conteúdos, produzidos por diferentes autores, dialogam e são passíveis de comparações.

O fato de a entrevista não ser uma ferramenta exclusiva do trabalho jornalístico amplia essa diversidade. Outros campos das ciências humanas e sociais, como a sociologia, a antropologia, o serviço social e a psicologia, por exemplo, se utilizam desse recurso em suas práticas profissionais.

Assim, são elaboradas formas de classificação que concorrem e, ao mesmo tempo, conversam entre si, não apenas no âmbito do jornalismo, mas também nesses diversos campos do conhecimento nos quais essa técnica é um importante meio de obtenção de informações. Esta seção tem como objetivo propor uma revisão dessas categorias e, em seguida, apresentar uma proposta de categorização própria, que permita subsidiar a metodologia empregada neste Trabalho de Conclusão de Curso.

Para contribuir com a comparação e análise das entrevistas desenvolvidas no trabalho, serão utilizadas classificações reconhecidas na literatura. Medina (2000) traz conceitos que tipificam subdivisões da grande entrevista. De acordo com ela, há casos em que “o depoimento coletado pode ser um simples aval de uma notícia curta” (MEDINA, 2000, p. 32), quando o objetivo do jornalista é colher uma fala que se encaixe na matéria produzida; e situações nas quais a entrevista, como finalidade em si, atinge a perfeita caracterização do gênero jornalístico (MELO, 1985 *apud* MEDINA, 2000). Nessa circunstância, são identificados os seguintes subgêneros de entrevista:

- a) a conceitual, na qual o objetivo do repórter é captar informações com fontes especializadas, em busca de esclarecimentos que levem sustentação conceitual ao texto;
- b) a que compreende versões de vários ângulos, por meio de diferentes fontes;
- c) a que coleta pistas em prol de uma denúncia, correspondente ao jornalismo investigativo;

- d) a que visa a um perfil, interessada em traços de personalidade e em se aprofundar em uma história humana;
- e) a espetacularização dos olímpicos, atrelada ao sensacionalismo e ao jornalismo de mercado, pois busca notícias de grandes personalidades;
- f) a que coleta dados de um debate polêmico, geralmente relacionada a mesas-redondas e confrontos de posições diante de um determinado assunto; e
- g) o formato de enquete, para reunir um painel de opiniões.

A autora (MEDINA, 2000) indica, ainda, classificações segundo o tratamento estilístico do conteúdo produzido em cada um dos subgêneros descritos. São elas:

- a) o formato de pergunta e resposta, que pode ser desenvolvido a partir de uma entrevista conceitual, de um perfil humano ou com a cobertura jornalística de mesas-redondas;
- b) a narração indireta em terceira pessoa, quando houver a recomposição de um acontecimento com diferentes experiências dos protagonistas, em matérias investigativas com diversas fontes e na elaboração de um perfil. Também é utilizada na edição de entrevistas realizadas por meio de enquete, em matérias com aspecto de espetacularização e em reconstituições históricas de um fato que necessitam de uma biografia; e
- c) as possibilidades de narrações em primeira pessoa (referente à voz do entrevistado) e em segunda pessoa, no desenvolvimento de um perfil.

Segundo Carvalho (1981), as divisões da narrativa, por sua vez, formam grupos referentes ao uso da narração em primeira, segunda ou em terceira pessoa. As narrações em segunda pessoa são raras e, portanto, não foram classificadas. No primeiro caso, constata-se:

- a) o narrador observador, distanciado do acontecimento;
- b) o narrador protagonista, que se funde nas ações;
- c) o foco narrativo mutante, que funde as duas opções anteriores;
- d) o narrador que interfere em registros causais, com tons de objetividade, interpretação, impressionismo ou infidelidade; e
- e) o narrador aperceptivo, que possui uma postura metalinguística.

Quanto à narração em terceira pessoa, observa-se:

- a) a onisciência neutra externa do narrador, que não participa do acontecimento;

- b) a onisciência externa interpretativa, quando há comentários do narrador;
- c) a onisciência neutra plena, quando o narrador, apesar de distanciado, penetra os sentimentos do que narra;
- d) a onisciência interpretativa, na qual o narrador participa e comenta, tanto no nível externo quanto no interno do fato; e
- e) a onisciência imediata, que ocorre quando o pensamento do narrador vem à tona momentaneamente, sem comentários elaborados.
- f)

Essas especificações serão utilizadas para tipificar as entrevistas realizadas neste trabalho, com o objetivo de subsidiar análises que compreendam o papel da entrevista enquanto ferramenta de apuração jornalística.

### 3.1.1. A entrevista nas Ciências Sociais

Duarte (2010) apresenta, no âmbito da entrevista enquanto técnica de pesquisa, uma esquematização com três modelos. A primeira delas é a entrevista aberta, definida pelo autor como “essencialmente exploratória e flexível” (DUARTE, 2010, p. 3), em que não se define previamente um esquema de questões, e a condução da entrevista se relaciona com o fluxo livre da conversa. O desenvolvimento da entrevista se dá a partir da identificação de aspectos importantes nas respostas da fonte, por parte do entrevistador.

Em seguida, a entrevista semiaberta, que segue um roteiro definido de questões. Apesar disso, a abordagem das perguntas por parte do entrevistador é aberta, e explora ao máximo o conteúdo apresentado. Por fim, a entrevista fechada, realizada por meio de um questionário fechado, “de modo que seja possível estabelecer uniformidade e comparação entre as respostas” (DUARTE, 2010, p. 4). Da primeira à última categoria, há um distanciamento gradual entre o entrevistador e o entrevistado. As características das definições foram simplificadas por Duarte (2010) da seguinte forma:

QUADRO 4 - CATEGORIAS DE ENTREVISTA POR DUARTE (2010)

Pesquisa	Questões	Entrevista	Modelo	Abordagem	Respostas
----------	----------	------------	--------	-----------	-----------

Qualitativa	Não-estruturada	Aberta	Questão central	Em profundidade	Indeterminada
	Semi-estruturada	Semi-aberta	Roteiro		
Quantitativa	Estruturadas	Fechada	Questionário	Linear	Prevista

Fonte: Elaboração própria, a partir de Duarte (2010)

Duarte (2010) faz, ainda, uma comparação da entrevista de pesquisa em profundidade com a jornalística:

É uma pseudoconversa realizada a partir de um quadro conceitual previamente caracterizado, que guarda similaridade, mas também diferenças, com a entrevista jornalística. São próximas no objetivo de buscar informações pessoais e diretas por meio de uma conversação orientada, no cuidado, rigor e objetivo de compreensão (sobre entrevista jornalística, ver Medina, 1995 e Talese, 2004) e na noção de que há, explicitamente, um participante interessado em apreender o que o outro tem para oferecer sobre o assunto. (DUARTE, 2010, p. 2).

Ou seja, o autor percebe semelhanças entre as entrevistas de pesquisa e jornalística na busca pela informação e na abordagem do entrevistado. Entretanto, para Duarte (2010), a pesquisa exige maior rigor na descrição metodológica desse processo, a fim de validar os resultados do estudo.

Rouchou (2003) também faz analogias entre a utilização da entrevista no jornalismo e em outro campo das ciências sociais, o da história oral. A última apresenta maior cautela, em termos de recursos bibliográficos, em relação a aspectos éticos, técnicos e metodológicos, de acordo com a autora. Isto é, na metodologia da história oral, a utilização da entrevista apresenta maior rigor acadêmico, pois foi elaborado um pensamento científico sobre a aplicação da ferramenta, diferentemente do jornalismo.

### 3.1.2. A entrevista no jornalismo

Como citado anteriormente neste capítulo, existe uma polifonia de tipologias de entrevistas jornalísticas. Contudo, de modo geral, os autores convergem ao propor duas modalidades de categorização. A primeira trata das formas de condução das entrevistas no jornalismo. A segunda, discute a formatação desse conteúdo e sua apresentação aos leitores.

Quanto à maneira de conduzir, temos como exemplo as classificações de Medina (2000) de entrevistas com o objetivo de espetacularização, que se subdividem em categorias que valorizam o pitoresco, o inusitado, a condenação e a ironia intelectualizada. No campo da compreensão, as entrevistas conceitual e investigativa e o perfil humanizado, classificados pela autora, também exemplificam essa forma de abordagem.

No que se refere à condução, podem ser citadas, ainda, as entrevistas ritual, temática, em profundidade, de confronto e dialogal, definidas por Lage (2001). Por sua vez, nesse mesmo sentido, Morin (1973) traz sua contribuição com a classificação das entrevistas rito, anedótica e diálogo e as neoconfissões.

Medina (2000) e Lage (2001) oferecem, ainda, classificações conforme o formato da entrevista. Além deles, Gobantes (2008), Paz (1993), Cantavella (1996), Erbolato (1984), Reynaga (1991), Vallvey (1995) e Sánchez (2000) apresentaram classificações segundo essa formatação. Todas essas menções de tipos de categorizações de entrevistas e outras serão melhor explicadas a seguir e contribuem com a afirmação previamente relatada sobre a diversidade e falta de consenso dos tipos de classificações no âmbito do jornalismo.

Na seguinte tabela, é possível visualizar as categorias de entrevista apontadas por Lage (2001), que serão melhor exploradas para a categorização proposta neste, trabalho, de acordo com os pontos de vista do objetivo e da circunstância de realização:

QUADRO 5 - CATEGORIAS DE ENTREVISTA POR LAGE (2001)

<b>Entrevistas do ponto de vista do objetivo</b>	Ritual  interesse em expor o entrevistado, respostas esperadas	Temática  entrevistado tem autoridade para responder sobre um tema escolhido	Testemunhal  relato do entrevistado sobre um acontecimento que presenciou	Em profundidade  representação do mundo construído pelo entrevistado
<b>Entrevistas do ponto de vista da circunstância</b>	Ocasional  não é programada, pode ter respostas mais sinceras, sem preparo	Confronto  repórter assume o lugar de inquisidor	Coletiva  entrevistado é submetido a perguntas de vários jornalistas	Dialogal  entrevista “por excelência”

Fonte: Elaboração própria (2022)

É possível notar algumas concordâncias nas categorizações, como no formato de enquete, que recebe diferentes nomenclaturas. Mas as formas reunidas com as contribuições dos autores citados se dão por fatores diversos, como o meio onde a entrevista será divulgada; a circunstância em que será realizada; as pessoas envolvidas, podendo ser uma coletiva; o lugar e o método de apresentação do conteúdo; e segundo seu tratamento estilístico de linguagem.

Retoma-se, aqui, as quatro formas de classificação indicadas por Morin (1973): a entrevista-rito, a entrevista-anedótica, a entrevista-diálogo e as neoconfissões. A primeira se refere a uma declaração de caráter imediato, sendo o intuito apenas o de colher uma palavra do entrevistado. Já a entrevista-anedótica é desenvolvida em busca de estimular um assunto frívolo, sendo o entrevistador e o entrevistado complacentes, de modo que a entrevista não comprometa as partes. “Esta entrevista se situa no nível dos falatórios,” (MORIN, 1973).

A entrevista-diálogo, por sua vez, é obtida quando os participantes alcançam um diálogo e colaboram, conjuntamente, para o desenvolvimento do assunto tratado. “Este diálogo é mais que uma conversa mundana. É uma busca em comum.” (MORIN, 1973). Por último, as neoconfissões são obtidas quando o entrevistado é o protagonista da entrevista e apresenta reflexões a partir de particularidades da sua personalidade, e “o entrevistador apaga-se diante do entrevistado” (MORIN, 1973).

Diante disso, seguindo a contribuição de Morin (1973), Medina (2000) oferece o agrupamento em duas tendências de entrevista: a de espetacularização e a de compreensão ou aprofundamento. Cada vertente, por sua vez, contém subgêneros. A primeira apresenta quatro tipos de perfis. Um deles destaca o sensacionalismo, a fofoca, e é chamado de pitoresco; em outro, valoriza-se o que é excêntrico e exótico da fonte, que seria o perfil inusitado; um terceiro segue a lógica dramática de “mocinho” ou “bandido”, sendo um perfil de condenação; e o último é chamado de ironia intelectualizada, que também tem uma característica de condenação, mas se relaciona necessariamente a fontes reconhecidas publicamente.

A segunda tendência se subdivide nas entrevistas conceitual, de enquete, investigativa, de confrontação-polemização e perfil humanizado. A entrevista conceitual dá relevância ao conteúdo que o entrevistado tem para oferecer. Não se interessa pelo comportamento da fonte, mas sim, pelo conhecimento e informação que essa tem propriedade para transmitir. A enquete é fundamentada em um tema. Elaborar-se um questionário ou uma única pergunta (JORGE, 2019) com o intuito de dar unidade à entrevista, e busca-se fontes diversas, escolhidas, necessariamente, de forma aleatória. A investigativa, por sua vez, requer um esforço diferente no trabalho do jornalista no sentido de que o entrevistado não tem acesso prévio à informação.

Para obtê-la, um recurso é a entrevista em *off*, quando a fonte não se identifica para repassar um material sensível ou sigiloso.

A confrontação-polemização pode ser articulada em ambientes como a mesa-redonda, o painel ou o debate. São discutidas as contradições sobre um tema polêmico. Por último, o perfil humanizado. A definição da autora para o perfil é “uma entrevista aberta que mergulha no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos, histórico de vida” (MEDINA, 2000, p.17). Há uma valorização da subjetividade do entrevistado e o conteúdo mais importante está relacionado à sua individualidade.

Lage (2001) apresenta classificações da entrevista de acordo com duas condições: quanto ao seu objetivo e quanto às circunstâncias de realização. No primeiro cenário, encontram-se as seguintes categorias: ritual, temática, testemunhal e em profundidade. Na primeira, o interesse está centrado no entrevistado, mais do que na informação de suas respostas. É uma entrevista breve em que se coleta uma declaração de dimensão simbólica da figura entrevistada.

A temática, como o nome sugere, se relaciona a um tema específico. Nesse caso, o foco é no conteúdo que a fonte pode oferecer acerca do recorte escolhido. O entrevistado tem propriedade de expor seu ponto de vista ou sua interpretação de um acontecimento e, nesse sentido, transmite autoridade. Aproxima-se, nesse sentido, da entrevista conceitual apresentada por Medina (2000).

Do mesmo modo, a entrevista testemunhal exige uma fonte contextualizada ao tema, pois relata um acontecimento do qual participou, assistiu ou, de alguma forma, teve acesso de forma indireta. Eventualmente, o entrevistado acrescenta suas próprias interpretações sobre o fato ou o momento narrado.

Ainda inserida na classificação quanto ao objetivo, a entrevista em profundidade, diferente das anteriores, não tem como foco um tema, mas sim, a figura do entrevistado. Valorizam-se as construções simbólicas do entrevistado, sua representação de mundo, “geralmente relacionada com outros aspectos de sua vida” (LAGE, 2001, p. 75). Essa entrevista apresenta semelhanças ao perfil humanizado descrito por Medina (2000).

Já as entrevistas segundo as circunstâncias de sua realização são a ocasional, a de confronto, a coletiva e a dialogal. A ocasional ocorre quando não há uma marcação prévia da entrevista, o que pode suscitar respostas mais sinceras ou menos cautelosas, exceto nos casos em que a pessoa entrevistada já está acostumada com esse tipo de abordagem, segundo Lage (2001).

Na entrevista de confronto, há uma relação de inquisição entre o repórter e o entrevistado, com acusações e contra-argumentações. Nessa dinâmica, a fonte não tem espaço para, de fato, expor seu ponto de vista. Outro modelo de entrevista classificado segundo a circunstância é a coletiva, em que diversos repórteres estão reunidos e o entrevistado é submetido a várias perguntas sobre o tema abordado. As coletivas são realizadas, usualmente, com autoridades, fontes cuja atuação tenha relevância pública, e “por menos formal que seja o ambiente, a entrevista coletiva tem como principal limitação o bloqueio do diálogo, isto é, da pergunta construída sobre a resposta [...]” (LAGE, 2001, p. 76).

Em contrapartida, a entrevista dialogal se aproxima do tom de uma conversa. O entrevistador propõe questões, que não são tópicos limitantes para a entrevista, mas instigam a evolução de um diálogo com liberdade para aprofundamento dos pontos abordados. A entrevista é marcada com antecedência, em um ambiente que, de preferência, não imponha hierarquia entre entrevistador e entrevistado, sendo “a entrevista por excelência” (LAGE, 2001, p. 77). No mesmo sentido, Oyama (2012, p. 24) diz que a entrevista “tem de ser uma conversa. Uma conversa, para começar, exige um mínimo de cordialidade, simpatia e palavras jogadas fora”.

Por sua vez, a contribuição de Gobantes (2008), em termos de classificação de entrevista, traz oito tipos de categorias. Algumas oferecem a possibilidade de aproximação com o entrevistado e, outras, preservam o distanciamento. Na primeira situação, a entrevista de personalidade, por exemplo, demonstra o interesse do entrevistador em manter um diálogo informativo, cedendo espaço para a perspectiva do entrevistado e para a elaboração da sua identidade.

Com objetivos semelhantes, o autor apresenta o perfil, que se distingue pela busca de terceiros como fonte para a construção da personagem. Rosendo (1997) assinala que o perfil pode ser desenvolvido de diferentes formas: a) com uma análise em profundidade; b) com uma análise de um só aspecto; c) desenvolvendo a evolução da personalidade; d) facilitando a possibilidade de entender o curso de uma vida e prevendo as condutas do entrevistado.

Nessa direção, Rosendo (1997) aponta, ainda, a entrevista conversacional, em que entrevistador e entrevistado se posicionam em tom de igualdade para desenvolverem uma conversa. Tem aparência de improviso e de ausência de objetivo, na qual a subjetividade do entrevistador pode ser percebida e não tem limites em relação ao tempo ou ao tema. Nessa entrevista, são caras as questões de intimidade, sendo possível uma conversa unilateral, na qual apenas a fonte se expressa. Do outro lado, estão as entrevistas que requerem distância entre os

envolvidos. A pesquisa jornalística, por exemplo, requer o mínimo de interação verbal e, com o objetivo de conhecer a opinião do entrevistado, pode ser reduzida a uma única pergunta.

Também em um nível de distanciamento entre os participantes da entrevista, Cantavella (1996) aponta, ainda, a de fórmula estabelecida, que também busca evidenciar as preferências do entrevistado, mas sem nenhum diálogo, em razão da pouca quantidade de questões. Gobantes (2008) traz, ainda, a entrevista temático-informativa. Por meio dela, o entrevistador, em menor uso da linguagem oral, busca informações da fonte sem tratar do seu mundo interior.

Outras duas classificações consideravelmente distintas são identificadas por Gobantes (2008), que são a entrevista imaginária e a “publientrevista”. A primeira não considera a possibilidade de diálogo pois é elaborada quando não há contato entre o entrevistador e o entrevistado, apesar de ter a estrutura formal de uma entrevista. Ou seja, exige invenções, ou das respostas ou da própria fonte. Já a segunda concilia interesses de ambos os participantes e é identificada por ser paga pela fonte. Assim, o entrevistador tem a função de valorizar aspectos positivos do seu cliente, impedindo confrontos.

Marín (2002) propõe uma classificação em três grupos de entrevistas: as informativas, nas quais se coletam informações; as de opinião, que recolhem a voz de personagem de opinião relevante; e o perfil, que se relaciona a descrições da vida pessoal do entrevistado e traz características literárias. Paz (1993) percebe esse mesmo trio de categorias segundo a estrutura da entrevista. A primeira, denomina como entrevista de pergunta e resposta. Também Bahena (1993) concorda com esse método de classificação.

Paz (1993) oferece, ainda, outra possibilidade de categorização, de acordo com a origem da entrevista. São as entrevistas pessoais, que se apresentam de forma casual e improvisada; as de conferência de imprensa, convocadas para o fornecimento de uma informação com importância pública; e a imaginária. Esta, cada vez menos comum, requer uma recriação literária e trata de personagens célebres.

Outros autores apresentam classificações mais simples e binárias. Vivaldi (1987) considera a entrevista impressionista, que recolhe as impressões de um evento; e a expressionista, que possui um maior grau de análise e teor literário. Já Campbell (2002) considera como tipos fundamentais a informativa e o perfil, e Ibarrola (2001), a informativa e a opinativa, assim como González-Ruano (1959), que as entende, respectivamente, como de uso jornalístico e como gênero literário.

Quesada (1994) sugere três opções para a classificação de entrevistas: de indagação, presente no jornalismo investigativo, que exige do jornalista uma busca pela informação negada; as informativas, que, assim como as citadas anteriormente, compõem as notícias e

notas informativas; e as literárias, que se assemelham às categorias anteriores de perfil. Valoriza não apenas a fala proferida, mas também a intenção do que foi dito.

Cantavella (2002) propõe a seguinte classificação, sendo as três primeiras correspondentes às de Albertos (1999):

- a) Entrevista de declarações: busca por informações sobre um evento, palavras de uma testemunha, responsável ou especialista;
- b) Entrevista de personalidade: aborda com profundidade a maneira de ser do entrevistado;
- c) Entrevista de fórmulas estabelecidas: possui um questionário fixo;
- d) Perfil: é biográfico, traz dados da personagem.

Por sua vez, Erbolato (1984) oferece as seguintes categorias de entrevista, cujas definições podem ser melhor compreendidas a partir da visualização do seguinte quadro:

QUADRO 6 - CATEGORIAS DE ENTREVISTA POR ERBOLATO (1984)

<b>Tipos</b>	Geradora de material jornalístico:	Quanto aos entrevistados:	Quanto aos entrevistadores:	Quanto ao conteúdo:
<b>Subdivisões</b>	De rotina	Individual	Exclusiva	Informativas
	Caracterizada	De grupos	Coletiva	Opinativas
				Biográficas

Fonte: Elaboração própria, a partir de Erbolato (1984).

Com diferentes especificidades, Reynaga (1991) apresenta cinco situações:

QUADRO 7 - TIPOS DE ENTREVISTA POR OBJETIVO POR REYNAGA (1991)

<b>Tipos</b>	Objetivo	Forma de apresentação	Circunstância de realização	Pelas pessoas que intervém	Meio de difusão
--------------	----------	-----------------------	-----------------------------	----------------------------	-----------------

<b>Subdivi- sões</b>	Informativa	Noticiosa	Por telefone	Individual	Impresso e online
	De opinião	Pergunta e resposta	Casual (não marcada)	Conferência de imprensa	Rádio
	De personalidade	Narrativo- descritiva	Homem na rua (acaso)	Pesquisa de opinião	Televisão

Fonte: Elaboração própria, a partir de Reynaga (1991).

Com definições semelhantes aos tipos de entrevista já apresentados, Vallvey (1995) adota as seguintes tipologias: de personalidade; informativa ou noticiosa; de opinião ou de declarações; o questionário de Proust<sup>3</sup>; as pesquisas; e as conferências de imprensa. Por sua vez, Sánchez (2000) considera oito tipos de categorias. Se referem à autoria, podendo ser anônima ou assinada; ao tipo de feito que tratam, e nesse âmbito podem ser, por exemplo, previsíveis ou não, de grande ou médio alcance; ao tipo de leitor, pois é preciso perceber o público para o qual o conteúdo produzido se dirige; e a um tema genérico, que o autor define como entrevista especializada.

Referem-se, também, ao meio, que diz respeito à repercussão, que pode ser local ou nacional, por televisão, rádio ou jornal impresso, como forma de exemplificação; ao método, especializado, literário ou de precisão; ao lugar de sua apresentação no veículo; e ao método de apresentação. O último é exemplificado pelo autor com o número de colunas em que a entrevista realizada, quando decupada, é apresentada.

Diante desses variados modelos e tipologias de classificação do método de entrevista, são facilmente perceptíveis as semelhanças entre as abordagens dos variados autores. Em uma breve recapitulação, é possível notar que a entrevista que fornece informações para a nota jornalística e o modelo de perfil, por exemplo, são frequentemente mencionados. Quanto à

<sup>3</sup> O questionário de Proust tem características da entrevista de fórmulas estabelecidas e valoriza questões da personalidade do entrevistado. O método foi desenvolvido por Marcel Proust no fim do século XIX, sendo que “o mesmo questionário foi analisado ou definido, segundo explica Cantavella (2002), como um teste psicológico para conhecer a personalidade de quem contesta, especialmente se se respeita ao bloco de perguntas em sua totalidade; poderia ser considerado como o antecedente da entrevista de questionário” (OCHOA, 2011). Nieto (2018) comparou a busca pelo íntimo de quem responde às perguntas nesse modelo de questionário a um diário pessoal.

forma de realização, observa-se a possibilidade de um encontro agendado, individual ou em uma coletiva, ou uma abordagem inesperada.

É possível desenvolver uma entrevista de forma ampla, a partir de temas, ou com questionários fechados e objetivos. Essas escolhas dependem não apenas do objetivo do repórter para a apuração jornalística, mas também da disposição, de ambas as partes envolvidas na entrevista, em termos de tempo e interesse.

### **3.2 Proposta de categorização da entrevista jornalística**

De modo a aproveitar o conteúdo teórico apresentado, para os fins da presente pesquisa, foi adotada uma tipologia de classificação inspirada nas propostas de Medina (2000), Lage (2001), Cantavella (2002) e Gobantes (2008).

Foram realizados três tipos de entrevista: a de fórmulas estabelecidas, a ritual-informativa e a dialogal em profundidade, que têm em comum a circunstância de realização, segundo as características da entrevista dialogal definida por Lage (2001). Isso porque os encontros entre entrevistadora e entrevistadas serão previamente marcados e realizados em ambiente controlado para esta pesquisa, ou seja, não se qualificam como ocasionais.

Visando à posterior análise do conteúdo gerado pelas entrevistas, seu modo de apresentação é a transcrição na íntegra do material em áudio coletado, disposta para este Trabalho de Conclusão de Curso. Dessa forma, não é possível admitir uma categorização quanto ao tratamento estilístico, como o estabelecido por Medina (2000), uma vez que a entrevista não será vinculada a outro formato senão o da escrita *ipsis litteris* da fala em si; nem tampouco uma classificação quanto ao meio ou lugar de apresentação, como sugere Sánchez (2000).

A análise de entrevistas no presente trabalho tem o interesse centralizado na gestão da interação entre os envolvidos e como esse contato pode promover diferentes resultados, em termos de apuração jornalística, a partir da categoria de entrevista preferida pelo entrevistador. Além disso, busca perceber as condições oferecidas pela ambientação do momento da entrevista, ao avaliar se a dinâmica do modelo escolhido tem influência na comunicação entre os envolvidos e no modo como interagem.

Para favorecer a possibilidade de comparação, o objetivo — temático-informativo — foi mantido para as três categorias. O propósito é o mesmo da definição de Lage (2001) de entrevista temática. O tema estabelecido é determinante para a escolha dos entrevistados, que devem ter propriedade, em termos de experiência profissional e pessoal e de currículo acadêmico, para validar o conteúdo das suas respostas.

Nesta pesquisa, a entrevista de fórmulas estabelecidas, indicada por Cantavella (2002), é definida por um questionário fechado e compartilha, também, das funções de enquete apresentadas por Medina (2000), exceto pela não aleatoriedade das fontes. No formato de questionário, a entrevista se limita às perguntas definidas pelo jornalista, que é impedido de se desviar desse roteiro. Dessa forma, segue uma abordagem linear, de pergunta e resposta, a partir da sequência das questões elaboradas. Não se associa à pesquisa jornalística, apontada por Cantavella (2002), em razão do número plural de questões. Assim, a entrevista de fórmulas estabelecidas é essencialmente fundamentada em um roteiro de perguntas fechadas a serem feitas pela entrevistadora sem desvios na comunicação ou demais participações na interação.

Já a entrevista ritual informativa traz as referências de Lage (2001), que como ritual, dá luz à exposição da voz do entrevistado; e de Gobantes (2008), que na entrevista temático-informativa, assim como a ritual, traz a definição de uma entrevista objetiva, a partir da dimensão simbólica e do saber do entrevistado. Contudo, acrescenta à entrevista ritual o olhar para a informação obtida por meio das declarações do entrevistado. Dessa forma, a nova categoria não se limita às interpretações individuais da fonte, mas abrange o conteúdo informativo que pode ser oferecido por ela.

Por último, a entrevista dialogal com abordagem em profundidade oferece espaço para o diálogo e, também, para a personalidade da entrevistada. É uma definição harmônica à de Gobantes (2008) sobre entrevista conversacional, que, fazendo uma retomada teórica, tem como atributo a falta de hierarquia entre os participantes da entrevista, a aparência de improvisação, o ar de familiaridade do encontro e a ausência de limites temporais ou temáticos (GOBANTES, 2008).

Porém, neste trabalho, a entrevista dialogal não se compara à classificação de Gobantes (2008) no que diz respeito à brevidade apontada pelo autor. Aliada a isso, será destacada a representação de mundo construída pela entrevistada, bem como a entrevista em profundidade de Lage (2001). Na entrevista dialogal, o repórter escolhe tópicos a serem abordados que estimulam a conversação e tem liberdade para reconduzir a entrevista de acordo com as condições favorecidas pelo próprio diálogo.

Essas três definições são contempladas pelas classificações de Medina (2000) no que a autora entende como grande entrevista, apresentadas anteriormente. Essa categoria compreende o formato de enquete, do qual a entrevista de fórmulas estabelecidas se aproxima; a conceitual, que tem uma preocupação com a busca de sustentação conceitual observada na entrevista ritual informativa; e o perfil, cujo interesse na personalidade do entrevistado é expreso, também, na entrevista conversacional.

Visualiza-se a estrutura dessas entrevistas, segundo seu objetivo, abordagem da entrevistadora e formato das questões da seguinte maneira:

QUADRO 8 - CATEGORIZAÇÃO DE ENTREVISTAS PARA ANÁLISE CONVERSACIONAL

Entrevista	Objetivo	Abordagem	Questões	Circunstância de realização
Fórmulas estabelecidas	Temático-informativo	Linear	Fechadas	Ambiente controlado
Ritual informativa		Conversacional	Semi-abertas	
Dialogal		Em profundidade	Abertas	

Fonte: Elaboração própria (2022)

O intuito da classificação desenvolvida para este Trabalho de Conclusão de Curso é promover uma análise de entrevistas de uma perspectiva gradual, prosseguindo de um tratamento estritamente fechado para o diálogo aberto. Pretende-se, com isso, verificar a hipótese de que as entrevistas de caráter conversacional são mais enriquecedoras para a apuração jornalística em comparação aos modelos fechados, sobretudo em uma análise qualitativa. Para a realização das análises de conversação propostas, foram feitas cinco entrevistas, sendo duas em cada um dos modelos apontados neste trabalho.

Como mencionado na metodologia deste trabalho, as entrevistas foram realizadas com entrevistadas desconhecidas pela entrevistadora, a fim de evitar influências das variáveis da pesquisa experimental. Contudo, cabe à entrevistadora conhecer o trabalho e a experiência profissional da entrevistada em relação ao contexto da entrevista, além de estudar previamente as pautas que serão apontadas em seus questionamentos e que podem ser levantadas durante o diálogo, assim como Oyama (2008) orienta. Para a autora, “obrigatória, imprescindível, uma pesquisa bem feita aumenta enormemente as chances de uma boa entrevista” (OYAMA, 2008).

As perguntas elaboradas conforme a classificação proposta para a realização das entrevistas, seguindo um roteiro com propósitos similares, são:

a) de fórmulas estabelecidas:

- A entrevista é uma ferramenta importante para o seu trabalho como psicóloga/socióloga/assistente social?
- Qual foi o momento da sua carreira em que a senhora escolheu atuar no campo acadêmico?
- O ambiente de uma universidade pública como a UnB traz impactos para o ensino?
- Há desafios para o aluno de psicologia/sociologia/serviço social entrar no mercado de trabalho?

b) ritual informativa:

- Qual é o papel da entrevista como ferramenta para o seu trabalho como psicóloga/socióloga/assistente social?
- Como foi o processo de escolher, na sua carreira profissional, atuar no campo acadêmico?
- Do seu ponto de vista, em que medida o ambiente público de uma universidade, como o da UnB, pode trazer impactos para o ensino?
- Como a senhora considera o percurso de entrada do aluno de psicologia/sociologia/serviço social no mercado de trabalho?

c) Dialogal (temas como fio condutores):

- A entrevista como ferramenta de trabalho;
- A carreira na academia;
- O ambiente público da universidade e o ensino;
- O mercado de trabalho.

Para a análise dessas entrevistas, ainda antes da etapa de observação do conteúdo das respostas das entrevistadas, foram considerados os conceitos de Goffman (1975) que explicam sobre as relações sociais percebidas no momento da interação. Para isso, o autor se utiliza do campo semântico das artes cênicas para identificar padrões de comportamento na representação dos papéis dos participantes de determinado momento interacional.

### **3.3. A representação do *self* no cotidiano**

Erving Goffman (1975) explica o funcionamento de interações do dia-a-dia com base em terminologias das áreas cênicas. Dessa maneira, entende a ação como uma representação, a qual define como “toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado

por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência” (GOFFMAN, 1975, p. 29). O sujeito que exerce a sua representação, portanto, é percebido como um ator, na medida em que o seu comportamento tem como objetivo validar a percepção de outras pessoas presentes sobre si.

O ator pode estar completamente convencido de que a sua atividade é, de fato, uma representação da realidade, ou entender o seu desempenho de forma cínica, ao encará-lo como um meio para obter o seu propósito final, e não como a própria finalidade. Esses dois extremos, no entanto, podem oscilar e existir concomitantemente.

A percepção obtida pelas pessoas presentes, assimiladas, em uma representação, como público, é uma resposta à fachada exibida na representação. Tanto a tarefa em execução quanto o ator são vinculados à uma fachada, sendo o segundo, à sua fachada pessoal. O termo consiste em um “equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação” (GOFFMAN, 1975, p. 29).

No caso do indivíduo, sua fachada é composta pela aparência e status social que o público espera do ator e pela sua maneira de agir, subordinada ao papel que ele deseja desempenhar. No entanto, é preciso levar em consideração possíveis estereótipos pré-existentes, em que se espera que o ator desenvolva uma atuação que corresponda a essas expectativas compatíveis a um tipo ideal, mas que pode se contradizer (GOFFMAN, 1975). Isso se deve ao fato de que é necessário que os observadores aceitem a encenação como algo sério e credível.

Em todas as representações, há uma ambientação. A encenação pode ocorrer em um cenário, espaço que tende a ser permanente, que condiz com o papel incorporado pelo ator e integra a fachada social. De fato, o indivíduo não deve começar a sua atuação enquanto não estiver presente no cenário. Por trás desse ambiente, há os bastidores, local onde os atores ficam à vontade e não precisam se comportar de acordo com a representação esperada pelo público. Nesse espaço, inclusive, os atores estão aptos a conversar sobre a encenação, com o intuito de ajustá-la, por exemplo, e compartilhar suas impressões do público, partilha essa definida por Goffman (1975) como tratamento dos ausentes. Contudo, apesar do contexto descontraído dos bastidores, o indivíduo precisa continuar demonstrando para os outros atores, que compartilham do mesmo espaço, sua credibilidade e competência que justificam a sua permanência no papel em questão.

Existe, ainda, o lado de fora, correspondente a todos os espaços que não se incluem em nenhuma das definições anteriores. No lado de fora, não há atores e nem público, mas sim, pessoas que não se relacionam com a representação em vigor e são estranhas. Quando esses

sujeitos adentram, subitamente, o ambiente do público ou o cenário, o público pode se transferir para a região de fachada ou agir como se esses estranhos já fizessem, há algum tempo, parte desse espaço.

Nem sempre o ator desenvolve sua tarefa sozinho. Há uma equipe, ou seja, um grupo de pessoas envolvidas na atuação, trabalhando para que a representação seja validada perante o público e ocorra como o esperado. Nesse sentido, é importante haver uma circunspeção dramaturgica, ou seja, um planejamento da representação, além da disciplina dramaturgica, que consiste no ator estar emocionalmente desvinculado da sua representação a ponto de ter a capacidade de dominar o espetáculo caso ocorra alguma eventualidade. As duas condições são consideradas formas de manejo de impressão, ou seja, artifícios usados para manipular o que é apresentado para a plateia.

A equipe deve ter uma relação de convivência que permita a confiança de que os segredos do grupo serão guardados pelos seus membros. Quando um sinal ou qualquer comunicação combinada é enviado, cuidadosamente, por um dos atores, todos os integrantes da equipe devem ter a mesma condição de receptor do que é comunicado, indicando que todos devem ser articulados uns com os outros. Pode haver casos em que a representação consiste na interação entre duas equipes. Diante dessa situação, Goffman (1975) explica:

Frequentemente, quando duas equipes entram em interação, podemos identificar uma delas como a que tem o menor prestígio geral, e a outra, o maior. Comumente, quando pensamos em realinhar as ações em tais casos, pensamos nos esforços por parte da equipe inferior para alterar a base da interação numa direção que lhe seja mais favorável, ou reduzir a distância e as formalidades sociais entre ela e a equipe de posição mais elevada. Interessante é que há ocasiões em que convém aos objetivos mais amplos da equipe superior reduzir as barreiras e permitir que a equipe de mais baixa condição tenha maior intimidade e igualdade com ela. (GOFFMAN, 1975, p. 183).

Durante uma entrevista, a manipulação dessa barreira se faz necessária para que haja um diálogo. Supõe-se o repórter como parte da equipe de um veículo jornalístico e o entrevistado como representante de um grupo ou organização, de acordo com o papel que está encenando no momento da entrevista. Quanto menor for a barreira existente entre o jornalista e o entrevistado, mais próximo o momento estará de ser uma conversa.

Da perspectiva do entrevistador, é importante eliminar essa fronteira para alcançar o objetivo de obter informações da fonte. Em muitos casos, a aproximação também é vantajosa para o entrevistado, que terá um espaço de manifestação do seu ponto de vista. O maior prestígio de uma das equipes, citado pelo autor, se observará quando, por exemplo, o

entrevistado for uma fonte oficial do governo, ou se o cenário da representação for mais conivente com a atuação do repórter.

#### 4. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

A análise do conteúdo das entrevistas realizadas a partir dos modelos propostos neste trabalho leva em consideração que há diversas variáveis nos encontros com as entrevistadas a serem apontadas. Para o escopo do objetivo deste trabalho, no entanto, essas considerações não serão profundamente abordadas, mas indicadas, a fim de enriquecer o processo analítico das entrevistas.

Entre os fatores condicionais que, em medida considerável, interferem no exame da entrevista, são citadas a linguagem corporal e a comunicação não-verbal da entrevistada e da entrevistadora no momento da conversa. Segundo Silva et al. (2000), a linguagem corporal “tem como função expressar sentimentos, emoções, reações e transmitir mensagens” (SILVA et al, 2000). Contudo, este trabalho, essencialmente voltado para o campo da Comunicação, não visa a introduzir os conhecimentos sobre linguagem corporal abordados na Psicologia, entre outros campos, no processo de análise realizado.

Não por acaso, as entrevistas foram propositalmente realizadas com entrevistadas que ocupariam o mesmo papel no cenário da conversação, a partir das contribuições goffmanianas para os estudos de ciências humanas e sociais. As observações das gravações das entrevistas convergem na análise do espaço ocupado pela entrevistadora e pelas entrevistadas no cenário pré-estabelecido. O propósito dessa colocação é, de fato, reduzir os efeitos das variáveis inseridas nos contextos dos encontros.

A entrevista de fórmulas estabelecidas foi desenvolvida com a participação das docentes Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas, do Departamento de Métodos e Técnicas da Faculdade de Educação, da Universidade de Brasília, em 5 de janeiro de 2023, graduada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), onde realizou, também, mestrado e doutorado, além de pós-doutorado na UnB; e Anabelle Carrilho da Costa, em 12 de janeiro de 2023, do Departamento de Serviço Social da Universidade de Brasília, onde se graduou e concluiu mestrado e doutorado.

A entrevista ritual informativa foi realizada com as docentes Tatiana Yokoy de Souza, do Departamento de Teorias e Fundamentos da Faculdade de Educação da UnB, pós-doutora pela mesma universidade, em 10 de janeiro de 2023; e com Silviane Bonaccorsi Barbato, em 16 de janeiro de 2023, do Departamento de Psicologia Escolar e Desenvolvimento do Instituto de Psicologia, com pós-doutorados realizados na UnB, na Universidade Federal Rural do Rio

de Janeiro (UFRRJ), na Universidade Autónoma de Madrid, na Espanha, e na Universidade de Alcalá, no mesmo país. A entrevista dialogal foi desenvolvida em 12 de janeiro de 2023 com a docente Hayeska Costa Barreto, do Departamento de Serviço Social da UnB, graduada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), com doutorado realizado na Universidade Federal do Ceará (UFC).

#### **4.1. Entrevista de fórmulas estabelecidas**

A entrevista realizada com Dantas (2023), que leciona na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, foi desenvolvida por meio de uma conferência online. Nesse formato de encontro virtual, três espaços devem ser considerados para a análise do cenário em que a entrevista foi realizada. Primeiramente, os locais em que cada uma das participantes ocupa, fisicamente, é passível de comparação.

A docente optou por participar da entrevista de forma remota na sua residência, assim como a entrevistadora também estava em sua casa no momento da gravação. Com essa disposição espacial e com a mediação desse dispositivo sociotécnico, cada uma teve condições de arranjar o próprio ambiente para participar da conversa individualmente. É válido, ainda, associar o espaço da moradia a um ambiente confortável e seguro, onde cada participante exerce, à sua maneira, domínio sobre o cenário em que ocupa.

No entanto, é preciso compreender nessa entrevista o espaço não-físico do qual ambas compartilham simultaneamente, que é, justamente, o espaço virtual da conferência. Nesse plano, efeitos da proximidade entre as participantes sobre a conversação são reduzidos, senão anulados. Ainda que se entenda a dinâmica da conversa virtual como uma troca de informações entre o interlocutor e o receptor legítima, elementos vívidos da comunicação não-verbal se tornam pouco imperceptíveis, como a relação visual estabelecida, definida, nesse formato, por meio de uma projeção gráfica.

Mesmo diante dessa impessoalidade determinada pelo cenário dessa entrevista, foi possível identificar com clareza diferenças entre as duas etapas da conversação. Enquanto a fase da troca de turnos direta na fala das participantes - viabilizada por quatro perguntas e respostas sem demais intervenções da entrevistadora - teve duração de seis minutos e trinta e dois segundos, a conversação sobre a entrevista realizada, que não contava com roteiro pré-estabelecido, levou treze minutos e vinte e dois segundos.

Ou seja, o período da conversação em que o contato não estava programado ou estabelecido por meio de perguntas previamente elaboradas teve, praticamente, o dobro de duração. Na etapa de conversação em que não foram realizadas as perguntas do roteiro, ficou

manifestada, de forma didática, a troca de conteúdo informativo entre as participantes. Isso porque a professora, que exercia o papel de entrevistada, passou a realizar, também, perguntas de seu interesse à sua receptora, que antes ocupava o papel de entrevistada.

Ativamente, a docente perguntou se poderia fazer sugestões ao trabalho, que forneceram novos conteúdos para a conversa. Mesmo o pedido para fazer as proposições antes de, efetivamente, fazer a intervenção sugestiva, demonstra a polidez da professora em uma fala entre duas pessoas que não tinham, até então, nenhum vínculo estabelecido. Nesse momento da entrevista, cada uma das participantes da conversa encontrou espaço para mencionar referências bibliográficas que podem ser consideradas complementares à bagagem de conteúdo dessas pessoas, de forma mútua.

A partir disso, os papéis que as participantes ocuparam naquela conversa podem ter se alterado de entrevistadora e entrevistada para pesquisadoras. Ao compartilharem papéis semelhantes, foi possível encontrar, ainda, um novo nível de identificação possibilitador de uma oportunidade de proximidade.

Na fase do desenvolvimento das perguntas estabelecidas em roteiro, para a primeira pergunta, a resposta durou onze segundos. O questionamento não instigou a entrevistada a desenvolver uma contextualização ou a necessidade de explicar a sua fala: “sim, é sim importante. Tanto como professora quanto pesquisadora. Eu sempre uso a entrevista” (DANTAS, 2023). A afirmativa, contudo, mesmo que curta, deve ser considerada como um conteúdo informativo, por evidenciar marcadamente a posição da entrevistada. Mas, para a elaboração de uma matéria jornalística, o uso dessa fala transcrita no texto necessitaria de adaptações - como a inserção do sujeito (a entrevista) antes do verbo “é”, no enunciado da professora.

Já na terceira pergunta, foi possível observar um outro retorno da entrevistada ao questionamento. Apesar de sua resposta ter se iniciado com uma só palavra, em seguida, se sente à vontade para contextualizar o seu posicionamento, inclusive com referências à sua história pessoal. Contudo, ao concluir a explicação, ela comunica a falta de entendimento sobre a recepção da sua fala, e diz: “não sei se eu respondi o que você queria” (DANTAS, 2023). Ou seja, o desenvolvimento da resposta com contextualizações é uma iniciativa da entrevistada, mas ela demonstra insegurança sobre a necessidade da sua intervenção pela falta de troca de turnos entre os falantes.

Ao fazer o quarto questionamento, a entrevistadora indica que essa seria a última pergunta da entrevista. Com isso, oferece condições para que a entrevistada prolongue o desenvolvimento de sua resposta, se sentir a necessidade ou se interessar, uma vez que havia

sido informada sobre a duração média do encontro - de aproximadamente vinte minutos - e, até aquele momento, haviam se passado cerca de quatro minutos. Mesmo assim, a professora se utilizou de menos de dois minutos para dar sua resposta, e para isso, se baseou em uma informação oferecida pela entrevistadora no momento prévio da entrevista, quando as participantes se apresentaram, rapidamente. O aproveitamento de um dado fornecido pela entrevistadora demonstra a contribuição que a troca entre o interlocutor e o receptor da conversação pode proporcionar ao conteúdo da resposta do entrevistado.

Ao final da primeira etapa, quando a entrevistadora pede que a entrevistada opine sobre o processo da entrevista sem abordá-la com uma nova pergunta, pela primeira vez nota-se que a professora se refere à sua receptora por meio de apelido. Essa é uma sinalização de abertura para o início de um momento mais íntimo e descontraído, ou no mínimo de mais disposição da entrevistada em colaborar com a ambientação de uma conversa menos inquisitorial. O teor da conclusão da conversa corrobora com a percepção de que há o intuito de estabelecimento de vínculo e, portanto, de proximidade da entrevistada com a entrevistadora. A professora se dispõe a continuar a conversa após o encerramento do encontro virtual programado.

Costa (2023), segunda professora entrevistada por meio desse modelo, por sua vez, demonstrou que sentiu a ausência das intervenções da entrevistadora na conversação. Para ela, essa presença tem a função de “diminuir a ansiedade do entrevistado” (COSTA, 2023) sobre a sua resposta e, por outro lado, “atender mais a expectativa do entrevistador” (COSTA, 2023). Na segunda etapa da conversação, a professora definiu que entende a entrevista, a partir da sua percepção e experiência, como um diálogo, em vez de uma movimentação unilateral liderada por um dos participantes. Para demonstrar a sua percepção, cita a palavra em inglês “interview”, que significa “entrevista” na tradução em português. Essa seria uma forma de defender a intervenção como um ato próprio da entrevista, por meio da origem semântica da palavra em outro idioma.

A professora entendeu que falou livremente, mas expressou dúvida sobre como suas respostas teriam contribuído para os objetivos da entrevista, que teve duração de dez minutos e trinta e quatro segundos. Já na primeira pergunta, ao desenvolver a sua resposta, a professora diz: “eu não sei quais são as próximas perguntas que você vai fazer” (COSTA, 2023). Essa frase pode ser uma sinalização de que a entrevistada não encontrou, no questionamento fechado, a abrangência que consideraria necessária para o que gostaria de responder, uma vez que demonstrou que sua fala poderia atender questões além do que a enunciada.

Além disso, após ouvir a pergunta, a professora faz outra indicação de que a questão seria insuficiente, pois reage, em seguida, questionando: “é essa [a pergunta]?” (DANTAS,

2023), antes de iniciar suas explicações. Outra indicação permitida pela análise da entrevista com a professora foi a possibilidade de que informações essencialmente explicativas fiquem omitidas em uma entrevista escassa de intervenções. Por exemplo, a entrevistada narrou que, em certo período da sua trajetória, retornou à Brasília, mas não há contexto em sua fala sobre em que lugar esteve antes desse movimento.

Uma nova exemplificação pode ser observada quando a entrevistada se refere aos colegas de sua turma de graduação como formandas. Ela não explica, porém, se todas as pessoas com quem se graduou eram mulheres, ou se o substantivo feminino foi usado apenas para indicar uma maioria feminina. Essa observação é importante para uma análise no campo da Comunicação uma vez que o primeiro caso sinaliza um potencial noticioso, se a entrevista fosse voltada para a elaboração de uma matéria jornalística.

A entrevista foi marcada por elementos de reafirmação dos papéis da entrevistada enquanto professora da universidade em que a entrevistadora é estudante, com a pronúncia e siglas próprias do espaço físico da UnB e uma referência verbal a alunas que estiveram na sala da professora antes do início da conversa. Logo na abordagem inicial, observa-se o indicador de polidez na fala da entrevistadora, como uma tentativa de contribuir para a criação de um cenário em que a entrevistada pudesse se sentir confortável. Em vez de perguntar à professora, de forma direta, se poderia realizar as perguntas, a entrevistadora optou por suavizar o contato, dizendo: “eu queria muito poder fazer as minhas quatro perguntinhas” (MESTRE, 2023). O tempo verbal da frase foi substituído, e ainda, houve uso do diminutivo em um dos substantivos, evidenciando sinais da polidez linguística na busca de preservar os papéis das participantes, tendo em vista o caráter hierárquico da relação; e de promover um cenário de interação simpático para a entrevista.

#### **4.2 Entrevista ritual informativa**

Este modelo foi aplicado na entrevista realizada com Yokoy (2023), docente da Faculdade de Educação (FE) da Universidade de Brasília, em sua sala de trabalho na FE. O período da entrevista em que foram realizadas as perguntas, de caráter aberto, estabelecidas no roteiro, teve duração de sete minutos e oito segundos. Já a segunda etapa da conversa, em que a professora teve espaço para opinar sobre a abordagem e condução da entrevista, bem como a própria entrevistadora, levou doze minutos e cinquenta e oito segundos.

Ainda nas respostas ocasionadas pelo roteiro de perguntas da entrevista, a professora evidencia sua compreensão sobre a entrevista enquanto uma ferramenta metodológica pautada em “pressupostos de epistemologia qualitativa” (YOKOY, 2023) para entendê-la “como um

diálogo no qual nós participamos, que todos que estão envolvidos [...] fazem parte da entrevista” (YOKOY, 2023). Essa resposta, no início da entrevista, foi retomada na segunda etapa da conversa. Quando questionada se, a partir do roteiro pré-estabelecido, a professora sentiu a necessidade de fornecer outras informações, a resposta é positiva. Ela percebeu que o tema da pergunta do roteiro poderia ser ampliado com novas respostas.

Em uma das perguntas estabelecidas no roteiro, a entrevistada encontrou dificuldade de compreensão. Quando a entrevistada fez a pergunta: “do seu ponto de vista, em que medida o ambiente público da Universidade, como o da UnB, pode trazer impactos para o ensino?” (MESTRE, 2023), a professora precisou repetir o questionamento, em voz alta e de forma resumida, para compreendê-la. Após a realização da pergunta, a entrevistadora diz: “como o ambiente público traz impactos para o ensino?” (YOKOY, 2023), e a entrevistadora confirma o teor do questionamento.

O problema na compreensão da pergunta também foi abordado na segunda etapa da conversa. Foi levantada a discussão sobre a possível influência na compreensão do questionamento a partir do formato da pergunta, que leva um aposto explicativo - como o da UnB - entre as orações da sentença. Nesse debate, a entrevistadora comenta: “acho que essa formulação não direta, às vezes, pode influenciar, também, na forma como a pessoa entende a pergunta, né?” (MESTRE, 2023). A educadora conclui: “mas sempre vai influenciar, sabe, Gabriela?” (YOKOY, 2023). Essa adversidade na compreensão é encontrado, também, em conversas cotidianas, e podem ser superados por meio da troca de turnos entre interlocutores, característica da prática de conversação.

A professora pontua outros fatores de influência no processo da entrevista. São elas: as diferenças de idade entre as participantes da conversa; e o ambiente em que a entrevista é realizada, que a professora define como “uma sala de laboratório” (YOKOY, 2023), que retoma uma posição hierárquica entre estudante e professor. “Talvez, se a gente tivesse [sic], sei lá, num [sic] banquinho ali embaixo daquela árvore, né? Isso também interferiria na forma como a gente dialoga [...] Mas a gente tá [sic] sentado numa mesa, né? Como se fosse um consultório” (YOKOY, 2023).

Também é válido observar que na primeira etapa da entrevista, a entrevistadora não utilizou palavras ou interjeições de afirmação ao longo das respostas da entrevistada, evitando a interferência no fluxo da fala da professora. Em uma análise conversacional, os momentos em que um dos participantes da conversa demonstram concordância por meio da linguagem verbal permitem demonstrar que o ouvinte está, em certa medida, participando do momento de troca de informações, acompanhando e compreendendo as falas do interlocutor.

A projeção dessas palavras afirmativas pode ser motivada pelo falante, que busca as afirmações por meio de perguntas, como “entendeu?”, “sabe?” ou a interjeição “né?”, que abrevia o termo “não é?”. Na fase do roteiro de perguntas, a professora emitiu 52 vezes a interjeição “né”. O emprego desse recurso, apesar de não poder ser analisado de forma isolada, já que possivelmente está relacionado à maneira com que a entrevistada se utiliza da linguagem na sua vida cotidiana, pode demonstrar a necessidade da entrevistada de promover a participação do seu interlocutor no fluxo da conversação.

A proximidade mais evidente gerada entre as participantes durante o encontro foi notada na segunda etapa da conversação. Ao longo da entrevista, a professora não se refere à entrevistada com o uso de vocativos. A troca de turnos de locução, por meio das perguntas e respostas, é direta, sem novas intervenções e contribuições entre as falas. Contudo, no momento da conversação, estabelecido após a etapa de roteiro de perguntas, a entrevistada se utiliza de apelido para falar com a entrevistadora. “Sabe, Gabi? Eu já estou te chamando de Gabi” (YOKOY, 2023), demonstrando a abertura de um espaço mais flexível, para além de formalidades, durante a etapa de conversação.

Uma segunda entrevista ritual informativa desenvolvida para os fins deste trabalho trouxe condições diferentes para a análise do modelo. Barbato (2023), professora do Instituto de Psicologia da UnB, optou por realizar o encontro no térreo do prédio em que reside. Assim, o cenário dessa entrevista envolve particularidades, como a relação pessoal da entrevistada com o espaço, que, potencialmente, levam a entrevistada a se sentir mais confortável do que em relação ao ambiente da sala de professora na Universidade.

Assim, enquanto Yokoy (2023), que realizou a entrevista em sua sala na Faculdade de Educação, entendeu o ambiente da entrevista como um laboratório, Barbato (2023) participou da conversa no espaço da sua própria casa. Esse cenário não apenas propicia um campo simbólico da intimidade da professora para a conversa, como também se diferencia pelo fato de que o espaço não oferece pontos em comum entre a entrevistada e a entrevistadora.

A única relação com o espaço partilhada pelas participantes da conversa é a cidade em que moram, o que, em comparação ao ambiente da Universidade, traz menos elementos de identificação entre as participantes da conversa. Ou seja, é mais compreensível que a entrevistada se sinta mais confortável para desenvolver a sua fala em um cenário na qual exerce uma relação mais íntima e, em alguma medida, de domínio, ainda que a condução da entrevista seja uma atribuição da entrevistadora.

Na segunda etapa da conversação, quando questionada sobre a forma da entrevista realizada, a professora demonstra que se sentiu, de fato, à vontade para responder e satisfeita

com a condução. Mas o motivo que usa para justificar a sua opinião não diz respeito ao formato das perguntas, e sim, à postura da entrevistada. A professora notou, pontualmente, que a sua proximidade física com a entrevistadora e a abordagem visual “olhos nos olhos”, como explica Barbato (2023), foram os fatores que colaboraram para que se sentisse confortável.

Por mais que não seja o objetivo deste trabalho abordar a linguagem não verbal da entrevista, como explicitado anteriormente, o apontamento da entrevistadora é mais um elemento que diferencia a abordagem realizada para esta entrevista. Essa proximidade física entre as participantes da conversa está relacionada ao fato de o encontro não ter a interferência de uma mesa, como ocorreu na entrevista com a professora Tatiana Yokoy de Souza, por exemplo.

Diminuir esse distanciamento permitiu, também, que a professora Silviane Bonaccorsi Barbato tenha notado como relevante o contato visual estabelecido com a entrevistadora, o que, por mais que tenha ocorrido, também, nas demais entrevistas, não foi um aspecto notado pelas demais entrevistadas. Essa ambientação de conforto para que a entrevistada desenvolvesse sua fala foi notadamente refletida no conteúdo das respostas. A parte da entrevista teve duração de vinte e sete minutos, enquanto a segunda etapa da conversação ocorreu por cerca de dez minutos.

O desenvolvimento mais longo das respostas da professora Silviane, mesmo sem novas intervenções verbais da entrevistadora durante a conversa, a não ser pela leitura das perguntas estabelecidas no roteiro, abre espaço para dois vieses diferentes de análise do conteúdo da fala e da abordagem da entrevistadora. Nota-se que a entrevistada direcionou as suas respostas com liberdade para outros assuntos, distintos dos temas provocados pelas perguntas.

Nesta entrevista, caso a entrevistada não estivesse comprometida em respeitar os limites do roteiro de perguntas, sua participação na conversação poderia contribuir para a apuração de informações, enquanto repórter, em dois sentidos: primeiramente, novos temas mencionados pela professora, de sua vida pessoal, poderiam ser retomados pela fala da entrevistada. A partir de uma nova abordagem da entrevistadora, o conteúdo gerado pela entrevistada tinha potencial de ser melhor explorado e, com isso, produzir mais informações.

Por outro lado, uma participação mais ativa da entrevistadora poderia alterar a forma de coleta de informações da entrevista no sentido contrário ao de explorar novos temas abordados pela entrevistada. Sem a condução da entrevistada, a entrevistadora teve a liberdade de elaborar suas respostas, também, de forma a se desviar do objetivo central da pergunta.

Assim, a entrevistadora pode deixar de coletar dados que considerar importantes, em termos de material informativo, por não instigar a entrevistada a abordar conteúdos centrais do

questionamento. Percebe-se, então, que o envolvimento da entrevistadora, enquanto parte atuante do momento da entrevista, não só permite a flexibilidade de explorar elementos novos levantados no decorrer da conversação, como também de evitar que elementos da resposta sejam perdidos ou omitidos em razão da falta de troca de contatos entre o receptor e o interlocutor.

### **4.3 Entrevista dialogal**

Barroso (2023), que participou da pesquisa por meio da entrevista dialogal, professora do departamento de Serviço Social, opinou explicitamente que a troca entre a entrevistadora e a entrevistada permitida pelo modelo pode fazer que a entrevistada se sinta “um pouco mais à vontade para poder falar um pouco mais” (BARROSO, 2023).

Essa posição pode ser exemplificada pela conversa anteriormente estabelecida, a partir da sequência de temas a serem abordados elaborada para o encontro. Considerando a apuração jornalística, deixar o ambiente mais confortável para que a entrevistadora fale abertamente pode ser considerado uma virtude para o entrevistador, que busca, para a notícia, elementos ainda ocultos a serem oferecidos pela sua fonte.

Ainda que as temáticas não objetivassem, diretamente, encontrar falas da professora sobre a sua intimidade, a entrevistada narrou fatos da sua vida privada e com explicações específicas. A entrevistada contou sobre dificuldades financeiras com as quais se deparou no período da graduação e, também, no período escolar.

Em uma das respostas da professora sobre assuntos de sua vida íntima, a entrevistadora compartilhou com a entrevistada fatos da sua própria experiência que permitem uma identificação entre as participantes da conversa para além dos papéis sociais estabelecidos no início do diálogo - as duas foram bolsistas em escolas particulares durante a infância. A partilha de papéis similares entre indivíduos em uma mesma conversa possibilitam um nível de proximidade que ainda não havia sido exposto e, portanto, explorado para a entrevista.

Observa-se na entrevista dialogal, também, novos recursos disponíveis para a intervenção da entrevistadora. Em quatro momentos da conversa, que durou vinte e quatro minutos e trinta e seis segundos, a entrevistada repete as mesmas palavras utilizadas em afirmações feitas pela entrevistadora durante as intervenções. Para exemplificar, enquanto a professora explicava sobre a sua opção pelo campo acadêmico no decorrer da sua carreira - tema levantado pela entrevista -, a entrevistadora afirmou “foi amor à primeira vista” (MESTRE, 2023) e, em seguida, a frase foi repetida integralmente pela entrevistadora.

Ou seja, para uma matéria jornalística, a autoria dessa fala poderia ser atribuída unicamente à entrevistada, mas foi, de fato, provocada pela entrevistadora. Assim, é possível notar que o entrevistador tem condições de instigar, em alguma medida e de forma sutil, posicionamentos do seu entrevistado que lhe convém para a escrita da matéria. Vale destacar que esse recurso pode, também, ser usado de má-fé pelo entrevistador que buscar respostas enviesadas do seu interlocutor.

Em outras intervenções, a entrevistadora - que, vale relembrar, assume um papel para este modelo de entrevista menos inquisitório, e mais colaborativo - faz declarações de opiniões próprias durante a conversa, além das perguntas características de uma entrevista. Também foi observado que essas participações serviram como uma oportunidade para a entrevistadora elaborar a sua fala ou, ainda, desenvolver a sua continuidade. Como exemplo, em um momento da entrevista, a professora começa a declaração “quanto mais alto o seu nível de formação” (BARROSO, 2023), mas não conclui. Em vez disso, questiona, de forma retórica: “como é que eu posso dizer?” (BARROSO, 2023), dando sequência à declaração da entrevistadora: “mais caro você fica” (MESTRE, 2023), afirmação que foi integralmente repetida pela entrevistada.

Para os fins deste trabalho, a análise também deve considerar uma explicação da entrevistadora, enquanto profissional que lida com a entrevista como instrumento de trabalho, sobre modelos de entrevistas. Ao comentar o propósito da entrevista desenvolvida, a professora faz a ressalva de que considera importante que a entrevistadora apenas se posicione após a fala da entrevistada, a fim de evitar o enviesamento da resposta. Além disso, para o campo de Serviço Social, ela entende que um roteiro estabelecido para o desenvolvimento de entrevistas traz ao entrevistador a tendência de apenas reiterar questões já observadas em fases anteriores de sua pesquisa acadêmica.

## 5. CONCLUSÕES

A entrevista como ferramenta de apuração para o jornalista é um momento de interação em que o entrevistador e o entrevistado, participantes dessa relação, desempenham funções correspondentes aos papéis sociais estabelecidos na conversação, preservando as características da sua função e agindo coerentemente a ela. Em busca da notícia, o repórter deve não apenas elaborar as perguntas corretas, como também fazer o exercício de manutenção dos papéis de modo que seu entrevistado se sinta confortável e seja instigado a articular suas respostas e, conseqüentemente, oferecer informações.

As intervenções do entrevistador na conversação podem funcionar como um estímulo para que o entrevistado desenvolva melhor suas respostas e se prolongue em sua fala, e, consciente disso, o jornalista tem condições de inspirar — ou até induzir — o conteúdo da resposta do seu interlocutor; como uma maneira de conduzir as temáticas levantadas na interação, evitando que prevaleça na conversa os assuntos que entende como desimportantes para a sua apuração e, ainda, explorando com mais detalhes as ideias apresentadas pelo entrevistado que considere interessantes; e como uma forma de apresentar, também, conteúdo informativo para o momento de troca oportunizado pela entrevista.

Quando o entrevistado sente liberdade para participar da conversação, o jornalista tem a possibilidade de obter informações que antes, o seu interlocutor poderia não estar disposto a oferecer ou, então, que não estavam previstas a partir das suas concepções prévias para a entrevista. Essas percepções que antecedem o momento da conversa são evidenciadas em um roteiro de perguntas, que quando seguido religiosamente, pode prejudicar o melhor aproveitamento das ideias que o entrevistado revela durante a interação. É importante para o momento de apuração jornalística que o repórter compreenda o potencial noticioso da fala do seu entrevistado a fim de que o tema seja bem desenvolvido e, para atingir esse objetivo, é positivo que ele se sinta à vontade nesse contato. Assim, ideias abordadas pela entrevistada que não estavam previstas no roteiro de perguntas podem, então, se tornar o assunto principal da entrevista ou da conversa. No conceito dos estudos de Jornalismo, o novo tema poderia se tornar, então, um “lide” inesperado.

Como em uma cena de teatro, além dos papéis exercidos pelos atores, outros elementos que compõem a interação são importantes para a compreensão da informação na entrevista. Por exemplo, a linguagem não verbal pode, além de comunicar ideias, percepções e sentimentos dos participantes, também influenciar na ambientação da entrevista. O

entrevistado pode se sentir mais seguro ou à vontade a partir da postura do seu receptor no momento da fala, como observado por uma das entrevistadas deste trabalho. Conjuntamente, o próprio cenário ou ambiente em que a entrevista é desenvolvida influencia o comportamento dos participantes e, conseqüentemente, o desenvolvimento das suas intervenções.

Ainda que o objetivo desta pesquisa de análise da conversação no momento da entrevista esteja circunscrito na fala, essas variáveis externas à linguagem foram observadas como questões relevantes para a execução da entrevista, funcionando como parte informativa da conversa. Partindo de um modelo fechado e restrito de entrevista para uma forma mais semelhante ao diálogo, caracterizado pela troca interativa dos participantes da conversa, foi possível perceber que uma entrevista análoga ao questionário limita a capacidade do jornalista de obter informações, o que empobrece a apuração. Por outro lado, ainda que haja o esforço de se assemelhar a um tipo de conversação inteiramente aberta, não se trata de um diálogo perfeito, pois a entrevista tem objetivos próprios para o jornalista, que tem o fim de obter uma notícia, e o seu estabelecimento por si só revela ao entrevistado a postura e os papéis sociais esperados para o momento daquele contato.

## REFERÊNCIAS

BARBATO, Silviane Bonaccorsi. Entrevista concedida a Gabriela Albuquerque Mestre. Brasília, 16 jan. 2023. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "F" desta monografia].

BARROSO, Hayeska Costa. Entrevista concedida a Gabriela Albuquerque Mestre. Brasília, 12 jan. 2023. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "G" desta monografia].

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. C. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge: Cambridge University Press. 1987.

CANTAVELLA, Juan. **Manual de la entrevista periodística**. Barcelona: Ariel Comunicación, 1996.

CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de. **Foco narrativo e fluxo da consciência: questões da teoria literária**. São José do Rio Preto: Pioneira, 1981.

CERQUEIRA NETO, J. C.; DOS SANTOS, A. P. **A entrevista como um gênero do discurso: conceitos e fundamentos**. Travessias, Cascavel, v. 11, n. 1, p. 244–269, 2017. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/16207>. Acesso em: 11 out. 2022.

DA COSTA, Anabelle Carrilho. Entrevista concedida a Gabriela Albuquerque Mestre. Brasília, 12 jan. 2023. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "D" desta monografia].

DANTAS, Otília M. A. da Nóbrega. Entrevista concedida a Gabriela Albuquerque Mestre. Brasília, 5 jan. 2023. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "C" desta monografia].

DE ALMEIDA, Sabrina Karlla Oliveira. Razões para o desenvolvimento do método experimental na Ciência Política contemporânea. **Revista Latinoamericana de Metodología de las Ciencias Sociales (Relmecs)**, v. 6, n. 1, p. e002-e002, 2016.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 1984.

GOBANTES BILBAO, Maite. **Fundamentos teóricos de la entrevista en prensa**. Universidad de Murcia, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10201/2315>

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

JORGE, Thaís de Mendonça. **Viver o jornalismo: a entrevista no dia a dia da profissão**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2019.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Análise da Conversação: Princípios e métodos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

LAGE, Nilson. **A Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MARRADI, Alberto. Método experimental, método de la asociación y otros caminos de la ciencia. **Paradigmas: Una Revista Disciplinar de Investigación**, v. 5, n. 1, p. 11-38, 2013.

VALLVEY, Fernando Martínez. **La entrevista periodística desde el punto de vista conversacional**. Salamanca, Espanha: Publicaciones Universidad Pontificia, 1995.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo : Ática, 2011.

MORIN, Edgar. **A entrevista nas Ciências Sociais, no rádio e na televisão**. In: MOLES, Abraham A. et al. *Linguagem da Cultura de Massa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

NUNES, Jordão Horta. **A sociolinguística de Goffman e a comunicação mediada**. *Tempo Social* [online]. 2007, v. 19, n. 2, pp. 253-266. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-20702007000200010>>. Epub 24 Jan 2008. ISSN 1809-4554. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702007000200010>.

OYAMA, Thaís. **A arte de entrevistar bem**. Editora Contexto, 2012.

PAZ, Guillermina Baena. **Gêneros periodísticos informativos**. Buenos Aires: Paidós, 1990.

PEREIRA, Fábio Henrique. **O Jornalista Sentado e a Produção da Notícia on-line no Correio Web**. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 95–108, 2006. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/85>. Acesso em: 11 out. 2022.

RÍO REYNAGA, Julio del Río. **Teoría y práctica de los géneros periodísticos informativos**. México: Editorial Diana, 1991.

ROUCHOU, Joëlle. **Ouvir o outro: entrevista na história oral e no jornalismo**. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belo Horizonte, 2003.

SÁNCHEZ, José Francisco. **La entrevista periodística: introducción práctica**. Pamplona: Eunsa, 2000.

SILVA, Lúcia Marta Giunta da et al. **Comunicação não-verbal: reflexões acerca da linguagem corporal**. *Revista Latino-Americana de Enfermagem* [online]. 2000, v. 8, n. 4 [Acessado 15 Janeiro 2023], pp. 52-58. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-11692000000400008>>. Epub 30 Maio 2005. ISSN 1518-8345. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692000000400008>.

YOKOY, Tatiana. Entrevista concedida a Gabriela Albuquerque Mestre. Brasília, 10 jan. 2023. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "E" desta monografia].

## 6. APÊNDICES<sup>4</sup>

### APÊNDICE A — PRÉ-TESTE COM ENTREVISTA ESTRUTURADA

**G:** Primeiro, se você puder falar o seu nome completo e idade...

**L:** Eu me chamo Lucas Rafael Justino de Moraes, eu tenho (pausa) um instantinho... 21? 21 anos (risos). É... curso também, né? Eu faço Comunicação Social/Audiovisual aqui na UnB.

**G:** E de quantos semestres você precisou para se formar?

**L:** Oito.

**G:** Oito? Legal. Eu vou começar, então. É, essa é a sua primeira formação?

**L:** Sim.

**G:** Qual o motivo de você ter escolhido o seu curso?

**L:** Ah, eu comecei a gostar muito de cinema uma época e decidi que seria interessante estudar isso na UnB e eu vi que era uma faculdade de excelência, então eu decidi vir pra cá.

**G:** Você gostou da formação recebida?

**L:** Sim, sim. No geral foi uma coisa que... me... deixou contente.

**G:** E.. as suas expectativas sobre a faculdade se cumpriram?

**L:** Sim. Na verdade, sim.

**G:** Qual foi o seu maior desafio durante a graduação?

---

<sup>4</sup> Para a transcrição das entrevistas nestas apêndices, a linguagem informal e características próprias da oralidade foram mantidas. Assim, algumas palavras foram redigidas com erros gramaticais, de acordo com a norma culta da língua portuguesa, com o intuito de preservar o conteúdo da fala das entrevistadas.

**L:** Acho que tentar conciliar prática e teoria, não ficar só em um nem em outro. Acho que foi isso que eu tentei buscar, assim, esse equilíbrio.

**G:** Qual foi o tema do seu Trabalho de Conclusão de Curso?

**L:** Então, meu trabalho é uma análise semiótica de dois filmes em que eu comparo eles por serem mais ou menos parecidos, são duas ficções científicas.

**G:** Você pretende realizar uma pós-graduação?

**L:** Sim, sim. Eu pretendo engajar em um mestrado em breve.

**G:** Em qual área?

**L:** Eu acho que na área de imagem e som, mesmo, alguma coisa assim, relacionada (pausa) a arte, cinema. São coisas que me... me interessam bastante.

**G:** E você já está inserido no mercado de trabalho?

**L:** Não, na verdade não. Eu... eu fiz alguns trabalhos, né? Aquele como... audiovisual, mesmo, né? Para trabalhar na área, mas no momento, não.

**G:** E você pretende se inserir, de alguma forma?

**L:** Sim, sim. Eu pretendo começar uma... é, engajar, né? Mais com os contatos, assim, que acaba a formação, que eu vou ter mais tempo disponível.. poder me dedicar mais à prática, ao trabalho, né? Então, sim.

**G:** Onde você gostaria de desenvolver a sua carreira?

**L:** Ah, eu, eu gostaria muito de desenvolver ela em Brasília, mas eu também tenho, assim, a noção de que talvez não seja possível. Talvez eu precise me deslocar para um estado mais dentro do eixo, com Rio de Janeiro, São Paulo... é, é isso.

**G:** E quais são as suas perspectivas para o futuro?

**L:** Cara, as minhas, minhas perspectivas são de que eu consiga trabalhar bem, tipo regularmente, sem passar por muito tempo sem trabalhar, e conseguir me dedicar a uma pós-graduação pra... sempre me especializando em alguma coisa dentro dessa grande área que é a comunicação.

**G:** É, de modo geral, você considera que a sua experiência na universidade possibilitou que você e seus colegas se tornassem pessoas preparadas para o mercado de trabalho?

**L:** Eu acho que sim. Eu acho que a gente tem um mito muito grande de que o mercado é um monstro que vai te engolir e que você não vai conseguir enfrentar. Mas, na verdade, é que você chega lá e tá todo mundo mais ou menos tão preparado quanto você. Então as coisas vão se encaixando. Pelo menos, na minha visão, não é nada que a gente precisasse de um curso extremamente prático para aprender, e tal. Eu acho que as Empresas Júnior elas fornecem uma formação complementar que é interessante, alguns projetos de extensão também. Então eu acho que: sim.

**G:** Legal! Eu não tinha te perguntado se você é daqui de Brasília, mesmo. É a sua cidade de origem?

**L:** Sim, sim.

## APÊNDICE B — PRÉ-TESTE COM ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

**G:** Primeiro, se você puder falar o seu nome completo, idade...

**S:** Beleza. Meu nome é Sofia Todd. T-O-D-D (risos). E eu tenho 22 anos e eu estudo comunicação social/audiovisual aqui na UnB. To no último semestre.

**G:** E você é de Brasília, mesmo?

**S:** De Brasília. É... nasci aqui só que eu moro sozinha, meus pais, minhas família, não moram mais aqui. Então, sou de Brasília, sim.

**G:** E seus pais foram para onde?

**S:** Eles moram no México hoje em dia (risos).

**G:** Eu tive essa experiência, também. Eu sou de Cuiabá, vim para cá...

**S:** Ah, entendi!

**G:** E aí, depois, nesse intervalo, meus pais se mudaram para o Rio.

**S:** Caramba!

**G:** Então eu não tenho mais a casa dos meus pais...

**S:** Fixa, é. É esquisito se você deixa de morar com seus pais, você fica meio... aí eles se mudam aí você fica meio tipo tá, não tem mais a nossa casa, mas a casa deles, e de vez em quando eu visito.

**G:** Exatamente. Mas você ficou na mesma casa, que você já morava com seus pais?

**S:** Não, não. Eu mudei pra uma kit (quitinete), um apartamento menor. Eu moro sozinha. Então, é. Eu... sim. Eu sou de Brasília, sim.

**G:** (Risos). Você precisou de quantos semestres para se formar?

**S:** Olha, eu to... eu sempre fico em dúvida, eu to na UnB há cinco anos, eu entrei no 1 de 2015, mas eu tranquei um semestre. Então, tipo... mas o matrícula web, eles falam que eu estou no oitavo período, no oitavo semestre. O que é o correto porque eu to... enfim, fazendo TCC, tecnicamente último semestre. Só que eu tenho nove semestres. To no oitavo semestre, nove semestres de UnB feitos, mas dez vividos. Se isso faz sentido, assim.

**G:** Contando o semestre...

**S:** Que eu fiquei fora, é. O semestre que eu fiquei fora. Então seriam dez, mas na verdade eu fiz nove na UnB e o matrícula web acha que eu fiz oito.

**G:** Então tá tudo bem, tudo nos conformes.

**S:** É (risos), isso.

**G:** Então, aqui, na verdade eu tinha colocado sobre o desejo de ser jornalista, mas no seu caso, você é de áudio. Você pode falar sobre esse desejo pela área?

**S:** Você quer dizer, perspectivas futuras, ou tipo...

**G:** Também! Por que você escolheu a área.

**S:** Entendi.

**G:** O que que te motivou.

**S:** Eu acho que eu acabei optando pelo audiovisual porque eu tive algumas experiências, é... no ensino médio, mesmo, de mexer com curta, saca? Nada muito profissional. Mas acho que

eu acabei criando gosto pela área e eu gosto de muitas facetas dela. Tipo, eu gosto muito de roteiro, também gosto de edição... Eu tenho minha câmera (apontou para a câmera), eu gosto de fotografia e eu sempre gostei muito de... da comunicação em geral. De entender, tipo, como a internet funciona, eu cresci na internet e também todos nós, da nossa geração, né? Então tipo, eu acho que... a comunicação foi e o audiovisual foi uma forma meio de... juntar muitos interesses, assim. E eu gosto que... o... as perspectivas profissionais são bem variadas, assim, bem amplas. Eu podia trabalhar em várias áreas diferentes. Então eu entrei no curso de audiovisual, eu fiz um pouquinho de tudo, né? Roteiro, edição, produção, nanana. E agora eu to me engajando mais na área de políticas públicas para o audiovisual, assim. Tanto que esse é o tema do meu TCC, que eu acho que você vai me perguntar sobre isso (risos).

**G:** Sim!

**S:** É... só que eu gosto... eu gosto dessa parte do audiovisual, que tem tanto o lado criativo, né? De realmente fazer uma obra de arte, quanto o lado mais... tipo: vamos entender gestão, vamos entender políticas públicas, vamos entender a maquinaria pública. Que eu gosto, também.

**G:** Então, pelo o que você disse, esse gosto também foi se aprimorando durante o curso, né?

**S:** Aham!

**G:** Por coisas mais técnicas, tipo roteiro...

**S:** É, eu entrei falando “ah não, eu queria ser roteirista”. Agora eu acho que eu estou saindo com uma ideia um pouco diferente, eu gosto mais da área de produção, mais da área de políticas públicas. Então foi um amadurecimento que aconteceu durante o curso, com certeza. Eu fiz de tudo um pouco, então foi massa.

**G:** Já que você falou sobre perspectiva, vamos entrar nesse tópico. Quais são suas expectativas sobre o futuro?

**S:** Eu gostaria mesmo de fazer pós na área. Não sei se é exatamente na área de cinema, enquanto artes, se vai ser na área de comunicação, se vai ser na área de políticas públicas, acho que tem um leque. Mas eu gostaria de seguir uma carreira acadêmica nesse tempo. Também gostaria de

entrar no mercado de trabalho. Eu tive várias ideias. Acho que um processo muito natural para quem sai do audiovisual é tipo começar a ser videomaker, começar a montar produtora, entrar no mercado nesse sentido, que também é uma coisa que eu penso. Então eu to vendo duas... tipo, ou entrar no mercado de trabalho ou seguir a pós, né? Continuar a estudar. Não exatamente decidi o caminho que eu vou entrar ainda, mas eu já to ciente disso.

**G:** Entendi. É, você já teve alguma experiência no mercado de trabalho, durante a graduação?

**S:** Já, sim. Eu trabalhava em uma empresa júnior, então essa é a minha primeira ponte. Pegar cliente, mexer com cliente. Aí depois que eu saí, meio que quando eu tava nos finais, tipo nos últimos momentos, assim, eu comecei a pegar freela. É... Então eu já fiz muito freela de vídeo, mesmo. Tipo, ir lá, tirar foto, gravar... não tanto quanto eu gostaria, mas já, eu já tenho alguma experiência na área, assim.

**G:** Entendi. E você citou alguma coisa sobre o campo acadêmico. Também é uma área de interesse pra você?

**S:** Aham. Sim, semestre passado eu apresentei um artigo na Intercom e eu tive contato com pesquisa científica. Eu nunca fiz Pibic aqui na UnB, mas eu fiz um projeto de iniciação científica – deixa eu puxar esse mais pra perto (pegou o gravador). Eu fiz um programa de iniciação científica no ensino médio, então eu já tive meio que um contato lá... aí depois teve acho que foi comsoc e políticas, que a gente fez artigos, tanto que eu optei por fazer uma monografia no final das contas.

**G:** Sobre a sua monografia.

**S:** Sobre a minha monografia. É... minha monografia é na área de políticas culturais para o audiovisual. Eu... é um estudo de caso sobre a Spcine, que é a empresa de cinema e audiovisual de São Paulo, que é basicamente uma entidade que opera no município de São Paulo que concentra, nela, todo, toda a política audiovisual da cidade. Então, eles tem programas de editais, né? Programas de fomento, financiamento, que é o que meio que a gente pensa quando a gente pensa em políticas culturais de fomento ao audiovisual. Mas eles também têm outras iniciativas que eu acho muito interessantes. Eles têm uma rede de salas de cinema, rede pública, sala de cinema, que traz cinema a tipo zero custo para a periferia de São Paulo. Tem uma coisa

que se chama film commission que basicamente faz uma ponte entre os produtores, né? E as entidades governamentais da cidade. Então, por exemplo, se eu quiser fechar a Avenida Paulista pra eu gravar lá, a film commission meio que faz essa ponte com o... a prefeitura. É...

**G:** Você já conhecia essa organização ou foi o trabalho que te levou a ela?

**S:** Eu conheci, eu peguei uma matéria aqui na UnB, na FAC, que é obrigatória do meu departamento, que tipo - você vai segurar? (o gravador)

**G:** Pode deixar!

**S:** É... eu peguei uma matéria que é obrigatória para o audiovisual, acho que é do sétimo semestre, que se chama legislação audiovisual. Legislação no desenvolvimento de projetos? Não sei, a gente chamava de legislação. E basicamente a gente começa a dar uma pincelada sobre como funciona o audiovisual no Brasil enquanto, tipo, meio que desse lado governamental, de fomento ao audiovisual. E aí, lá, o professor Sérgio (Ribeiro), que ministrou a matéria apresentou pra gente e **SPcine**. Eu fiquei muito atraída por esse lado da **SPcine** de tipo... dessa pegada mais de democratização do acesso à cultura, sacas? Fiquei mais interessada nisso. Eu também estagiei por um ano e dois meses na Ancine, Agência Nacional de Cinema.

**G:** Legal! Então o tema da redação do Enem, agora, esse ano...

**S:** Sim!

**G:** Você ficou...

**S:** Foi tipo, o meu TCC todinho!

**G:** Você iria tirar mil.

**S:** (Risos) eu espero que sim! Mas, assim, quando saiu o Enem, alguém me mandou mensagem tipo “nossa, caramba, olha esse tema!” Eu fiquei “putz, se eu tivesse fazendo o Enem esse ano... cara, eu ia deitar na redação”.

**G:** (Risos)

**S:** Mas assim, é muito legal, eu gosto muito do meu tema. Tá que ele é meio técnico, assim, eu não to mexendo com a parte criativa. Mas eu acho que ele é um assunto que tá super, é... na mídia agora. Essa coisa de políticas de fomento à cultura, tema do Enem... Foi muito massa ver como... e tipo a Spcine foi algo muito recente. Tipo, quando a Spcine foi criada eu estava entrando na UnB. Então eu acho engraçado porque parece que eu evolui junto com o meu objeto de estudo.

**G:** Legal!

**S:** Então é uma iniciativa muito recente, eu tava lidando com coisas que aconteceram, tipo, mês passado, saca? Editando a minha monografia. É muito efervescente, assim. Por isso que eu gosto.

**G:** Essa questão de evoluir junto com o seu objeto, você inseriu isso dentro da sua justificativa, por exemplo, ou em alguma coisa?

**S:** Eu não botei na justificativa que eu achei que eu queria tirar um pouco do foco de mim, eu queria me apoiar mais em tipo... “Ah, eu escolhi esse projeto porque São Paulo está crescendo, enquanto setor audiovisual”. Como que meu... meu TCC original era analisar a Spcine e ver como que a gente poderia traduzi-lo para o DF, né? Como se a gente fosse criar uma Spcine, um Dfcine. Só que o escopo era muito grande para o TCC e aí eu dei uma cortada. Só que eu acho que isso vai permanecer na justificativa. Então eu puxei mais para esse lado, tipo, “ó, como que a gente pode aprender com essa coisa? Como que a gente pode aplicar elementos dessa experiência em outras partes?”. Mas, no final, eu cheguei a citar um pouquinho como tipo a cultura está sobre, meio que, mira no governo. Isso também entra na justificativa. Só que eu meio que não falo de coisas pessoais, acho que eu vou falar na banca.

**G:** Entendi.

**S:** Esse lado pessoal, assim.

**G:** Um tópico que eu queria que você falasse era sobre a sua trajetória na UnB. Você acabou explicando, um pouquinho, mas se você quiser trazer mais detalhes...

**S:** Beleza. Eu entrei na UnB em 2015 para o audiovisual. A escolha para marcar audiovisual foi meio que de última hora, eu sabia que gostava, mas eu meio que... que eu lembro que no meu segundo semestre foi um semestre de crise que eu peguei matéria... eu peguei acho que introdução à biotecnologia. Então foram matérias muito...

**G:** Caramba!

**S:** É. Foram matérias muito aleatórias. Eu sempre curti muito a área de ciências, também. Eu achava que eu queria... eu tava crente, crente, crente que eu ia trocar para a Biologia, ia fazer outra coisa. É... aí eu também tive uma fase que eu queria mudar para o jornalismo, , tipo, muito mesmo. Cheguei a pegar algumas matérias. Só que eu acho que foi quando eu entrei na Pupila<sup>5</sup>, que eu comecei a ter um contato mais prático com o audiovisual, que aí eu falei “não, esse curso me satisfaz nos aspectos criativos. Acho que eu quero ficar aqui”. Depois disso eu meio que, tipo peguei as matérias ao longo do semestre. Passei um semestre fora, que os meus pais eles estão morando no México agora, mas antes eles moravam nos Estados Unidos. Aí eu passei um tempo com eles lá, eu estudei em uma instituição lá por um tempo. Foi legal, também. Acho que complementou. Eu vi umas coisas de TV, de mixagem de áudio, coisa que eu não via aqui na UnB. Então, foi legal. Foi meio que um complemento.

**G:** Qual era a instituição?

**S:** Era o Instituto de Artes de Washington. Hoje em dia ele já fechou, acho que eles tiveram algum problema financeiro. Mas eu peguei, cheguei lá e peguei três matérias. Uma de roteiro, uma de mixagem de áudio e uma de produção em estúdio, que eu acho que vocês no jornalismo devem ter algo parecido, vocês meio que apresentam um programa? Não sei se vocês tem alguma matéria assim.

---

<sup>5</sup> “Pupila” é o nome de uma das empresas juniores da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília

**G:** É, acho que a gente tem contato com a questão de edição de matéria de TV, né? Edição de vídeo. Mas é Premiere, não é tão detalhado. Acho que a gente também aprende mais no estágio.

**S:** Ah, sim. É, com certeza. Lá foi mais... tipo, a gente teve que ensaiar um programa ao vivo, então a escola tinha aquela... eu esqueci o nome que eles chamam. Mas é tipo aquele aplicativo como se você tivesse trocando as câmeras.

**G:** Aham.

**S:** E aí foram matérias práticas nesse sentido. Mas aí, depois eu voltei para a UnB, já tinha saído da empresa júnior e depois disso foi só... projetos.. é... paralelos, o estágio e o curso natural, o percurso natural do curso.

**G:** Estágio, no caso, na Ancine, né?

**S:** Aham.

**G:** E sobre o mercado de trabalho, você falou um pouco que não sabe se vai para o mercado ou se faz uma pós-graduação.

**S:** Sim.

**G:** Se você for para o mercado, o que que você espera, considera?

**S:** Ahn... eu vejo várias opções. Tipo, eu gosto de editar. Então eu acho que ir para uma área de edição seria viável. Eu tenho uma amiga que se formou agora em audiovisual, também, que ela já tá em São Paulo, trabalhando com edição, o que eu achei muito foda. É uma, é uma opção. Eu gostaria de trabalhar com o cinemão, mesmo, tipo, cinema autoral, mas eu não sei agora, o momento, se é uma perspectiva rentável, porque né? Tá rolando tudo isso na Ancine, editais estão sendo suspensos, não acho que é o melhor momento para isso. Também já pensei em montar uma, montar uma distribuidora de filmes, meio que entrar nessa área de distribuição, que é um elo da cadeia audiovisual que, às vezes, a gente não presta muita atenção, né? Geralmente a gente fica focado em, ah, produzir, produzir, produzir. Mas eu acho que a

distribuição também é um mercado interessante, que eu acho que deve ter muito potencial, aí, para começar a explorar esse mercado.

**G:** Legal. Essa questão dos streamings, hoje, tem relação?

**S:** Tem uma relação, sim. O que que a distribuição faz? Isso tá no meu TCC. Basicamente ele empacota um filme de forma que ele fique comercializável. Então, tipo, é responsável por meio que essa, essa parte de agora como que a gente vai trazer para os consumidores, né? A distribuição meio que opera nesse, nesse elo. Então, acho que o streaming tem a ver. Acho que o streaming ele atua muito mais no elo da exibição, né? Mas imagino que tipo, sei lá, para vender uma série ou um filme, seja o que for, para uma das plataformas, passa por um processo de distribuição.

**G:** Entendi.

**S:** Então eu acho que tem super a ver, também.

**G:** E, para finalizar, se você puder falar sobre os seus sonhos... Eu entendi, até agora, que seria sobre a questão de produção em cinema autoral...

**S:** É, sim.

**G:** Mas quais são os seus sonhos?

**S:** Cara, acho que no mundo perfeito, seria muito legal se a gente conseguisse, é... viver de cinema, mesmo. Que eu acho que é o que mais me motiva, assim. Eu vou pra festival de cinema, eu fui... o último que eu fui foi, eu acho, que o FestUni, que eu realmente acompanhei. E vendo os curtas universitários lá, é sempre uma coisa que, assim, me deixa muito emocionada. Eu fico tipo, putz, eu gosto muito disso, gosto muito dessa área, sacou? É... eu também, nesse semestre, eu trabalhei no TCC dos meus amigos. Eu tinha uma amiga, tenho uma amiga que fez um filme de terror no TCC dela. Então a gente estava lá, cara, fazendo filme de terror, sabe? Pô, emergindo nesse mundo. Eu adoraria trabalhar com isso, tipo, permanentemente. Só que eu acho que o mercado brasileiro, principalmente, não tá com muita abertura nesse momento. Mas não que me incomode trabalhar em outras áreas, eu acho que também se eu fizer um mestrado

muito maneiro, seguir a carreira acadêmica, acho que esse também seria outro sonho meu, assim. Eu não sei, eu só quero estar feliz com o que eu estou fazendo.

**G:** Legal! E você tem alguma coisa a acrescentar em relação a tudo o que você disse?

**S:** Acho que não. É... deixa eu pensar. Não. Eu te desejo boa sorte no seu TCC (risos).

**G:** Ah... (risos). Obrigada.

**S:** Acho que é basicamente isso. Você vai apresentar nesse semestre?

**G:** Não. É.. eu vou finalizar, aqui, a gravação.

**S:** Pode finalizar.

**APÊNDICE C — ENTREVISTA DE FÓRMULAS  
ESTABELECIDAS COM A PROFESSORA OTÍLIA MARIA ALVES DA  
NÓBREGA ALBERTO DANTAS**

G: A entrevista é uma ferramenta importante para o seu trabalho como educadora?

O: Sim, é sim importante. Tanto como professora quanto pesquisadora. Eu sempre uso a entrevista.

G: qual foi o momento da sua carreira que a senhora escolheu atuar no campo acadêmico?

O: olhe, a questão não foi uma escolha. Não sei se eu chamaria isso de escolha. Eu estudei a minha educação básica em escola de freira, quando eu terminei o o.. o ensino fundamental, eu... fiquei em dúvida se eu continuaria naquela escola que eu estudava, que era escola de freira, ou se eu ia para uma escola de formação profissional. E na cidade onde eu morava, existia três escolas além dessa que eu já estudava eh.. de formação profissional. Era uma escola de comércio, que ia trabalhar técnicas comerciais, tipo contabilidade. Formava para isso e para... e prepara para a entrada em bancos, né? Para quem fazia concurso na época, banco, concurso e Banco do Brasil era assim, uma coisa top, né? Então, a escola ajudava muito. E tinha também a escola normal formada para a formação de professores, e tinha a escola agrícola, formação agrícola. Eu pensei muito, não me vi como funcionária de banco, não me via com, mexer com agricultura e aí, é... também sentia que continuar naquela escola onde eu estava não também não iria me ajudar, porque não me levava a nenhuma formação, então eu foquei na ideia da docência. Eu desde criança brincava em ser professora, então, eu achei que aquele momento, era um, aquele espaço, aquela formação continuada ali, seria a que me atenderia melhor, e acertei, né? Então, digo que ali que tudo começou, mas desde a infância eu já brincava de ser professora. Com minhas irmãs, meus primos, as bonecas. Então era isso.

G: legal. E o ambiente de uma universidade pública, como é a UnB, traz impactos para o ensino?

O: muito. Na verdade, o ensino superior, de um modo geral, ele contribui muito, né? Eh... mas a UnB é bem especial. Não sei se é porque ela mora no meu coração. Eu tenho duas universidades que eu, que eu tenho muito apreço por elas, que é a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde eu me formei, eu fiz graduação, mestrado e doutorado lá, e comecei a vida profissional lá. Porque quando eu terminei, a gente só entra, na verdade, eu entrei na universidade como professora, como professora substituta na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Eu sempre ensinei didática desde dois mil que eu atuo na docência superior em universidade pública, né? porque eu já atuava na formação de professores de nível superior em outra instituição no estado do Rio Grande do Norte. Então quando eu entrei, eh, eu já entrei na universidade pública como professora porque eu acredito no trabalho da universidade pública, e, e na universidade em si. Então, tem essas duas universidades que eu tenho muito apreço por elas, porque elas... eh... tem uma concepção de formação muito rica... eh... inclusiva, e bastante profunda. Então tanto a UFRN quanto a UnB eu considero, assim, universidades de grande importância para a formação profissional. Não sei se eu respondi o que você queria.

G: não, é isso. Professora, é, por último. Há desafios para o aluno da educação entrar no mercado de trabalho?

O: os desafios não são só de educação. São de todos, inclusive seu. Você mesma acabou de dizer, tá com dificuldade de concluir sua graduação por conta de, da, dessa inserção no mercado de trabalho, inclusive antes de concluir a graduação, né? Então, esse, esse é um dos desafios, outros são, também, por exemplo, no campo da pedagogia é mais difícil porque o pedagogo, o pedagogo geralmente ele vai ser, é... a servir mais para a docência. Porque é o espaço que oficialmente existe. Então quando o aluno termina a graduação em pedagogia, ele vai pensar, o do DF, né? Vai pensar, é... em fazer concurso para a secretaria de educação ou então, é... ele já iniciou um estágio numa escola privada e essa escola privada aproveita ele para continuar, ali, no trabalho. Por exemplo, eu tive várias estudantes, alunas orientandas de TCC, assim, em torno de dez, que estudaram comigo o bilinguismo a partir da experiência que elas tiveram nos estágios na escola, por exemplo, bilíngue, denominada 'Maple Bear'. Então, o pessoal da 'Maple Bear' sempre aproveita as nossas estudantes da graduação em pedagogia para entrar ali, depois de formado, sabe? Então essa para mim, essa é também uma problemática importante para considerar nesse, nesse quesito. Claro que tem outras, mas essas duas para mim são as mais valiosas.

G: professora, eu terminei as minhas perguntas, que eu tinha preparado pra.. pra entrevista, eram só quatro, como eu tinha falado para a senhora, mas agora, no final, eu queria perguntar, aproveitando que a senhora trabalha com entrevista, pra perguntá-la sobre como senhora achou que foi esse esquema de perguntas, eh... e, assim, como a senhora acha que contribuiu pra.. para as suas respostas, enfim, saber a sua opinião, de forma aberta, em geral. Poder ficar à vontade.

O: Gabi, seguinte, eu vou falar como pesquisadora, tá?

G: uhum

O: como pesquisadora, eu penso que, no no que se refere à entrevista, é... todas as perguntas são importantes, porque quem tá, quem preparou foi você, a pesquisadora, com o seu orientador, e certamente essas perguntas elas são necessárias e vão responder ao seu objetivo geral e ao seu específico. Então, não sou eu que tenho que dizer se elas são, são... adequadas ou não, é... para atender os seus objetivos. Se eu soubesse, anterior... é... agora, se você me dissesse quais são os seus objetivos, talvez eu pudesse te dar uma resposta mais precisa

G: sim

O: mas eu digo que as questões em si, elas vão muito atender, primeiro, aos interesses dos pesquisadores

G: uhum

O: dos objetivos que ele tem, sabe? Por exemplo, se fosse eu, eu aproveitaria o tempo para perguntar mais coisa

G: uhum

O: mas eu tenho a impressão que inclusive essa segunda parte deve fazer parte da sua pesquisa. Então, é.. se analisar por aí, a sua entrevista ela é, inclusive, primorosa, porque você, é...

dimensiona ela de uma maneira tal que você leva o pesquisado a pensar sobre o o... o instrumento. Então é interessantíssimo isso.

G: uhum. Então tentando agora explicar melhor, de fato, se a gente, se eu tivesse explicado de começo, talvez fosse influenciar na conversa. E o objetivo do meu trabalho é justamente fazer uma análise sobre a estrutura da entrevista e como ela contribui para a apuração jornalística. E no meu trabalho, eu proponho três modelos fixos de entrevista que vão de uma maneira mais estruturada, que estão perguntas fechadas e um roteiro para estabelecido que não pode ser mudado, que foi esse caso. No caso, eu tinha quatro perguntas prontas para fazer para senhora e não intervi nelas. É... não evolui, na conversa. E no decorrer desses modelos, o último é o que se aproxima de um diálogo. Então, de fato. Eu fiz as perguntas para senhora, não aproveitei nenhuma dessas respostas

O: [risadas]

G: assim, para puxar para outros ganchos, porque assim... justamente, entendendo o que poderia render outro, outra conversa, outras coisas

O: aham

G: para, se fosse uma matéria jornalística, talvez até, né? Render a matéria para o outro lado.

O: aham

G: e aí... era nesse sentido que eu queria saber a opinião da senhora sobre esse esquema de entrevista assim, mais fechado, e pensando, também, na sua experiência enquanto entrevistadora ao longo desses anos.

O: é, aí você tá me perguntando?

G: sim

O: é, como pesquisadora, quando, quando... eu não gosto de usar perguntas fechadas muito com análise de discurso. Análise de discurso, acho que você sabe, também, que você trabalha

com jornalismo, análise de discurso nos ajuda a buscar a entender as entrelinhas do discurso às intenções, às metáforas, às motivações que o entrevistado tá expressando. Então quando as minhas orientadas, ou as minhas pesquisas, mesmo, quando exige perguntas fechadas, eu prefiro aplicar questionário

G: uhum

O: porque a pessoa fica mais... tranquila em relação a responder aquilo ali do que... do que... fazer essas... perguntas fechadas para a pessoa pode ser que a pessoa, eh, reaja, no sentido de dizer assim: 'se é para fazer essas perguntas, me mandassem o questionário, que eu responderia, né?' É quase como se tivesse assim, 'só isso?' [risadas], né?

G: sim

O: então a entrevista, eu gosto da entrevista para explorar mais. E aí ela precisa ser aberta justamente para me dar as condições. E provocando o pesquisado, eh... me fazer encontrar esse discurso que tá nas entrelinhas, né? Então eu trabalho muito sobre isso nessa perspectiva.

G: é isso que eu acho, também, e tô tentando trazer, assim, de uma forma, no formato de produto para o meu trabalho. Porque é isso, eu entendi perfeitamente o que a senhora disse. Às vezes, essa entrevista poderia ter sido transformada no... num questionário enviado por e-mail, enviado por, por mensagem sem prejuízo no conteúdo, né?

O: exato. Mas eu não tô dizendo que você... Você precisava fazer assim. Porque você precisa entender a diferença, né? Isso aí, para você, é estritamente importante

G: aham

O: mas, por exemplo, se eu fosse usar isso para fazer (para) as minhas pesquisas, por exemplo, não teria a mesma.. o mesmo efeito que os que a peça que esse formato tá fazendo para a sua pesquisa.

G: é isso. E essa conversa final, também, vai ser super rica para a parte da análise, professora.

O: ai, que bom, que bom. Que bom. Como é o nome do seu orientador?

G: é Paulino. Fernando Paulino.

O: ah, tá. Não conheço.

G: Fernando Oliveira Paulino. Ele é, ele é bem envolvido com política pública na área de comunicação aqui em Brasília, assim, há muitos anos ele... mas meu meu carinho pessoal por ele acabou levando, assim, a orientação de um trabalho que não é exatamente, entrevista não é exatamente a área de estudo dele, mas tá envolvida com qualquer jornalista, né? Isso aí não tem...

O: exato, é você tem, você tá se baseando... agora sou eu que tô lhe perguntando, olha só

G: fica à vontade

O: [risadas]. Eh, você tá usando que que autores para se basear na entrevista?

G: eu tô usando alguns autores sobre análise da conversação. Não exatamente sobre análise do diálogo, porque a maior parte do meu trabalho, na verdade, é voltada em, eh, fórmulas de entrevista. Então essa parte eu consegui pegar bastante conteúdo do jornalismo, mas é... a parte de análise de discurso, não, porque... análise de conversação, não. Não é uma coisa que tem muito no jornalismo, uma coisa que acontece muito no jornalismo. E aí eu tento trazer, também, um pouco de Goffman na análise do... assim, eu vou usar Goffman para analisar as entrevistas pensando no contexto de cenário, personagem....

O: uhum

G: eu enquanto entrevistadora, mas também aluna da Universidade de Brasília. A senhora enquanto professora da Universidade de Brasília. Então, eu puxei mais pelo lado de Goffman, na parte de análise pensando na psicologia, do que em conceito de análise da conversação.

O: tá muito bem apoiado. Eu gosto de Goffman. E no campo da da estruturação do da entrevista, por exemplo, Creswell, entre outros, você também usa? No campo da metodologia científica

G: da estrutura da entrevista?

O: sim

G: eu tô me apoiando bastante em Jorge Duarte que é, na comunicação, é mais referência.

O: tá

G: mas eu usei, eh, modelos de fórmulas que já existem para criar o meu próprio. Então, no fim das contas, assim, no jornalismo, não tem ninguém que consolide: essas são as fórmulas de entrevista que a gente usa. Então como tudo está muito bagunçado na academia, na parte da comunicação, eu cheguei à conclusão que valia criar três novas fórmulas.

O: posso dar uma sugestão?

G: com certeza por favor, fica à vontade.

O: alô?

G:

oi?

O: pensa assim. Se eu fosse sua orientadora, né? Eu eu sugeriria o seguinte: você mergulhar ainda um pouco nos referenciais, eh, da metodologia científica, por dois motivos: primeiro porque você tá fazendo um trabalho científico, então mesmo sendo jornalístico, mas é de base científica.

G: uhum

O: isso vai ajudar você a organizar, digamos assim, iniciar essa organização do seu próprio campo de... de atuação, que é o jornalismo. Da comunicação. Que você disse é muito, é meio bagunçado. Então, o seu trabalho, tendo essa base científica, ele ajuda no fortalecimento do próprio curso e da própria área. Então por exemplo, se você usar Lavelle e Dionne, Creswell, e outros, e outros teóricos que escrevem sobre a, a técnica de entrevista, daí você vai para o segundo ponto. É importante porque, eh, você também tá conversando com não, não-jornalistas.

G: sim

O: ó, aí, eu.

G: uhum

O: você tá conversando comigo. E tô falando para você da importância da entrevista, mas a partir da realidade, da minha realidade

G: sim

O: do uso que eu faço dela, né?

G: exat...

O: que não é o mesmo uso que você faz. Então, por isso que eu penso que seria interessante, pelo menos, você pegasse Laville e Dionne, que é 'A Construção do Saber'

G: aham

O: que ele fala sobre entrevista. Eu acho que... tem um... Trivinos, eu acho que Trivinos também fala sobre a entrevista. E eu vou procurar outros, que eu não me lembro agora eu posso compartilhar com você. Mas só sugestão

G: não, perfeito, professora, com certeza, Não são pessoas que estão na minha bibliografia, é... pensando na, na... nas estruturas de entrevista, além de Jorge Duarte, tem o Nilson Lage, também. Não sei se a senhora conhece

O: não, eu acho que esse é do campo do jornalismo, né?

G: isso, exatamente. E a Cremilda Medina, que são assim, pessoas que fundamentaram o meu estudo na parte de formar, de fórmula de entrevista. Mas, eh... esse exercício de fazer, eh, a experiência com professoras da UnB de outras áreas que trabalham com entrevista faz parte também do estudo, assim. A gente excluiu, a possibilidade, por exemplo, de entrevistar professoras da comunicação. Assim, não fazia sentido para... para o trabalho.

O: uhum

G: e é justamente para tentar puxar esse enriquecimento, né? de outras, interdisciplinar mesmo

O: por isso que você tem que sair do campo Jornalismo e explicar a, a entrevista muito próximo do campo científico, muito próximo da metodologia científica, para você se fortalecer nos argumentos, quando for analisar os seus dados. Para não ficar só no jornalismo, né?

G: não, eu concordo. Assim, é uma coisa que eu já discuti com meu orientador, também, e que talvez a gente consiga levar para um mestrado agora, assim,

O: oh! [em tom de surpresa]

G: nessa altura do campeonato, mas vamos ver como vai ser, espero que dê certo [risadas]

O: que bom, fico feliz, por isso! Então é isso?

G: é isso, professora. brigadíssima.

O: quando você terminar, mande para mim a cópia do seu trabalho.

G: pode deixar, vou mandar também! E o filminho que a gente vai fazer com as gravações.

O: ai, tomara que fique bom! [risada]

G: obrigada, professora. Pela torcida, também

O: feliz ano novo, para você e para o seu orientador

G: obrigada, para a senhora também, feliz ano novo

O: boa sorte! Tchau!

G: tchau, tchau.

## APÊNDICE D — ENTREVISTA DE FÓRMULAS ESTABELECIDAS COM A PROFESSORA ANABELLE CARRILHO DA COSTA

G: Eu vou explicar para a senhora certinho o meu trabalho, até porque é justo,

A: uhum

G: mas eu queria muito poder fazer as minhas quatro perguntinhas antes para não interferir nas respostas da senhora

A: ah, sim

G: de acordo com o que eu for explicar

A: tá bom

G: Tá bom?

A: fica à vontade.

G: deixa eu abrir aqui as minhas perguntinhas. Vamos lá. A primeira, professora, é se a entrevista é uma ferramenta importante para o seu trabalho?

A: é essa?

G: uhum

A: ah, sim, não, é importantíssima. E aí eu diria a entrevista em dois aspectos, porque eu sou assistente social, né? De formação, há 17 anos, e agora, nesses 17 anos, 3 anos como professora. Então a entrevista sempre foi um instrumento central para minha atuação, intervenção como assistente social, como instrumento de encontro, de acolhimento, de vínculo com a população usuária com a qual a gente geralmente lida em vários espaços, né? Na saúde, na ciência social, enfim, nas políticas que eu já trabalhei, mas também na pesquisa, né? Estando aqui agora como professora, eh, eu acho que o grande instrumento da, vamos dizer assim, das ciências humanas e das Ciências Sociais, é que nos permite ter um aprofundamento, também, em pesquisa. Então para além desse acolhimento, desse conhecimento inicial, que era uma utilização que eu fazia

muito mais na área da intervenção profissional como assistente social, é também esse instrumento de pesquisa que permite isso, também. Permite acolher, começar uma conversa. Mas permite também aprofundá-la, né? Eh, eu não sei quais são as próximas perguntas que você vai fazer aí e aprofundar no sentido de que tem diversas formas de fazer entrevista, né? Você pode fazer uma entrevista que aparente mais um questionário, então que seja mais fechada, a gente faz muito estudo socioeconômico, por exemplo, na área do serviço social, avaliação socioeconômica. Mas você também pode fazer histórias de vida com... com roteiros de entrevista mais abertos, né? Que deixem aquela conversa fluir e isso permite um aprofundamento dos sujeitos das pesquisas que a gente tem que também são sujeitos muitas vezes coincide, né esse sujeito de pesquisa pro serviço social

G: uhum

A: coincide com o sujeito que a gente atende, né? nas políticas públicas, nas políticas sociais.

G: sim. E qual foi o momento da sua carreira que a senhora escolheu trabalhar no campo acadêmico?

A: nossa, é... eu acho que, desde que eu me formei, há 17 anos atrás, assim, eu me formei, me graduei aqui na Universidade de Brasília já com muita vontade de fazer mestrado, mas por motivações socioeconômicas de precisar trabalhar, né? Eu acabei eh... indo, passando em concurso naquela época, aí trabalhei uma época nesse concurso aqui em Brasília. Depois passei no concurso fora de Brasília,

G: uhum

A: então saí daqui. Aí, acho que depois de uns dois, três anos trabalhando é... exercendo ali, sendo assistente social nesse órgão que eu trabalhei, eu voltei para Brasília e foi quando eu tentei mestrado entrei aí é conciliei essa vida de trabalhadora com vida de acadêmica, né? Não que os acadêmicos não sejam trabalhadores agora né? São também mas eu conciliava é as duas coisas aí fiz mestrado doutorado ainda trabalhando como

assistente social. tem... sete anos que eu acabei meu doutorado, que horror.

G: [som/risada]

A: então, eh... sete anos que eu acabei o doutorado e tem três anos que eu tô aqui com professora. Então eu fiz o doutorado e só quatro anos depois de ter defendido a minha tese que eu decidi sair do meu trabalho

G: uhum

A: para fazer o concurso aqui para professora, porque envolvia “n” questões, inclusive salariais, né? Porque eu perdi um pouco de salário nessa troca. Porque eu já tava há muitos anos, né? Na instituição onde eu trabalhava antes. É, só que aí, eu acho que essa decisão, ela foi logo na graduação. Assim, foi quando eu me encantei pelo mundo da pesquisa, mas depois por todos os percalços da vida cotidiana, empregabilidade e tal, eu me afastei um pouco e aí depois voltei, essa decisão já estava tomada.

G: tá certo, professora. E o ambiente da universidade pública, como é a UnB, traz impactos para o ensino?

A: completamente, totalmente, né? Eu acho que você ter uma universidade que se ampara não só no ensino, não só, assim, numa formação profissional, porque no caso, a gente que é assistente social, o serviço social é uma... é uma, uma ciência.... A gente é uma profissão muito interventiva. Então é uma ciência aplicada, né? E quando você se forma em outras faculdades que não são públicas, não que elas não não tenham qualidade, tem muita qualidade, muitas tem. Mas é eu, acho que tem uma perda ali, ou um ganho na universidade pública, como a UnB, que você tem aquele tripé, né? Que é não só o ensino, não só a formação profissional, mas você também tem a pesquisa e a extensão. Então nós, por exemplo, que somos professores contratados aqui, a gente é em dedicação exclusiva para atuar nesse tripé. Então não basta, para mim, ser só professora em sala de aula é... passar conhecimentos, né? Formar assistentes sociais. Mas a gente também vai, na dimensão investigativa, na pesquisa, você veja, né? Minhas alunas que estavam aqui eram da iniciação científica, a gente também vai na extensão, então com essas alunas e outras do meu grupo de pesquisa, eu desenvolvo projetos de extensão junto com a comunidade, com a sociedade, e eu acho que isso é muito importante. E eu vislumbro, numa sociedade aí neoliberal, capitalista, que ‘mercadoriza’, né? Que transforma em mercadoria bens que não são ‘mercadorizáveis’ como é a educação

G: uhum

A: é... que você ter âmbitos aí que você tenha uma universidade pública, gratuita, né? De qualidade, que que se preocupe em trabalhar esse, esse tripé, é completamente diferente de você ter, né? Outros centros de ensino, que claro, podem formar profissionais de excelência também, mas talvez não pensando nessa integralidade, né?

G: É. Professora, e há desafios para o aluno da, da... do serviço social para entrar no mercado de trabalho?

A: há muitos desafios. E aí eu comecei a falar de neoliberalismo. A gente passou, nos últimos anos, num processo assim, de precarização muito grande. Eh... assistente social, pelo menos eh... eu me formei em 2006, né? Então já tem 17 anos. Naquela época quando eu me formei, eu me lembro que todas nós da minha turma, acho que eram, acho que eram 30 formandas, ou 25 formandas lá naquele ano, todas nós saímos empregadas em concurso público. Então todas nós éramos funcionárias do Estado, né?

G: uhum

A: então assistente social tem muito essa tradição, principalmente no DF, principalmente formada na UnB, de ser é... servidora pública. De ser alguém, uma agente do Estado. Agente de política pública. E aí, dos últimos anos para cá, o que a gente vê é uma diversificação nessa... nessa realidade. Mas não uma diversificação, assim, que aumentaram os postos. Na verdade o que aconteceu foi... reduziram os postos de trabalho no serviço público, com toda a situação que, os cortes orçamentários, né? Que as políticas sociais, principalmente, passaram. E aí você tem assistentes sociais migrando para outros campos. Tipo assim, o terceiro setor hoje

G: uhum

A: né? Se apresenta como um grande empregador. É... empresas, a gente não tinha no DF muito essa realidade de empresas com assistentes sociais, agora já tá começando isso. Então eu... eu sinto, assim, que tem uma dificuldade de empregabilidade nesse sentido, assim. Uma mudança, né? Você tem uma precarização. Eu mesmo, o órgão de onde eu vi era, da onde eu vim para cá, era uma empresa pública. Aí só para te exemplificar, essa empresa pública, eu entrei lá para o concurso público em 2007, desde que eu entrei, nunca mais teve concurso público nela. E aí, o que que foi acontecendo? As assistentes sociais que eram mais, antes de mim, elas foram se aposentando, ou as mais novas, também, foram passando em outros concursos

G: uhum

A: conseguindo outros empregos, foram saindo. E esse quadro não foi repostado. Então o mesmo trabalho que tinha antes, acaba sendo feito por uma, né? O que era antes feito por cinco, quatro, assistentes sociais

G: uhum

A: ali ficou uma, somente, fazendo. Então que que começou o movimento, também? De terceirização. Assim, ah, vamos ter só uma assistente social aqui da empresa, e aí as demais a gente contrata via terceirização.

G: uhum

A: e aí você contrata por um salário muito menor, sem os mesmos benefícios. Então eu vejo assim um movimento de precarização, né? Na área da saúde. O nosso maior empregador, no país e no DF é a área da saúde. A área da saúde também passou por esse processo de terceirização. Então a gente tinha muita assistente social que era da Fundação Hospitalar do DF,

G: uhum

A: da secretaria de saúde que, com um processo de terceirização, teve que sair. Porque por exemplo, o Hospital de Base, Hospital de Santa Maria que eram da secretaria hoje são do IGESDF, que é um instituto que, que, que coordena, faz a gestão da saúde nesses duas instituições. E ali já não é mais concursada, ali já é um outro tipo de contrato. Então, assim, a gente vê que isso alterou muito e diversificou muito as formas de contratação. A própria Ebserh, né? Que hoje faz a gestão dos hospitais universitários.

G: uhum

A: antigamente as assistentes sociais que a gente tinha no HUB, elas eram da FUB. Hoje, elas são contratadas pela Ebserh. Eu acho que também é concurso, mas é um processo seletivo.

G: sim

A: e aí você tem uma maneira mais facilitada, ali, de contratação e também de demissão, né? Ou então não repõe o quadro. Enfim, né? Todo esse... esse sintoma geral que aí se aplica a várias políticas sociais, a vários campos, áreas que a gente atua, acaba dando uma dificuldade de empregabilidade. Então muitas turmas nossas formam e aí a saída que esses alunos têm é vir para o mestrado, para tentar bolsa, que também já tá mais tem mais corte hoje em dia. Vão para essas residências, né? Fazer residência para para conseguir ter um uma renda Inicial.

G: sim, professora. Deixa eu ver se tá gravando aqui porque eu tenho uma dificuldade com gravadores, mas essas foram as minhas perguntas na entrevista,

A: uhum

G: quatro pontinhos, mesmo. Mas antes de encerrar, eu queria perguntar para a senhora qual, o que que a senhora achou desse modelo de entrevista, como a senhora achou que foi conduzida, se teve alguma coisa, por exemplo, que a senhora queria ter falado e talvez não falou.

A: olha eu tô ansiosa para saber, aí, os objetivos da sua pesquisa. Você disse que não falou para não enviesar, então eu fiquei meio assim, sem saber se tudo que eu disse respondeu, exatamente, o que você queria. Mas como um dos princípios da entrevista é não enviesar a resposta

G: aham

A: então eu fico feliz que eu possa ter falado assim, mais livremente,

G: aham

A: espero que contribua, aí, para o seu trabalho. Acho que é isso.

G: o jeito das perguntas, por exemplo, a senhora achou que tem alguma.... alguma sensação em relação a elas?

A: Ah, eu achei perguntas bem gerais. Eu não sei se a intenção era essa

G: uhum

A: então também, talvez eu tenha dado respostas um pouco genéricas

G: sim

A: porque eram perguntas mais amplas

G: aham

A: mas, né? Eu acho que...

G: vou trazer o contexto

A: tá [risadas]

G: para ficar mais clara essa parte da conversa. no começo a senhora até falou um pouco sobre a entrevista é... em forma de questionário, né?

A: uhum

G: tem seu objetivo na coleta de dados. E no campo da comunicação, que é de onde eu venho, é... tem muitos muitos, muitas teorias acerca da entrevista

A: uhum

G: e como eu queria trabalhar com esse tema, indo atrás de um método, de tipologias, eu resolvi propor uma minha. Que era justamente para ter, são três modelos. Uma bem fechadinha, que foi essa, justamente.

A: uhum

G: são perguntas mais diretas. Uma semi-estruturada, que é como a gente conhece em geral, e eu tô chamando de ritual informativa,

A: uhum

G: que é um rito, mas assim é buscando a informação, né? Pensando na matéria jornalística, e uma que se aproxima mais de uma conversa, um diálogo.

A: uhm...

G: e aí nesse sentido

A: ah... me lembra aí qual é qual que eu não sei mais as perguntas [risadas]

G: então, essa pergunta foi pensando numa, numa entrevista fechada

A: ah, sim. Essa você escolheu um modelo

G: isso

A: uhum

G: com umas perguntas fechadinhas. Tanto assim, eu fico me coçando para falar alguma coisa, para comentar alguma coisa

A: uhum

G: mas é justamente para avaliar se uma entrevista fechada como essa,

A: uhum

G: eu, enquanto repórter, consigo apurar tudo que eu preciso sabe?

A: uhn...

G: ou se talvez uma conversa, isso... fosse mais rico para a apuração

A: entendi. E aí você tá indo a várias áreas do conhecimento?

G: eu estou entrevistando professoras da UnB

A: uhum

G: de áreas que lidam com entrevista.

A: ah...

G: então eu fui procurando pelo próprio sistema da UnB

A: uhum

G: a professoras que trabalham com entrevista

A: uhum

G: e aí eu acabei indo pra educação, pra cá e para a psicologia

A: ah, legal

G: para fora da comunicação.

A: ah, legal. Desejo um bom trabalho. Espero ler o seu TCC.

G: não, com certeza!

A: [risadas]

G: mas eu queria mesmo saber, assim, por fim, se a senhora sentiu que esse método foi... foi legal, assim. Para saber se a senhora acha que dava para ter explorado mais as suas próprias falas, por exemplo... em termos de captar informação

A: é, eu assim, da minha experiência acadêmica com entrevistas, é isso. Agora, eu entendo que você ficou se segurando, né? Mas assim, não é enviesar as respostas, como eu falei, mas geralmente, quando a gente vai fazer uma entrevista, é... a gente vai, no meio dela, tentando instigar o entrevistado a que ele fale mais daqueles assuntos que estejam mais a ver com os nossos objetos

G: uhum

A: ou objetivos da pesquisa. Então você jogou as quatro perguntas e eu respondi livremente, eu senti isso, né? Que você não tem, eu nenhum momento, entrevi. Até porque ó, a entrevista, né? É até uma 'interview', né? [risada]

G: sim

A: também a gente pode dizer que a entrevista é uma intervenção de alguma forma, né? É... com as pessoas. Ela não é, ela não é, como é que eu vou dizer, é unilateral. A entrevista é um diálogo, né? Então ela tem a ver com as suas expectativas do que você quer saber de mim

G: sim

A: e a minha ansiedade do que é que eu devo falar para você, né?

G: uhum

A: Entre os seres humanos. Então aí, o exemplo que eu te dei quando a gente tá numa intervenção profissional. Geralmente a gente lida com públicos que dependem daquela entrevista, é... pra conseguir algum tipo de benefício, para conseguir algo às vezes aquela entrevista vai mudar a vida daquela pessoa. Às vezes ela vai perder a guarda de um filho, ou ficar com a guarda. Então a pessoa vem super ansiosa.

G: sim

A: então dependendo da forma como você conduz a entrevista. Agora a entrevista jornalística, já é uma outra coisa.

G: aham

A: e aí tem a entrevista acadêmica

G: aham

A: né? A entrevista para fins de pesquisa, então, é... eu eu gostei do formato, mas a minha experiência com entrevistas é que geralmente elas têm mais intervenção. É claro que é um momento que também tem que ser de escuta

G: sim

A: muito mais do que de fala do entrevistador, mas eu acho que geralmente ela tem mais eh... pontos de intervenção do entrevistador. Para diminuir a ansiedade do entrevistado e para atender mais a expectativa de quem está entrevistando.

## **APÊNDICE E — ENTREVISTA RITUAL INFORMATIVA COM A PROFESSORA TATIANA YOKOY DE SOUZA**

G: Então vamos lá, professora. Como eu expliquei, são quatro perguntinhas simples. É sobre o ofício da senhora, mesmo, enquanto educadora. A primeira delas é qual é o papel da entrevista como ferramenta para o seu trabalho enquanto educadora.

T: hum, vamos lá. É, Entrevista na minha experiência, né? Tem sido uma metodologia que eu utilizo com bastante frequência, né? São ferramentas metodológicas que eu tenho mais empregado ao longo da minha trajetória profissional. Especialmente porque eu trabalho, né?

No contexto de pesquisa qualitativa interessada em significações. Então, as formas né? Como compreendo, a própria atividade de entrevista em si é muito pautada, né? Pressupostos, né? De epistemologia qualitativa e de entender essa entrevista, né? Como um diálogo no qual nós participamos, né? Que todos que estão envolvidos naquelas entrevistas, e nisso, nossas características pessoais fazem parte da entrevista, a forma como a gente constrói, né? As próprias ferramentas de pesquisa fazem parte do nosso objetivo de pesquisa, fazem parte. E no campo de educação, que é onde eu atuo agora, né? Eu sou psicóloga e estou aqui na faculdade de Educação. A entrevista, ela ganha uma centralidade muito forte, costurando, né? Todos os pressupostos né? Quando a gente pensa em educação, enquanto um campo de promoção desenvolvimento humano, e aí, nesse sentido, as significações são centrais para mim. Então assim, eu costumo trabalhar, por exemplo, com entrevistas mais fechadas, né? Com roteiros, é, estruturados. Eu gosto de trabalhar sempre com formas mais semi-estruturadas, para dar espaço, né? Para os participantes de pesquisa deles também, é, compartilharem, né? Outras significações que, muitas vezes, a gente nem pensava. Então, caminharia nesse sentido a minha resposta.

G: Legal. A outra pergunta é para saber: como foi o processo de escolher, no seu percurso profissional, o campo acadêmico?

T: Eu acho que isso remete inclusive a questões, né? Da própria subjetividade da gente, eu acho que na minha trajetória de desenvolvimento eu sempre gostei muito de estudar, né? Sempre foi um um uma atividade na minha vida como um todo que sempre me trouxe muita curiosidade, sempre mobilizou muito o meu desejo e desde que eu entrei né? Aqui na universidade, eu fiz minha graduação aqui também, mestrado, meu doutorado, a prática né? Acadêmica sempre foi para mim, assim, um guia. Sempre senti que era isso que eu queria fazer. Mesmo sabendo de todas as dificuldades que nós enfrentamos, né? Especialmente nos anos mais recentes, tem muito desprestígio, né da da ciência, por exemplo. Essas leituras terraplanistas, por exemplo os grandes... Os cortes, né? Que nós tivemos muito forte nos financiamentos de universidade. Eh, apesar de tudo isso, né? Eu vejo que desde muito cedo na minha vida o campo acadêmico sempre foi algo que me interessou. Tanto a parte, né, de ensino propriamente dito quanto a parte de fazer pesquisa que eu amo, a parte de extensão também. Que que são práticas dentro, né? Da da do campo acadêmico que também me mobilizam bastante. Então essa parte, assim, de como foi esse processo de escolha, tá vinculada tanto a fatores, né? Pessoais fatores, né educacionais e questões vinculadas também, né? À parte profissional, né? Eu vejo com muita

valorização, né? Os nossos professores, os nossos pesquisadores. E isso veio para mim, né? Desde muito cedo. Inclusive convivendo, né? Com professores aqui da Universidade. Eu vi assim, eu também gostaria de poder contribuir com isso.

G: Seguindo aqui o roteiro do seu ponto de vista em que medida o ambiente público da Universidade, como o da UnB, pode trazer impactos para o ensino?

T: Como o ambiente público traz impactos para o ensino?

G: Isso.

T: Eu vejo, por exemplo, por um lado, né? O fato da gente estar numa universidade pública ela abre né? Muitas possibilidades de atuação numa direção, né? De uma educação de qualidade, de uma educação democrática, que acolhe a diversidade. E menos, né? Não vou dizer que não é, mas menos é vinculada com compromissos exclusivamente de formação mão de obra, né um olhar tecnicista. Eu vejo que o fato né de ser uma universidade pública tem implicações muito interessantes nesse sentido para as nossas atividades, né? De formação. Por outro lado, também, pelo fato também de ser pública, e tá nesse contexto sociocultural de muita ataque à educação, de muito ataque à ciência, o fato de ser pública também tem implicações, por exemplo, nas condições de trabalho que nós temos que são muito ruins, né? No fato, por exemplo, nós temos né, necessidade de avançar muito nos apoios institucionais ofertados para os nossos estudantes. Especialmente os estudantes que enfrentam, né? Vulnerabilidades sociais. Que enfrentam, né? Uma série de preconceitos vinculados aí né? A gênero, a relações etnoraciais, a fragilidades socioeconômicas. Então, eu vejo, eu te daria uma resposta, colocando esse tensionamento. O fato de ser pública traz uma série de possibilidades e também traz uma série de condições que a gente precisa melhorar muito.

G: Ótimo, professora. Por fim, como a senhora considera a entrada do estudante de Educação no mercado de trabalho hoje?

T: Aqui em Brasília, eu vejo que os nossos estudantes ,por exemplo, de pedagogia, eles têm uma perspectiva, né? De inserção em mercado de trabalho que eu acho que é uma perspectiva mais positiva do que costuma ser, né? No Brasil como um todo. Considerando que aqui em Brasília, por exemplo, né? Os planos de carreira para os professores, né? O piso salarial para

quem é professor, né? É costuma ser um peso melhor, né? Não tô dizendo que é bom, mas em comparação com pesos, né? De outras unidades federativas, é um pouco melhor. E aqui, também, tem uma possibilidade maior de inserção, né? Quem tá formando também, é, digamos assim, mais ágil. Pelo... por esses contratos, né? Temporários. Então estudantes, por exemplo, que terminaram uma habilitação, né? E continua na universidade fazendo uma segunda habilitação, eles podem fazer esses processos seletivos, né? E já se integrarem, né? no campo de atuação, na educação, por exemplo, como professores, né? Temporários, substitutos. Apesar de ser um vínculo trabalhista extremamente precário, né? Mas vários me relatam que em Brasília tem essas possibilidades, que muitas vezes, na cidade de origem deles, eles não enxergavam.

G: Entendi, professora acho que agora vem a parte que, para mim, é mais interessante, que é a que eu conto o objetivo do meu trabalho, também, e eu peço também, um feedback da senhora.

T: Combinado.

G: olha, o meu, o meu trabalho é voltado para como a entrevista contribui para a apuração jornalística. E isso, e como os diferentes formatos de entrevista fazem a diferença nesse trabalho de apuração [...]

T: interessante.

G: de coleta de dados, coleta de informação. E a senhora começou falando, justamente, sobre isso. Sobre a entrevista enquanto um diálogo. E nesse sentido, eu queria perguntar pra senhora o que que a senhora achou, de forma mais fraca possível,

T: uhum

G: desse roteiro de perguntas. Da forma como eu conduzi a entrevista com... nesse esquema.

T: Eu vou falar a partir do lugar, né? Que eu ocupo, da forma como eu trabalho a entrevista, para poder ofertar sugestões aí para aperfeiçoar. Em psicologia, a entrevista pra gente é uma metodologia essencial, assim como para a área de comunicação, né? Então assim, sugestões que eu daria, mas muito a partir da minha área de conhecimento, né? Que podem ser orientações diferentes da sua. Não são melhores nem piores, são olhares diversos, mesmo, né? Eu fico

pensando, por exemplo, e esse é um cuidado que eu costumo ter, converso muito com as minhas orientadas nesse sentido, de no início da entrevista, por exemplo, né? Ter um momento, né? Como que a gente fez aqui, né? De um estabelecimento de vínculo, né? De explicar por exemplo, né? De se apresentar, né? coisa que a gente fez, por exemplo, pelo meio do seu e-mail, né? Pelas mensagens que a gente trocou no WhatsApp. Então tem uma um pré-vínculo antes, né? Da entrevista em si, vamos chamar assim. E que pra mim, esse pré-momento da entrevista também faz parte, né? Da forma como esse diálogo se estabelece. E eu acho interessante assim, por exemplo, para práticas, né? De entrevistas de pesquisa, que aí seria diferente, né? Do da entrevista por exemplo em práticas, né? De profissionais do campo de comunicação. Da gente deixar claro assim, né? O que que a gente vai fazer com os dados daquela entrevista? Por que que a gente está registrando? E como que as pessoas que participaram da entrevista podem ter acesso, né? Àquilo que for construído, derivado, ali, daquela entrevista. Então assim, eu acho que a forma como você conduziu foi muito boa, né? Assim, uma postura muito acolhedora. Uma atitude, né? Que a pessoa não se sente intimidada ou com aquela sensação de que tem uma resposta certa ou tem uma resposta errada. Eu acho que a forma como você construiu a tua entrevista deixa a gente enquanto entrevistado confortável, né? E sentindo que ok, né? Uma pessoa séria que vai utilizar essas informações por ali, construídas de uma forma né para os objetivos da pesquisa dela, então assim eu acho que foi legal.

Né? Sugestões que eu daria desse primeiro momento ali, né? Por exemplo de você ter é tranquilidade, né?

[risadas das duas]

E isso a gente vai ganhando com o tempo mesmo, né?

G: aham.

T: E você vê por exemplo que as pessoas podem né no primeiro momento, por exemplo, eu trabalho do campo (da) jurídico e muitas pessoas que são entrevistadas ali acham que a gente vai utilizar aquelas informações, por exemplo, para mandar relatório para juízes. Tem complicações na vida dela, né? Então acho assim pelo menos na minha experiência, quando eu faço entrevista. E aí fazendo uma analogia, né com a forma como você conduzia muito nessa de deixar a pessoa à vontade e sem a preocupação de que tem que dar uma resposta certa ou resposta errada.

G: e em relação à forma das perguntas, mesmo. A senhora acha que esse formato de perguntas eh, é o melhor? É o adequado? E aí, eu tô conversando, mesmo, nesse sentido, porque o meu trabalho vai muito no sentido do que a gente falou no início da entrevista, mesmo. Que é de que quanto mais uma entrevista se parece com diálogo mais rica, ela vai ser para a apuração. E aí, justamente por isso, eu prefiro explicar depois, para tentar não interferir na forma que a senhora ia responder. Por exemplo, essa entrevista que eu me propus a fazer com a senhora é um modelo que eu proponho que não é o mais perto do diálogo. É um modelo mais perto, assim, intermediário entre uma entrevista fechada e uma entrevista aberta. E aí, nesse sentido, eu queria saber a opinião da senhora em relação à forma de de apurar informações, mesmo. De coletar dados por meio desse formato que a gente fez.

T: acho que vai depender muito do objetivo da entrevista, né? Assim, essa categoria, né? Apurar esses dados, né? Para mim, assim, é difícil eu pensar. É muito para mim, assim, é, não sei. Eu vou fazer assim, uma ideia, né? Aqui no meu relato contigo muito próximo, não sei o que que é apuração, né? Para vocês, né? Pode ser um significado diferente para mim. Mas eu vejo assim, entrevistas de caráter mais aberto, igual a isso que a gente está fazendo, seja ela sendo estruturada, né? Você por exemplo trouxe quatro perguntas, né? E que tem né? Uma clareza. Cada uma delas tem um objetivo, cada uma delas. Mas elas não fecham as possibilidades de significado das pessoas, né? Eu diria assim, que é um formato, né? Mais semi-estruturado, que eu gosto. Eu acho que isso deixa, né? A informação que ali, qual construída, com mais qualidade. E deixa o vínculo, né? Estabelecido entre as pessoas que estão ali dialogando, né? Mais tranquilo, também. Eu fico pensando, por exemplo, teve uma pergunta só que foi a penúltima, né? Que você falou e aí eu tive a necessidade de eu falar em voz alta, né? Olhar para você, será que eu entendi a pergunta?

G: uhum.

T: então tem algo nessa penúltima pergunta que talvez, a depender da pessoa com quem está conversando, pode ser que precise ser ajustado.

G: sim.

T: então feedback que eu te daria assim que é uma preocupação que eu tenho muito sabe, Gabi, eu já estou estou te chamando de Gabi, né?

G: [som]

T: de a gente ter sempre essa preocupação, né? Não digo que a técnica de entrevista, né? Mas é uma preocupação ética, né? A gente sempre estabelecer esse diálogo. Pelo menos uma linguagem que é partilhada. Então a gente, que é professor da universidade, apresentar a tendência a falar de uma forma muito técnica. Eu brinco até com os meus alunos, e às vezes eu falo em ‘psicologês’, né?

G: [som]

T: Então assim, às vezes terminologias herméticas e que podem não ser acessíveis para as pessoas. Então assim, acho que é uma preocupação que a gente sempre tem que ter quando tá utilizando entrevista de procurar, né? Adequar nosso vocabulário de acordo, né? Com as linguagens que são ali mais confortáveis, né? Que fazem parte do universo sociocultural da pessoa com quem a gente está conversando. Eu, por exemplo, trabalho muito com adolescentes e jovens, né? E aí é muito interessante, porque às vezes, ao longo da entrevista, eles falam né? Por exemplo, algumas gírias, né? Alguns memes, algumas coisas, assim, que são parte né? Da de linguagens mais frequentes em redes sociais. Eu fico: ‘gente, vocês por favor, né? Eu também gostaria, to curiosa [...]

G: [som]

T: [...] eu gostaria de conhecer isso que vocês já sabem que é um saber que vocês têm que eu não tenho’. E nisso eu vou, ao longo do tempo, tentando também incorporar né várias dessas dessas significações que eles trazem que não fazem muita parte, né? Até do ponto de vista da intergeracional, mesmo.

G: sim.

T: e que eu gostaria muito de me aproximar, né? Então, questão do vocabulário.

G: e eu reparei nessa, nessa penúltima pergunta, quando a senhora precisa repetir, eu reparei que essa pergunta tem um apostrofo explicativo no meio, que é o ‘como a UnB’. Eu pergunto aí ‘como o ambiente, eh, público, interfere. No ambiente público, como é a Universidade de

Brasília, interfere no processo'. E acho que essa formulação não direta, às vezes pode influenciar também na forma como a pessoa entende a pergunta, né?

T: mas sempre vai influenciar, sabe, G? Assim, são escolhas que a gente faz, né? Quem tá organizando um roteiro. E pelo fato da gente não ter se conhecido antes, dificilmente também a gente tem, né? Condições de fazer aquela escolha. Então, na hora que está conduzindo, é sempre legal, assim, a gente poder identificar ao longo da relação de entrevistas se tem alguma ambiguidade [...]

G: uhum

T: [...] naquilo, né? E a gente aproveita a situação de entrevista para fortalecer esse diálogo

G: sim

T: inclusive corrigir, né? Questões que, às vezes, na cabeça da gente tão claras, mas na hora que a gente tá conversando com as pessoas, para elas, não tão claras.

G: uhum

T: E a situação de entrevista é maravilhosa para isso, né?

G: É. E também tem é uma coisa - que eu abordo, também, e acho que é super legal a gente compartilhar dentro de campos diferentes, assim, de estudo - é a questão de a gente tá, esse vínculo que a gente tá falando [...]

T: uhum

G: [...] tanto, a gente criou a partir da relação eu enquanto aluna da universidade e a senhora enquanto professora, né?

T: uhum

G: mas poderia ter, a gente poderia ter se conhecido em outro lugar,

T: uhum

G: esse vínculo ter surgido de forma diferente. E talvez esse vínculo, também, eh, pré-estabelecido, faça a diferença, justamente, na na forma das respostas. um jeito de conversar...

T: os lugares sociais que nós ocupamos, né? Assim, no caso, você deu destaque né? Para. E que na nossa sociedade infelizmente assim ainda tem essa questão, né dos posições sociais serem colocadas de uma forma hierárquica, né? Entre professores e aprendizes mesmo ainda aqui na universidade, né? Apesar de eu sempre posicionar isso. Eu nem gosto da palavra alunos. Sem luz, né? Sempre chamando vocês de estudantes, de aprendizes, de educandos, que eu acho que isso reflete muito mais a forma como eu enxergo, né? As pessoas com as quais eu trabalho no meu cotidiano. E eu acho que, por exemplo, além dessa relação, né? Entre professor/estudante, eu acho que tem outras características que atravessam nossa relação de entrevista, aqui, agora, por exemplo. O fato de nós duas sermos mulheres

G: é, isso que eu ia mencionar.

T: o fato das idades serem diferentes, eh, o fato da gente tá fazendo essa entrevista dentro de uma sala de laboratório, acaba retomando um pouco dessa posição, né? Entre estudante e professor. Talvez, se a gente tivesse, sei lá, num banquinho ali embaixo daquela árvore, né? Isso também interferiria na forma como a gente dialoga,

G: uhum

T: mas a gente tá sentado numa mesa, né? Como se fosse um consultório, né?

G: sim

T: e também interfere na nossa entrevista. Então são vários aspectos, né? Que eu faço esse destaque, aqui, nessa nossa conversa, que isso é importante, né? Na hora que a gente tá fazendo o relato de como foi a entrevista. De deixar claro, onde que essa entrevista foi feita, eh, quais são as vínculos prévios. E eu, por exemplo, eu converso com as minhas orientandas. Eu sempre falo assim: ‘ó, no teu relato de pesquisa, conta quem é você um pouquinho’. Porque por exemplo, se fosse, talvez, né? Por exemplo, um homem fazendo essa entrevista, isso poderia ser conduzido de uma forma diferente, né?

G: uhum

T: Se fosse, por exemplo, um... um estudante de primeiro semestre, né? Você já tá no final

G: sim

T: poderia estar se sentindo mais inseguro nessa posição.

G: e nas conversas, na conversa que a gente teve durante a entrevista. Teve alguma coisa que a senhora sentiu falta de falar? Assim: ‘ah, eu poderia ter falado tal coisa, eu queria ter abordado mais sobre essa pergunta’. A senhora sentiu falta de dar informação, mesmo, sobre o que a gente tava falando...

T: não, assim... parte de mim, eh, sempre vai querer falar mais [risada] porque esse tema né? Da entrevista, quando você recebeu ‘nossa, que interessante, alguém tá fazendo TCC sobre entrevista, que é a parte metodológica que eu trabalho muito que eu gosto muito’. Assim, o que eu posso, agora, assim, né? Mais no momento, como se fosse umas considerações finais, de informação a ser complementada, eu fico pensando muito no sentido da gente poder, né? Ampliar, inclusive o que as pessoas acham que é uma entrevista. Porque sempre são formatos, né, mais estruturados, fechados ou, às vezes, com opção ‘sim ou não’, né? Que a gente fica, às vezes, vai responder e fala ‘ai, mas será que eu acertei, né?’ Gera um pouco essa, essa ansiedade da pessoa que tá respondendo. E no caso aqui, da nossa, eu não senti isso, né? Eu sinto que desde a hora que né? Você fez a primeira pergunta, eu já entendi um pouco né? O jeito que ia funcionar, né? Pelo menos eu fiquei induzindo que ia ser assim nas demais perguntas, né? E assim foi.

G: uhum

T: mas isso a vida em si, inclusive, assim, uma competência tua, né? De organizar, né? Um roteirinho, né? De semi-estruturado, com perguntas mais abertas. Coisa que às vezes quem tá começando, né? Na prática de entrevista, coloca as coisas mais fechadas, porque a entrevista é compreendida como um momento de coletar dado. Então tem o dado ali eu vou lá e coeto. Isso deixa muitas vezes as pessoas que estão participando com a sensação de estarem sendo usadas ao invés de serem consideradas uma pessoa íntegra, né? Com todas as suas características. Tá ali contribuindo naquela interação.

## APÊNDICE F — ENTREVISTA RITUAL INFORMATIVA COM A PROFESSORA SILVIANE BONACCORSI BARBATO

G: obrigada. Então, professora. A minha primeira pergunta é: qual é o papel da entrevista como ferramenta para o seu trabalho como psicóloga?

S: então, eu não sou psicóloga. Eu sou psicóloga, eh, na... em pesquisa, não 'clínico', né? Porque a minha graduação é em Letras, e aí eu fui me aproximando da Psicologia na pós-graduação. E aí abriu essa vaga no desenvolvimento, eu já trabalhava no desenvolvimento da linguagem e então fiquei lá na Psicologia. Já tô há quase 30 anos. E bom, então é pesquisadora em psicologia que eu digo

G: uhum

S: que é melhor, mais seguro para mim. Então as entrevistas, elas são muito, para o meu objetivo, é... trabalhar o desenvolvimento do que a gente chama 'selfie', que é o si mesmo, o seu 'eu' consciente, né? Que se explica e vai gerando com saúde ou não saúde, né? Aquelas historinhas que a gente conta da gente mesmo, sobre quem a gente é, sobre quem os nossos amigos são, sobre quem a gente não gosta, gosta, enfim, a família né? As coisas do mundo, como funciona. Então a gente, eu falo muito que é uma interpretação de si, do outro e do mundo. Então é esse é o objetivo das entrevistas, é que cada um é nos ensina como é ser humano naquela situação que... E aquela história pessoal que ele está. Então muitas vezes, como a gente trabalha com psicologia e desenvolvimento é muito importante a gente pegar transições, porque as transições começam com crises, né? E as crises, qualquer que sejam elas, pessoais, coletivas, como a gente viu agora a pandemia, desastres, eh... ocupação de terra, eh... embates de etnias, de povos, né? Como a Rita Segatto fala, essa inter... 'interistoricidade', essa negociação entre povos que vivem no nosso território, né? Que são os povos originários, por exemplo, que estavam aqui antes da, da gente, né? Ocupar a terra deles. Então tudo isso é visto como pequenos obstáculos, né? Da vida, que a vida apresenta para cada um de nós de forma diferente, que vão instalar uma transição. transição para quê? Para o desenvolvimento, próximo ao desenvolvimento, né? Como é que a gente tá vendo isso nessa trajetória histórica pessoal e coletiva.

G: uhum

S: então as entrevistas são para isso.

G: certo, professora. E como foi o processo de escolher na sua carreira profissional o campo da academia?

S: ah... Mulheres, né? Ser mulher é interessantíssimo, né? Então eu fui eh, eu já... meu pai era professor da Universidade de Brasília, tinha sido da UFRJ, veio transferido. E aí, bom, a vida acadêmica já estava... minha mãe era médica, foi uma das primeiras médicas do país. Então essa coisa da reflexão, de como as coisas de interesse de estudo, sempre rolou, né? Quem é filho de professor, de pedagogo, de psicólogo [risadas] sempre rola essa tradição de eh... de estudo, de observação da vida, de observação de si mesmo, né? Meu pai era médico e não acreditava muito na psiquiatria, mas ele me ensinou muito essa reflexão de si, né? O que que tá acontecendo? O que que eu posso fazer? Nem sempre funciona. A vida inteira a gente vai fazendo essa narrativa, né? De como que eu posso fazer agora para resolver esse problema então foi daí. E aí eu sempre estudei muito, sempre tive exemplo de estudo. E bom, aí quando eu fui fazer a prova para ser professora, Secretaria de Educação, porque eu sempre me interessei por ser professora

G: uhum

S: eu.. eh... Eu tava meio já casando. E o meu ex-marido ele foi, tinha uma bolsa do CNPq pra ir pra Inglaterra, aí eu fui. E naquela época o CNPq tinha essa coisa, iniciativa maravilhosa, de fazer uma bolsa cônjuge, ou seja, se o cônjuge estivesse, do bolsista, estivesse interessado em continuar a estudar, recebia uma a mais. Não era muito, mas dava para comprar livros, dava pra transporte

G: uhum

S: um pouquinho de alimentação, quando eu tava na universidade, essas coisas. E aí pronto, eu fiz o mestrado lá e já fiz a prova pro doutorado, mas já... eu fiz na Universidade de Durham, que é no norte da Inglaterra, e depois ele foi fazer o 'pós-doc' em Londres. E aí eu já fiz também a prova para a Universidade eh, de... Birbeck College que chama, que é um dos Colleges da Universidade de Londres. E aí eu comecei o doutorado, aí fiquei grávida do segundo filho, já tinha tido um, e ele teve que voltar. Aí eu aí eu já tava, eu já tinha feito prova aqui também, e

fui continuando o doutorado, né? Então um pouco essa coisa da curiosidade, da prática de estudo reflexivo, crítico, que foi entrando na minha vida né? Pode entrar de várias formas, né? Na minha vida foi assim. Claro que tem outras pessoas que entram de outras formas, né? A pessoa vai convivendo com um amigo vai vendo um professor. Enfim outras coisas. Mas dessa forma que começou a minha vida acadêmica.

G: legal, professora. Então, a outra, a outra pergunta que eu tenho é se, do seu ponto de vista, em alguma medida o ambiente público da Universidade como o da UnB interfere no ensino, traz impactos para o ensino.

S: ah, sim, isso traz impactos pessoais, né? Vai mudando a nossa vida. Porque o ensino público é uma coisa maravilhosa. Apesar de eu ter minhas críticas, né? Eu acho que a gente devia fazer igual a Argentina, a Itália. A Itália, por exemplo, entra todo mundo. Tem uma pequena taxa pros exames e tudo anual, né? Não é, é público, mas tem essas taxas de pagamento, mas assim a gente diz que lá se todo mundo for para a aula, não cabe. Então as pessoas estão muito acostumadas a seguirem um programa e terem uma disciplina pessoal de ir e às vezes ficar em casa, mas continuar estudando. E na Argentina eles fazem esse primeiro ano, entra todo mundo que quer e faz esse primeiro ano. Na Alemanha, por exemplo, quando eu estudei na Alemanha eu era muito juvenzinha, tava no.. no ensino básico, né? E eu via os meus colegas maiores, do Ensino Médio, eles faziam uma previsão de quantos doutores, quantos dentistas, quantos engenheiros iam precisar nos próximos anos, e aí a nota de entrada aumentava ou diminuía de acordo com a previsão, né? Da República sobre como isso ia funcionar no futuro, como eles iam precisar ou não. Então a pessoa tem a liberdade, mas ela teria que tirar notas maiores, por exemplo para entrar em carreiras que já tá um pouco saturada, né? Mas assim, eu não sei como é que funciona hoje em dia, isso foi há uns 40 anos. Mas a... a questão do público no Brasil é belo, né? Porque você tem essa diversidade cada vez maior, né? As pessoas. Agora eu acho que ainda é muito restrito, sabe? Eu acho que é muito restrito. Apesar dos nossos colegas terem condições diferentes, né? O que a gente, por exemplo, a gente como todo mundo fora, né? A gente tem eh, que dar aula na graduação, só que, por exemplo, eles podem juntar os créditos tudo num semestre. No semestre seguinte se dedicam a publicar e a... e a cuidar da pós-graduação. Aqui meio a gente faz tudo junto, né? Obrigado sempre 18 créditos, num semestre e outro, quando dá verão, ninguém sabe o que fazer com o primeiro semestre. Então você acaba trabalhando em dobro, né? Então são coisas assim, que precisam resolver. Mas a questão da inclusão, né? Das cotas, eu aprecio bastante, eu acho que, é... do jeito que o movimento negro

tá fazendo movimentos, dos povos originários está fazendo, o pessoal que trabalha com inclusão também, né? De outros tipos tá fazendo, tá, tá rendendo frutos

G: uhum

S: eu gosto muito. Porque quando começou essa questão da cota, a gente tinha até questionamentos dos nossos estudantes, é, negros, pretos, né? Sobre se a cota tava fazendo o que, ia fazer o quê, né? Eu dizia, se você, se eu tô aqui na frente, né? É... eu olho um monte de cadeira vazia, né? E fico pensando quem poderia estar ocupando essas cadeiras, porque que essa pessoa não tá aqui. Não é só os que faltaram porque tinha outras coisas de prioridade. Mas a questão de que havia cadeiras vazias, né? Ainda há, eu acho, né? Então eu, é... como organizar isso de uma forma que a gente possa, por exemplo, quem tá na graduação e pós possa se organizar para ora se dedicar a uma coisa, ora para outra se quiser, né? Então isso eu acho que falta, porque se você tem tempo de se dedicar à graduação, você, é, poderia, por exemplo, é... ter turmas menores trabalhando com outro ritmo, por exemplo, a questão da hibridéz é uma questão que eu vejo os estudantes estão pedindo muito, né? Também porque a questão de pegar ônibus, está tudo caro, você quer às vezes ficar em casa é interessante para poder se concentrar, né? Então, é... tem todas essas coisas aí, mas, eu eu gosto bastante. Acho que o público dá uma liberdade, né?

G: uhum

S: que você não tem, né? Mesmo em algumas situações de público, você não tem a liberdade que você tem nas universidades federais. Né? Que é de organização, de desenvolvimento do pensamento, da flexibilidade, da crítica abertamente livre, né?

G: uhum

S: e eu acho que isso, é.. faz a diferença, né? Então às vezes a gente vê colegas, se tornam colegas, que tão abrindo mão às vezes de um salário mais legal, né? Que é importante também, né, G? [risadas] eu acho. Então teria que melhorar o salário das federais, né? Assim, entrar em carreira de pesquisa, que já é outra carreira, então isso também né? A gente se dedicar esse tanto, também ter dificuldades financeiras é muito desagradável, né?

G: sim

S: mas assim, e pra chamada de novos talentos. E para permanência dos nossos talentos dos novos talentos no Brasil, né? E as condições de trabalho que a gente estava discutindo, né? Que condições a gente tem de trabalho, né? Pra gente desenvolver plenamente aquela função a qual a gente foi contratado.. Então são críticas, mas eu adoro a universidade. Eu acho que a universidade contribuiu muito para pensar e eu pude retomar isso, né? Agora eu tô numa... já no ritmo mais lento no sentido de que também a gente vai ficando mais crítico das coisas, com a idade a gente vai demorando mais a fazer as coisas, porque tudo vai acumulando, né? Aquela, aquela experiência

G: uhum

S: e você vai fazendo um pouquinho com muito mais cuidado que você fazia antes, é interessantíssimo isso, né? Como a nossa intelectualidade vai se desenvolvendo e mudando nos ciclos da vida, digamos assim, né? Então você

G: sim

S: descobre no momento que ‘nossa, como eu sou inteligente, que legal. Nossa, poxa, tendo, filho, marido, cachorro, papagaio, eu não sei o que, consegui fazer coisas interessantes’.

G: uhum

S: então eu também devolvia muito para a universidade, não só em tempo, trabalhava muito, 60, 70 horas por dia, né? E inclusive final de semana e também em termos de orientações de Pibic de, de, de especializações, de monografias, enfim, de, eh, mestrados, doutorados, pós-docs, né? Tudo isso eu também devolvi para a universidade, né? Para o povo brasileiro. Eu acho que isso é importante.

G:sim, professora. Eu vou para minha última pergunta agora

S: aham

G: que é como a senhora considera o percurso de entrada do aluno da Psicologia no mercado de trabalho?

S: bom, a psicologia, o que eu digo para eles que atualmente a.. a profissão mais legal do mundo, né? É difícil, eu falo ‘se você tem dúvida, melhor você fazer uma... se você tem necessidade de dinheiro, faça uma carreira, eh, de medicina, de... né? Por exemplo, se tem um

gosto pela computação, vai para computação, depois vem pra psicologia. Negocia as duas coisas. Quer dizer pela matemática, enfim, você pode, então a psicologia você pode juntar com com carreiras diferentes, o que é um barato. Ou seus talentos, porque também você não precisa fazer uma coisa informal para ter desenvolvido uma certa curiosidade de conhecimento em outra área com a qual você pode negociar. Eu digo que eles não morrem de monotonia, né? [risadas] Porque o seu ser humano ele muda muito. E a gente muda com a história, com as crises, né? Então a gente está sempre, primeiro: querendo negociar as terapias e tudo, esse lado terapêutico da saúde mental que é maravilhoso

G: uhum

S: mas também a... a psicologia abre para trabalhar em empresas, para trabalhar, eh, nas escolas, nos hospitais, eh... em diferentes situações de mercado de trabalho além da clínica. É que a gente liga muito pra clínica, que é super legal. Que, mas exige uma... uma digamos assim, que você estude a cultura, que você observe a cultura, que você esteja aberta ao outro, né? É super fascinante

G: uhum

S: mas eu digo inclusive agora, com essa crise que a gente está enfrentando, a nossa cidade, né, G? Aqui é uma coisa da violência que a gente não conhecia, né? Uma violência, eh, que ameaça a gente de morte, né? Eh, não só patrimônio, mas nós, também, que estamos circulando pela cidade, vocês jornalistas, sobretudo, a gente tem visto muito isso. Eh, eu digo para eles. Outro dia eu tava até escrevendo no meu laboratório, né? Como os professores de laboratório e disse: 'foi a melhor profissão que vocês escolheram'. Porque, não é? Tem, além de tudo que está acontecendo, que é que é do humano, né? Como o humano convive, negocia ou não negocia, né? É, tem pessoas que tão indo para uma arte sem volta, né? Então essa coisa do delírio, da... Não, hoje eu tava lendo uma narrativa, na Uol, não sei se na Uol, tô gostando muito da Uol. É, é, não sei, em um desses... também assisto muito YouTube

G: uhum

S: adoro, algumas discussões e tudo que estão acontecendo no YouTube. E a, eu tava vendo uma narrativa de um rapaz, né? Um adulto, óbvio, né? Que já não vive com os pais que tava dizendo como foi a radicalização dos pais, e como eles mesmos voltaram para a cidade de origem, né? Mais radicalizados ainda. Apesar dele ter pago a volta de avião dele, do pai e da

mãe presos, o pai e a mãe radicalizados presos, né? E mais oito amigos, porque eles só sairiam de Brasília se pagasse a passagem dos amigos que não podiam pagar. Eles não tinham como voltar de ônibus, né? Tinham que voltar de avião

G: uhum

S: então, como é a narrativa do, das famílias que estão com problemas sérios de relacionamento, né? Por causa de, da radicalização. por exemplo, um psicólogo trabalha com famílias, né? Trabalha com radicalização, por exemplo, tem, por causa do terrorismo, por exemplo, é... que chama o 'terrorismo muçulmano', que eu não gosto de chamar assim, porque eu acho que tá ofendendo as pessoas que têm boas práticas, né? Que querem seguir a vida em paz, com ética, mas eh... nos países europeus eles tentaram muito essa coisa da 'desradicalização', né? Como é que é [risada] 'desradicalizar' alguém, sabe? Como é que faz isso? Que é um aspecto, deveria ser um aspecto narrativo, uma narrativa que você tem abertura para abrir crenças e valores, entrar nas crenças e valores

G: uhum

S: no diálogo narrativo, você vai penetrando de outras formas na realidade do outro, na realidade que se estabelece entre, por exemplo, quem tá num papel terapêutico médico e aquela pessoa que está sendo atingida, né? Porque não vale 'desradicalizar' como se fosse uma, né? 'Limpar' né? Fazer uma 'limpeza' na alma da pessoa, pensar isso, né?

G: uhum

S: que vai haver um tipo de, sei lá, de conversão, né? Entendeu? Para uma racionalidade, sei lá, desejada por alguém. Pela sociedade ocidental pelos ocidentais lá, né?

G: uhum

S: eh, mas eh, teria que ser por meio da narrativa, né? Do diálogo, de uma terapia, mais dialógica, né? Culturalista. E que vai, eh... em que a pessoa tem a oportunidade de ir negociando consigo mesma o que ela quer, né? Que tipo de vida ela quer, quer a boa vida, né? A boa vida no sentido aristotélico, né? De estar numa situação de felicidade também, né, na polis, digamos assim, na cidade. Então, eu acho que a... que é muito legal o mercado de trabalho. Agora é isso, né? É uma luta para todo mundo. O começo, né?

G: uhum

S: deve estar sentindo isso, no começo da carreira a gente fica ‘como assim?’, né? Até tinha sugerido, eu acho que a universidade tem umas pequenas iniciativas, mas teria que fazer mais iniciativas com o mercado de trabalho para que vocês pudessem ter opções iniciais, enfim mais do que ficar só procurando, mas a universidade também oferecer esse serviço para quem está no último ano, por exemplo. Já ir vendo possibilidades. Como é que é? O que que eu faço? Como é que o estudo? Tem que fazer seleção? Como é que é isso, né? E aí ‘ah, tem cursos que eu posso fazer? Então essas coisas também deveriam ser, eh oferecidas pelas universidades, mais isso né? Mas enfim, eu sei que não é fácil para a universidade. Tá linda a nossa universidade, eu acho, né? É linda, porque ela já faz um monte de coisa, mas pode melhorar muitas coisas. E o mercado de trabalho é isso mesmo. No começo é uma luta. Às vezes você consegue fazer super bem, já tá posicionado, mas na maioria das vezes é uma busca, uma experimentação, né? E o que que o que que você pode assumir naquele momento de urgência, né? Para essa passagem a gente chama ‘adulterez em emergência’, né? Essa passagem de 17 anos aos 30 mais ou menos, ela é muito complicada atualmente.

G: uhum

S:tem, tem, eh, por exemplo na Europa, eles eles colocaram um ano a mais no Ensino Médio. Inclusive para retardar, pode ficar, sei lá, tantos anos na universidade para se encontrar

G: uhum

S: entre os vários mecanismos aí, que é do país, vai negociando, mas é mais ou menos isso. Realmente esse início de vida profissional, né? De você escolher a carreira para estudar, depois do início da vida profissional e início de, sei lá, uma coisa mais séria de namoro de

G: uhum

S: né? De ficar junto, de ter sido, aí depende, cada um vai fazendo suas opções, mas é tudo meio nesse ‘bololô’ aí entre os 17 e os 35 mais ou menos, né? Então é um ‘bololô’, tomar as decisões de quebras, de recomeços, né? Que tem que ser meio que trabalhar com a esperança, com o recomeço, e ir fazendo, né? As meditações [risadas] eu acho que, sei lá, cada um faz, né? Vai pra, malhar, vai nadar. Eu adoro nadar. Então assim, coisas desse tipo que a gente vai descobrindo que a gente gosta, pintar... agora eu pensei assim ‘ah, mês que vem vou comprar

um livro de pintar, que é divertido', entendeu? Aí sei lá, a gente tá fazendo quebra-cabeças em casa, né? Divertido, também, põe lá, o cachorro agora deu para comer

G: [som]

S: as coisas. Mas a gente vai fazer. Então a carreira, o começo da carreira é isso. E tem a ver muito com a organização pessoal, né? A esperança que a gente vai pondo, eh, a flexibilidade que a gente vai construindo, né? E para ser um bom profissional, para lidar com as dificuldades de emprego, do trabalho, né? Que às vezes, o serviço público dá essa segurança pra gente. Mas eu tenho colegas estrangeiros que morrem de rir que a gente faz uma seleção e fica o resto da vida, mais ou menos, por ali

G: uhum

S: com algumas saídas, assim para ajudar aqui, apoiar ali assessorar, né? [risadas] Mas eles morrem de rir porque para eles é muito mais flexível e é muito mais desejável mudar de emprego. Você brincar com essa coisa de mudar de emprego, de desistir. Mas são sociedades mais organizadas socialmente de apoio ao trabalhador, né? Tem isso

G: sim

S: pagam melhor então, você se organiza financeiramente. E a psicologia é isso também, né? É o começo, é isso. Só que é uma carreira maravilhosa que põe você [risadas] você pode ir, não é que você entenda de tudo, sai entendendo de tudo, claro que não. mas você vai, eh.. você pode fazer, eh... trabalhar em algumas fronteiras.

G: uhum. Professora, adorei ouvir todas as suas respostas. Essa foi, eh... a parte que eu tinha as perguntas pra, pra fazer mesmo

S: uhum

G: mas antes de terminar eu queria, com toda a sinceridade da senhora, eh, saber o que que a senhora achou da entrevista assim, das perguntas e..

S: achei ótimo, muito leve, gostei, gostei da sua postura, né? Olho no olho, íntimo, perto, né? Não longe, como se fosse uma diretora de cena

G: uhum

S: que é muito importante, né? Nas narrativas a gente ficar perto, olhar e, né? E ver que a pessoa que está dialogando com a gente tá prestando atenção. Achei ótimo, muito leve, muito bom. Acho que você está desenvolvendo bem a sua... as suas habilidades de entrevista

G: ah, obrigada [risada]

S: [risada]

G: é que agora, acho que é a parte também de eu falar um pouco do meu trabalho

S: aham

G: para explicar melhor, né? Que eu não consegui antes justamente para não interferir

S: isso

G: nas respostas, mas o objetivo do meu trabalho

S: hum

G: é tratar as tipologias de entrevista como forma de apuração de informação para o jornalista.

S: muito bom

G: então eu proponho três modelos, justamente porque na comunicação, imagino que na psicologia também, do pouco que eu acessei, também, tenham diferentes autores que trazem tipologias diferentes.

S: hum...

G: e aí eu proponho três

S: hum...

G: uma que é mais perto de um modelo mais fechado, mais estruturado

S: hum, estruturado

G: um semi-estruturado, que a gente entende como semi, semi-estruturado, que é esse

S: uhum

G: que eu propus a fazer com a senhora

S: ficou bastante bom

G: e o último que é um dialogal, que é o jeito, assim, mais perto de uma conversa, menos...

S: aberta, uma entrevista aberta

G: mais aberta

S: eu gosto disso, também. sabe o que a gente faz?

G: hum

S: a gente às vezes para... é porque a gente não é igual o historiador oral, o historiador, né?

G: uhum

S: que por exemplo, o historiador mais tradicional ele vai atrás de ver se é uma... se aquilo que aquele narrador tá falando tem alguma correspondência, por exemplo, com os arquivos públicos, né?

G: uhum

S: da história, que pode ser documentado, né? Mais tradicional. O historiador oral não, mas a gente.. eh.. na, na psicologia, óbvio que é super diferente da informação porque a gente tá em

G: sim

S: a gente tá em, eh, tudo que a pessoa fala, a gente não vai ver se tá documentado, assim. Mas a gente tá, eh, o meu grupo de pesquisa, o meu não, talvez o mais certo seria o grupo de pesquisa que atualmente eu lidero, né? A gente vai muito com a perspectiva de ensina-me e a ser humano nessa sua experiência.

G: uhum

S: então mais um, uma conversa que o outro tá ensinando, um pouco, como ele está se resolvendo nesse ponto... então não tem nada a ver com documentar se é verdade ou não. A gente não faz essa questão. Mas, eh, a gente notou numa entrevista feita por historiadores orais, há uns 20 anos atrás, tinha no caso eles deram uma entrevista pra gente, porque era um caso de

história de, oral de Brasília, de um dos primeiros construtores que chegaram aqui, mas que negociava muito com a história na vida pessoal dele. E a gente viu que ele usava uma... ele foi pra entrevista vestido para provar que o que ele estava contando estava marcado nas roupas dele

G: uhum

S: um botton, um chapéu, a forma como ele usava roupa preta porque a coisa mais importante para ele foi a experiência da mor... da perda da mãe

G: uhum

S: então ele usava preto porque ele tava em luto há anos

G: usando a linguagem corporal dele, não verbal

S: e a gente teve a ideia primeiro a gente tinha umas câmeras chamadas... você nem imagina, uma coisa

G: som

S: que não existia, na época, foi existir só na... antes de você nascer. Que era umas câmeras que a gente punha, assim, uns filmes de 12... e eram descartáveis, né? [risada] elas tinham... se perdesse... era uma coisa assim super... só tinha assim uma capa e um filme, e a gente pedia para as pessoas tirarem fotos, contarem pra gente

G: uhum

S: não, as fotos a gente chama entrevista mediada por imagens e objetos. No seu caso, talvez, essa seja interessante, não sei se tá dentro

G: sim

S: das perspectivas de vocês

G: é uma coisa que... eu até, eu sinto que, eh... é muito mais rico também observar a linguagem, essa, esse tipo de linguagem

S: hum, isso

G: o ambiente que a gente tá também para entender como, assim, esse jeito de... de usar a entrevista como ferramenta de trabalho

S: é, porque você tem ali informações que você não teria porque na hora que você põe um objeto mediador

G: uhum

S: a pessoa te conta coisas que ela não tinha contado antes, abre para novas personagens, abre essa ideia de que eu tô comprovando que isso que eu contei

G: uhum

S: é bem interessante. Não sei o quanto, ainda mais vocês que trabalham muito com imagens, né?

G: é

S: eh... Eu, a gente fez, a Juliana Caixeta

G: uhum

S: que é professora lá da UnB em Planaltina

G: uhum

S: ela fez a tese doutorado dela lá em 2006, sei lá, muitos anos atrás. Você já era nascida?

G: já [risadas]

S: [risadas] Então ela fez sobre as mulheres e homens né? Que nas famílias são um pouco as pessoas que se tornam responsáveis por essa memória da família.

G: uhum

S: Então são aquelas pessoas que guardam coisas da família. A pessoa tira uma foto e fala ‘guarda pra gente aí esse negocinho, não vou conseguir guardar aqui em casa guarda, você?’ Então tem as caixinhas, né?

G: sim

S: Então ela fez muito essa entrevista com imagens. Não sei se cinco, quatro mulheres e um homem

G: Que legal

S: é. Então, tinha um deles era fotógrafo, né?

G: uhum

S: Não sei se era da área de jornalismo, mas ele ele guardava todas as imagens dessa família, né? Lindo. E aí que a gente teve a ideia dessa de que essas narrativas que trazia por exemplo, uma roupinha de bebê [risadas]. Tinha gente que guardava a casa, a casa não podia ser vendida porque a casa

G: tinha a simbologia

S: essa memória. Aí o álbum, álbum das pessoas que tinham partido, álbum das pessoas, as pessoas se organizam de diferentes formas, é muito lindo.

G: não, é mesmo assim. Mas quando a gente estava conversando eu sinto... eu sinto a necessidade, às vezes de... de comentar alguma coisa e tal

S: ah, sim

G: que assim, para mim parecem ser mais interessantes, enquanto a senhora tava contando sobre...

S: sim

G: 'Ah, quando foi para fora, porque tinha a bolsa do CNPq de cônjuge', sabe? São detalhes que assim, é... Talvez numa conversa eu poderia

S: sim

G: explorar mais assim

S: sim

G: me instiga a querer saber.

S: às vezes, por exemplo, o que os historiadores orais fazem, eles têm mais liberdade, porque essa é a parte experimental da entrevista, essa sua curiosidade

G: uhum

S: é a parte que vai te ajudar muito a... a ter experiência reflexiva nas entrevistas. Eu também adoro. Os meus estudantes não gostam muito que eu vá para campo, porque eu atrapalho a entrevista

G: [risada]

S: porque eu fico nessa coisa experimental,

G: de querer saber mais

S: isso, de experimentar formas de conversa

G: uhum

S: como você tá dizendo né? É o que a gente se chama, os procedimentos, né? Que não conseguiria se eu falasse, se eu perguntasse isso ou aquilo.

## APÊNDICE G — ENTREVISTA DIALOGAL COM A PROFESSORA HAYESKA COSTA BARROSO

G: Obrigada. Então, professora. Eu queria conversar, conversando com a senhora um pouco sobre como é o uso da entrevista, como funciona a entrevista no seu campo de trabalho... porque, como eu tinha falado, eu sou do Jornalismo

H: uhum

G: então a gente imagina que, às vezes, é a mesma ferramenta, mas eu queria entender como é que é o processo do uso da entrevista no seu campo.

H: bom, então. Eu sou da área do serviço social e sou professora de pesquisa no serviço social, né? É, e o serviço social, ele é considerado uma ciência. Ele não é uma ciência, né? Mas ele tá situado dentro do 'hall' da Ciências Sociais Aplicadas. Então a gente produz, o conhecimento que a gente produz, é o trabalho de pesquisa que a gente faz, é uma pesquisa que tem muito como horizonte uma intervenção na realidade. Então a gente não pesquisa, para poder fazer um achado ou para poder necessariamente descobrir algo. A gente chega nesse achado para que se achava ele seja uma ferramenta que qualifica a nossa intervenção. Principalmente quando a gente fala numa intervenção que vise ampliar direitos, eh... subsidiar garantias sociais, eh... estar na base, por exemplo, pela elaboração de políticas públicas.

G: uhum

H: então a nossa pesquisa, ela tem esse horizonte. Ela tem ela tem esse horizonte, não. Ela tem essa finalidade. Então quando a gente fala da entrevista, eh, a gente fala necessariamente de pesquisas que tem uma... uma... parte empírica bem explicitada. Então ela costuma ser uma das principais ferramentas, um dos principais dispositivos que nós utilizamos para fazer coleta de dados em campo.

G: uhum

H: e eu ousou dizer que, talvez, a o tipo de entrevista que mais tem lugar aqui no serviço social ou seja a chamada entrevista semi-estruturada, que garante um instrumental, assim, um pouco mais flexível, eh.. e que mais que ela tem pelo menos ali um norte, né? Previamente elaborado, embora não completamente rígido e fechado. Então para as pesquisas que costumam ter pesquisa de campo, eu ousou dizer que a entrevista é uma das principais ferramentas. Embora isso não aconteça sem problemas

G: uhum

H: que tem, muitas vezes a gente faz, principalmente nos níveis iniciais da formação. Nos níveis iniciais que eu digo, assim, na graduação. A medida em que a gente vai eh... avançando nos níveis de formação como mestrado, doutorado, a tendência é que o aluno, o estudante, ele passe a ter uma percepção cada vez mais aguçada sobre os limites, mas também, das possibilidades da entrevista

G: sim

H: na graduação, a gente tem uma tendência muito grande ou de superestimar a entrevista ou mesmo de não conseguir explorar todas as dimensões que a entrevista pode garantir na coleta de dados. Então, mas isso tem a ver também com a percepção sobre... eu não sei se eu posso falar essa expressão, mas no sentido de maturidade intelectual

G: uhum

H:                   então                   quanto                   mais,                   eh...

G:                   talvez                   de                   experiência                   também,                   né?

H: é. Quanto mais densa a apropriação teórica... inclusive quanto mais... eh, experiência no campo da pesquisa, melhor vai sendo a abordagem, a apropriação de ferramentas como a entrevista.

G: uhum

H: então por exemplo, a gente faz entrevista, mas história oral não costuma ser algo que tem grande... grande espaço dentro da nossa área. A gente tem poucas referências de, de produções que consideram que exploram como ferramenta

G: a entrevista como ferramenta

H: a entrevista como ferramenta para, por exemplo, a elaboração de história oral ou história de vida.

G: sim

H: que são tipos de entrevistas mais aprofundadas, mais densas e tal, ah.. mas costuma ser quando a gente, eu sempre falo assim: tem uma cartilha. Quando a gente, embora a gente fuja dessa abordagem 'manualesca', essa abordagem prescritiva, normalmente, quando os alunos resolvem fazer pesquisa de campo, eles sempre vão dizer que vão fazer observação, entrevista. E eu digo assim: 'ó, vocês tem que ver como é que a entrevista vai acontecer na pesquisa de vocês, porque não é um manual que você pega, aqueles metodólogos

G: uhum

H: e entrevista é isso, existem esses tipos e vocês vão, eh, transplantar pra pesquisa de vocês, né?' Mais do que o que se faz na pesquisa, é importante saber como se faz. E a partir de que referenciais se faz, né?

G: sim

H: e ela sempre teve presente. Entrevista, no serviço social, ela sempre teve presente, desde quando a gente surge como uma profissão.

G: uhum

H: então ela é tanto ferramenta de pesquisa, como ela é ferramenta de intervenção no trabalho profissional. Então, assistentes sociais que atuam nas instituições utilizam entrevista como, eh.. técnica de coleta de dados para o trabalho, para elaborar relatórios, estudos. Então ela não tem lugar cativo só na academia.

G: sim

H: entrevista, para a gente, para o serviço social, ela é um dispositivo, uma ferramenta de trabalho

G: é um jeito de estudar também o próprio campo de serviço social, pensando

H: é... porque a gente tem os documentos, tem as legislações. Mas é a entrevista, aqui, no contato com nosso usuário, da pessoa que busca o serviço social nas instituições, independente da área. Saúde, na, no jurídico, na educação

G: uhum

H: na assistência social, não importa a área. Assim, a entrevista ela tá ali como um dos dos elementos que a gente utiliza, quer no atendimento individual, quer em trabalhos sociais com grupos.

G: e é muito legal que a senhora falou nesse processo sobre os tipos de entrevista e como tem uma preferência, aí, pelo, aqui, pelo menos no serviço social, pela entrevista semi-estruturada, né? Que tem esse modelo que faz, talvez, mais sentido para o objetivo de

H: sim

G: buscar dados, de coleta de dados

H: sim

G: e humanizar, também, de certa forma.

H: é. Quando a gente faz assim, por exemplo, a pesquisa mais exploratória, que é aquele momento de aproximação com o campo, que é aquele momento de... eh... começar a ter algum contato com a temática, com a área específica, aí a gente orienta para os alunos eles fazerem a chamada entrevista aberta ou a entrevista não estruturada, onde ele não tem um... um instrumento muito específico, né? Mas que ele vai ao campo para poder conhecer e aí, a partir daí, ele ter ferramentas para poder, por exemplo, elaborar um roteiro

G: uhum

H: porque às vezes ele não tem nenhum contato com aquela realidade e se ele elabora um roteiro sem estabelecer, sem fazer esse trabalho exploratório, a tendência é que ele ou reitere questões que ele poderia ter acessado por meio de observação

G: sim

H: ou por meio de uma pesquisa exploratória, ou que ele, eh, deixe pelo caminho nuances que, ou acesse questões que a entrevista não era a ferramenta mais adequada para aquilo

G: entendi

H: entendeu?

G: então primeiro, eles fazem uma entrevista aberta

H: é...

G: talvez surja um roteiro

H: isso. A sugestão é essa. Acontece assim sempre? Não. Mas no mundo ideal na nossa cabeça

G: uhum

H: deveria ser assim. Ter esse contato primeiro e depois garante uma, uma vivência, ali, um pouco mais qualificada. Que te dê elementos para você elaborar o roteiro de uma entrevista, entendeu?

G: sim, legal, professora. E, e acho que mudando um pouco, mudando um pouco o rumo da conversa, mas também querendo, assim, saber um pouco sobre o seu trabalho

H: uhum

G: entender esse, queria entender... a senhora fica à vontade para falar

H: uhum

G: como foi o seu processo de escolha para trabalhar no no seu campo metodológico, no ambiente da academia, assim. Porque essa escolha de estar aqui na academia, quais são os seus interesses pessoais... eh... e relacionando, também, claro, o serviço social, né?

H: sim. Assim, eu, eu escolhi ser, eu pensei em ser professora, quando eu fiz, eu tive minha primeira experiência de monitoria na graduação em serviço social. Eu não sou daqui de Brasília, eu sou de Fortaleza. E quando eu fiz a primeira monitoria, assim, eu me apaixonei pelo curso logo quando eu entrei, assim nas primeiras aulas. Eu já sabia que eu queria aquilo ali, embaixo da minha vida, e na vivência da monitoria, eu tive certeza que seria na docência.

Então tudo que eu fiz na graduação foi pensando em estar onde eu estou hoje, fazendo o que eu faço hoje. Eu não saberia fazer outra coisa. Assim, e aí eu entrei naquela época, né? Logo no segundo semestre, no PET. Fiquei no PET até o final da graduação. Foram quatro anos de PET. E o PET ele oportunizou a vivência dessa dimensão da pesquisa, e da vivência acadêmica, muito forte. Então a gente viajava para os encontros, para apresentar trabalho. A dinâmica do grupo PET de alguma maneira nos colocava muito alinhado, a, eh... para viver a, a universidade, a academia em todas as suas dimensões, assim. Então sem dúvida nenhuma, o PET, para mim, ele foi um divisor de águas. E ali eu já sabia, é... Tanto que na minha turma do PET, que eram 12 bolsistas, assim, 8 são professores universitários hoje. Assim, tem outras universidades federais, vai ser muito forte, né? Em outras universidades federais, no restante do país, todo mundo assim. E os que não são professores de universidades federais, são professores na iniciativa privada. Então, de alguma forma, eu posso dizer que foi, a culpa foi do PET.

G: e a senhora fez graduação em uma universidade pública, também?

H: universidade pública. Eu fiz a graduação em serviço social na Estadual do Ceará, mestrado em políticas públicas na Estadual do Ceará e doutorado de sociologia na Federal do Ceará.

G: e antes de entrar na graduação, passava pela sua cabeça, professora, ou não? Foi assim, justamente esse, esse caminho.

H: eu nem sei dizer, antes, assim, a gente, assim, na cabeça de criança adolescente, eu projetava... a gente veio de uma realidade, de, eh... econômica e financeira muito difícil. E eu lembro bem que... e eu sempre fui uma pessoa muito estudiosa. Eu gostava de estudar, aquela, a típica CDF, né? E eu gostava muito de estudar. Estudei em colégio militar durante um tempo e aí, no terceiro ano do ensino médio, veio uma bolsa para uma grande escola lá em Fortaleza, dessas escolas que aprova pessoal para o ITA, para o IME,

G: uhum

H: para não sei aonde. Mas é uma escola que, assim, eu não conseguia lanchar na lanchonete da escola, porque o lanche era caro demais

G: nossa

H: para a realidade que eu vivia. Eu era bolsista, não pagava a mensalidade, e dificilmente conseguiria pagar numa outra realidade, porque o valor da mensalidade era o valor, sei lá, da renda familiar da minha avó

G: uhum

H: que cuidava assim, de todos os netos, era surreal para gente. E...

G: e foi um contato acredito com pessoas que

H: eram de outro mundo

G: de outro mundo

H: eram de outro mundo

H: o que me salvava naquele ambiente era que assim como eu outros colegas tinham também conseguido bolsa

G: uhum

H: outros colegas da escola militar tinham conseguido bolsa lá. Então era o meu, meu lugar de refúgio assim os meus colegas, né?

G: sim

H: Eh... e aí eu queria fazer Direito. E aí eu fiz direito na federal e na Estadual não tinha. Então na Estadual, eu tinha pensado em fazer história. Na época, o meu atual esposo, que a gente já era amigo, já se conhecia na época, ele disse assim 'ah, porque tu não tenta fazer serviço social?' Eu lembro como hoje, assim, foi na calçada de casa. E o critério foi assim, não, o campus da da Estadual, ele é, assim, considerado perigoso, é a noite

G: uhum

H: e o curso de história só tinha à noite. Mas na minha cabeça era 'não, eu vou fazer história, porque eu trabalho durante o dia e vou para a faculdade à noite. Ele 'faz serviço social, porque eu acho que inclusive tem mais oportunidade de trabalho. Eu não sabia o que era, assim, a referência que eu tinha de assistente social na minha vida

G: uhum

H: tinha sido as vezes que a minha avó tinha, precisava ficar internada e aí a assistente, a gente procurava assistente social para a assistente social autorizar entrar o ventilador. Assistente social eh... dar o vale-transporte para a gente poder

G: entendi

H: voltar para fazer a visita no dia. Então, não sabia o que era. E aí eu disse ‘não, vou fazer. Aí eu fiz e passei. Não passei na federal em Direito. E assim, para mim não era uma questão assim, a gente ganhou bolsa para quem não tinha passado para poder fazer o cursinho de novo. Fazer o cursinho, né? Eu tinha terminado só o Ensino Médio. E aí eu disse ‘não porque para mim, vai ser um ano a mais em que eu não vou estar colocando dinheiro dentro de casa. Mais um ano estudando, mais um ano com a minha avó pagando passagem, pagando tudo

G: e era uma preocupação, não tinha como evitar.

H: uhum. Então eu disse assim, não, eu vou entrar. E na graduação, eu lembro que a minha primeira aula foi de Antropologia. Eu disse ‘eu não quero sair daqui nunca mais’. Assim, eu nem cogitei, assim, ‘ah, vou pensar em tentar fazer Direito

G: nossa, que legal

H: no primeiro dia de aula

G: foi amor à primeira vista

H: foi, foi à primeira vista. E aí eu entrei, e aí fui, consegui, aí consegui bolsa de assistência estudantil. Então já alivia um pouco para minha avó questão das passagens de ônibus

G: uhum

H: porque lá não tem passe livre para estudante. Então

G: entendi

H: realmente, a gente não tinha dinheiro para poder ir para a aula. Aí a gente conseguia a bolsa de assistente estudantil e logo depois entrei no PET. E aí eu fiquei no PET até o final da graduação e quando chegou ali no quarto semestre eu consegui um estágio. E aí saí de casa, eu

fui morar sozinha, porque tava com duas bolsas, então dava certo. Fui morar só. E eu sabia, na graduação, ali, no segundo, terceiro semestre, eu sabia que eu queria docência. Por isso que eu fui construindo uma trajetória e fazendo tudo pensando nisso

G: uhum

H: tudo que eu fiz foi pensando em trilhar esse mundo. E aí assim que eu me formei eu entrei no mestrado, e aí no mesmo semestre ali, eu fiz a seleção para ser professora substituta e passei. Então foi muito legal que eu entrei no mestrado e passei como professora substituta

G: uhum

H: e eu dei aula para as minhas colegas de trabalho em equipe

G: nossa

H: que elas tipo, atrasaram um semestre, atrasaram um ou dois semestres

G: sim

H: e eu, muito caxias, não só terminei no tema, eu terminei antes. Eu antecipei um semestre, né? Na conclusão

G: aham

H: então, quando eu voltei, eu dei aula para as minhas colegas que tem

G: nossa

H: lá os trabalhos em equipe juntos

G: eu ia ser a parte das colegas

H: [risadas]

G: que eu já to tentando formar tem uns 10 anos, eu acho

H: mas agora vai dar certo, vai dar certo [olha para a câmera e faz sinal de positivo].

G: não, vai dar certo

H: e aí foi desse jeito, então eu quis e eu fiz tudo nesse sentido. E aí, a partir dali, depois dessa primeira seleção para substituta que eu fiz, eu fui fazendo outras seleções. E aí eu passei sete anos como professora substituta

G: uhum

H: na Estadual. Desses sete, eu passei cinco conciliando a... a estadual e faculdades privadas para poder complementar a renda. Então eu dava aula na faculdade privada, também

G: uhum

H: é... aula em preparatório de cursinho, aula em especialização, aquelas especializações mais intensivas que são só final de semana inteiro também

G: uhum

H: e nesse ínterim, eh... entrei no doutorado, quando terminou o mestrado, e sai fazendo concurso para professor efetivo no Brasil todo. Eu fiz em vários lugares

G: entendi

H: viajei, assim, para um monte de lugar para tentar, tentando concurso. E aí aqui eu fiz em 2016. Fui chamada em 2018

G: foi chamada, mas já tinha uma vontade de vir para cá, já conhecia Brasília?

H: eu vim para fazer a prova e a família do meu esposo, a família do meu esposo, assim, meu cunhado morava aqui fazia 10 anos. E o critério que eu utilizei para poder vim fazer a prova, a gente muito ferrado de grana, foi assim [risada] ‘não, lá, pelo menos a gente não vai pagar hospedagem’, que a gente ficou na casa dele

G: uhum

H: e aí o critério foi esse, porque no mesmo dia, eu ia ter uma prova na UniOeste. Então assim, como na UniOeste a passagem estava mais cara e a gente precisaria pagar hospedagem,

G: entendi

H: ‘não, o critério vai ser lá’. E aí eu vim para cá assim, claro, né? Todo o reconhecimento e o prestígio que a UnB tem dentro do cenário nacional é incontestável

G: sim

H: mas eu digo assim, eu.. eu iria para qualquer outro lugar. Onde eu passasse primeiro era onde eu iria ficar

G: uhum

H: assim, não importa.

G: entendi. Professora, eu também fui bolsista numa escola particular. Eu sou de Cuiabá

H: uhum

G: eu vim, assim, também para Brasília, para... para estudar

H: uhum

G: queria fazer UnB. Eh... primeiro assim, eu queria fazer jornalismo, então fazia sentido

H: uhum

G: fazer jornalismo em Brasília. Eu queria trabalhar com política, então foi isso, mas eu também fui bolsista numa escola particular. E quando a senhora falou sobre ‘viver um outro mundo’ era isso para mim

H: [risada]

G: era uma realidade com pessoas muito diferentes de mim, amigos que podiam fazer coisas que eu não podia, sabe?

H: a galera chegando na aula, assim, com motorista. E eu contando os centavos para conseguir comer uma coxinha entre um horário e outro, entendeu? Então, assim..

G: e aí quando eu vim para cá, eu entrei na UnB, assim, uma universidade pública... é, primeiro que eu estudava em uma escola católica, assim, muito religiosa.

H: uhum

G: Então já tinha, já era outro escopo. Para além de ser uma escola particular, era um lugar, assim

H: uhum

G: muito religioso, e tal. E eu venho para UnB, que assim...

H: [risadas]

G: outra, outra história, acho que isso fez a diferença demais, assim, na minha graduação

H: uhum

G: eu enquanto profissional, hoje, ter estudado na UnB fez toda a diferença sabe no ambiente público

H: uhum

G: eu não sei se essa percepção pra senhora também acontece

H: é, acontece. E assim, eu tenho, como eu já dei aula em faculdades privadas, embora a maioria tenha sido pública, totalmente diferente. O perfil do estudante no ensino privado e no ensino público. Porque a universidade pública, ela é um mundo, né? E você tem muitas possibilidades, assim. Mas agora tem uma questão também do perfil do aluno, né?

G: uhum

H: eh.. então, a gente, eu vejo, assim, muita, muita diferença. Muita diferença, mesmo. Inclusive, também, de autonomia do professor no ensino privado. No ensino privado, assim, a autonomia, ela fica muito comprometida. As condições de trabalho, são... Você é um professor 'horista'. Você recebe por hora trabalhada, então não tem essa coisa de você poder fazer pesquisa, extensão. Algumas faculdades privadas garantem isso, mas sempre numa lógica muito atravessada por uma lógica de mercado. Então você pesquisa porque você vai ser remunerado essencialmente a mais por aquilo, e não necessariamente porque seja um interesse da da instituição de ensino, entendeu?

G: uhum

H: mas tem uma diferença assim, qualitativamente falando, tem.

G: e para entrar no mercado de trabalho, essa diferença é refletida de alguma forma? Porque é, como eu falei, assim, para mim... talvez não para entrar no mercado de trabalho, mas eu tenho certeza que no jeito de eu trabalhar, sabe? Eu não sei se para.. se para os estudantes daqui essa entrada no mercado também é refletida

H: aí eu, assim, claro que tem uma uma diferença, mas... como é que eu posso dizer, se a gente pegar aqui na em Brasília, só tem na UnB. Só tem curso de serviço social presencial na UnB. Todos os demais cursos de serviço social que tem aqui são na modalidade à distância.

G: uhum

H: é... então acho que isso deve pesar. Eu não atuo na área de recursos humanos, mas em alguma medida isso deve pesar também, né? É... mas é inegável, por exemplo, a bagagem e o repertório com aluno que é egresso daqui vai ter pela vivência que a universidade proporciona e o aluno que é egresso do ensino privado ou do ensino

G: uhum

H: na modalidade à distância

G: sim

H: né? Eu acho que isso, essa vivência de Universidade. Eu sempre, para os meus alunos, ‘minha gente, não venham só para a aula, não’. Eu sei que é difícil porque tem muita aluno que é trabalhador. Então ele, ele pode até querer viver outras coisas da Universidade, mas ele não tem condições

G: é mais difícil

H: porque ele faz uma jornada de 8 horas por dia, ele chega na aula aqui sete da noite exausto. Então nem que ele queira, ele não consegue.

G: uhum

H: mas eu sempre digo, assim, porque foi essa vivência assim, foi essa coisa. Eu chegava na universidade às vezes, sete e meia da manhã, eu saía (às) dez da noite, assim. Almoçava e jantava no RU e dormia nos corredores. Eu vejo essas páginas de memes, na minha época não tinha, né? Mas tem essas páginas de meme da ‘UnB dormidos’.

G: [risada]

H: eu digo, 'meu Deus, se fosse na minha época eu estaria em todos os posts'

G: eita!

H: porque eu dormia em todos os lugares possíveis

G: uhum

H: eu pegava a mochila, onde eu encostava, já era um bom travesseiro, entendeu?

G: sim

H: assim, então tem coisas assim. a vivência do movimento estudantil. O movimento estudantil da universidade pública não tem como, não vou falar comparar né? Mas é muita diferença

G: tem uma diferença

H: da organização política do movimento estudantil no ensino privado.

G: uhum

H: é muito diferente, entendeu? Então, assim. Tanto centro acadêmicos como DCE, é... tem uma diferença muito grande. E para mim isso também faz parte da formação

G: sim

H: entendeu?

G: e talvez, na... na entrada do mercado de trabalho, também. Assim, de alguma maneira

H: é... é, mas assim. Porque a gente não pode recair tudo na... porque eu digo assim 'ah, depende, depende do aluno', a gente cai num discurso muito meritocrático, né?

G: sim

H: a formação pública ela te... te dá mais ferramentas não para que você seja um profissional completamente técnico, mas que além do saber técnico e altamente especializado, você seja um profissional mais crítico

G: uhum

H: mais antenado ao que acontece à sua volta, né? Então. Se isso for um critério para o recrutador,

G: uhum

H: para a pessoa lá dos recursos humanos, isso pode ser um diferencial para esse profissional.

G: é

H: agora nos dias que a gente vive hoje isso pode ser um diferencial, inclusive que possa, que possa agir negativamente. O recrutador 'não, eu não quero esse perfil não. Não quero uma pessoa que fica questionando'

G: é verdade

H: 'não quero uma pessoa com esse tipo de visão de mundo

G: uhum

H: que tenha esse posicionamento político, eu não quero'

G: é

H: 'eu quero uma pessoa altamente técnica e especializada, mas que só faça aquilo'. Entendeu?

G: Uhum. É, vai depender dos objetivos, né?

H: da empresa, da instituição

G: pensando no lado do jornalismo, é... eu acho que, para além de ter critério do olhar de quem tá contratando, tem o critério de espaço mesmo, de campo. Acho que Brasília ainda tem muito,

mas assim, é muita gente querendo trabalhar nos mesmos lugares, nas mesmas coisas, e esse critério

H: uhum

G: influencia, né? Também

H: é, pode ser também, mas eu... porque... senão a gente estaria entrando num debate aqui que é a questão do... desse mercado de trabalho e de como no serviço social, a gente tem uma visão muito... uma análise muito crítica dentro desse contexto. Porque é necessário, para a dinâmica da da ordem que a gente vive, que existam pessoas empregadas e pessoas desempregadas. E existe uma função naqueles que estão desempregados e estão à procura de emprego

G: uhum

H: que eles se submetem mais facilmente a condições muitas vezes, degradantes ou aviltantes de trabalho. Então uma pessoa que quer uma colocação e ela tá tentando há muito tempo e ela não consegue, ela vai aceitar uma oferta de trabalho por um salário menor

G: sim

H: né? É... se você pensa no ensino privado, por exemplo, trazendo para a minha experiência, as faculdades privadas, é... quanto mais alto o seu nível de formação, mais... ahn, como é que eu posso dizer?

G: mais caro você fica

H: mais caro você fica para a universidade. Porque a 'hora/aula' do professor Doutor, ela é o dobro da hora/aula do professor com mestrado

G: nossa

H: então o professor Doutor ele é importante para a faculdade privada quando ela vai abrir o curso e ela vai eh... fazer o reconhecimento do curso no MEC.

G: ah, sim.

H: que vai vir aquela avaliação, e tal. Autorizar o curso a funcionar. Depois disso, ter um doutorado é um empecilho no ensino privado. Assim então eu tive colegas, não no serviço

social, mas de outras áreas, em faculdades privadas, que terminaram o doutorado e não informaram para faculdade privada porque tinham medo de serem demitidas.

G: nossa. É um empecilho porque você fica mais caro para a faculdade

H: sim. Entendeu?

G: na folha de pagamento, né?

H: Eu, por exemplo, eu estava fazendo doutorado, mas ninguém da faculdade privada que eu trabalhava assim, sabia. E ainda bem que quando eu terminei, eu já não estava mais lá. Mas a gente tinha um medo assim, porque são os primeiros que vão ser demitidos

G: sim

H: vão rodar, mesmo.

G: nossa.

H: então é... é diferente, porque na universidade pública o que é que a gente valoriza? Exatamente os níveis de formação. A capacidade que aquele professor ele vai ter de captar recursos de realizar pesquisa

G: uhum. Professora não tenho mais nenhuma pergunta

H: [risadas]

G: da sua vida enquanto trabalhadora, enfim, enquanto professora, enquanto profissional, mas eu queria, antes de terminar,

H: uhum

G: perguntar para a senhora exatamente, agora, o que a senhora achou desse modelo de entrevista. Assim, que eu tentei trazer, assim, para... para a nossa conversa. Se a senhora achou que foi, que conseguiu falar tudo o que queria, sabe?

H: sim. Eu gosto. É... eu gosto do fato de não ter necessariamente um roteiro impresso, ali. Porque muitas vezes esse roteiro ele enrijece, endurece a entrevista

G: uhum

H: e... e gostei da proposta de de que o entrevistador, a entrevistadora não era uma pessoa que não se manifestava em nenhum momento, né? Então, às vezes a gente fica muito se controlando até onde a gente pode ir e se o que a gente vai falar não vai interferir é... na fala de quem tá sendo entrevistada e nem sempre isso é bom também, né? Porque a gente não é um objeto, e ali um sujeito

G: uhum

H: esse distanciamento. E às vezes, essa troca deixa até quem tá sendo entrevistado um pouco mais à vontade

G: mais a vontade

H: para poder falar um pouco mais. Só ter cuidado pra gente não adentrar demais ou se posicionar, assim, sempre depois que o entrevistado fala, e não antes, para que o que a gente fala não condicione

G: uhum

H: o que o entrevistado vai falar de alguma maneira, mas super de boas, tranquilo.

G: ai, obrigada. Assim, agora eu vou explicar um pouco para também fazer sentido a conversa. É só porque.. também não vou tomar muito do seu tempo

H: tranquilo. Eu tenho já é aula.

G: o meu... a senhora tem aula?

H: já já, 10 horas.

G: não, vou...

H: fale, pode falar. Relaxe.

G: é um minuto! Só para explicar mesmo

H: uhum

G: porque o meu trabalho é justamente para fazer esse essa discussão sobre tipo de entrevista

H: uhum

G: no campo da comunicação, pelo menos, são muitas tipologias de entrevista que existem. E aí, no meu trabalho, eu proponho três modelos que... um é mais perto de um questionário, é um modelo bem estruturado. Um é mais perto do semi-estruturado, que foi justamente o que a gente falou

H: uhum

G: no início da conversa, que eu chamo de ritual informativa. Segue um ritual,

H: uhum

G: mas busca informação. E o último é esse que é

H: totalmente aberto

G: o que é o mais próximo do diálogo, não tem nada escrito, justamente foi a observação que a senhora fez para tentar mostrar qual talvez é o mais rico para a apuração jornalística

H: uhum

G: qual traz mais informação, qual faz mais sentido enquanto jornalista, enquanto repórter.

H: legal, vai dar certo.

G: é isso

H: bom trabalho!

